

**Universidade do Estado do Pará  
Centro de Ciências Sociais e Educação  
Programa de Pós-Graduação em Educação**



**MARILÍDIA GUIMARÃES ALVES**

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE INCLUSÃO  
DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA**



Belém – PA  
2024

MARILIDIA GUIMARÃES ALVES

## **A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE INCLUSÃO DAS CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA**

Texto apresentado como requisito, para obtenção do título de mestre, ao Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará, Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará Linha: Saberes Culturais e Educação na Amazônia.

Orientadora: Professora Dra. Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso.

Belém – PA  
2024

*Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP) de acordo com o ISBD  
Sistema de Bibliotecas da Universidade do Estado do Pará*

---

A474 Guimarães, Marilídia Alves

A afetividade no processo de inclusão das crianças com  
deficiência / Marilídia Guimarães Alves . — Belém, 2024.  
106f.

Orientadora: Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso  
Dissertação (Programa de Pós-Graduação em Educação) -  
Universidade do Estado do Pará, Campus I - Centro de Ciências  
Sociais e Educação (CCSE), 2024.

1. Afetividade. 2. Inclusão. 3. Deficiência. I. Título.

CDD 22.ed. 371.9

---

Elaborada por Priscila Melo CRB2/1345

MARILIDIA GUIMARÃES ALVES

**A AFETIVIDADE NO PROCESSO DE INCLUSÃO DAS CRIANÇAS  
COM DEFICIÊNCIA**

Data da Defesa:

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade do Estado do Pará, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Educação.

Banca examinadora:

**Linha de Pesquisa:** Saberes Culturais e Educação na Amazônia

**Orientadora:** Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso

---

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup> Maria do Perpétuo Socorro Pereira Cardoso  
Universidade do Estado do Pará – PPGED/UEPA

---

Membro Interno:

Prof. Dr. José Anchieta de Oliveira Bentes  
Universidade do Estado do Pará – PPGED/UEPA

---

Membro Externo:

Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Laura Maria Silva Araújo Alves  
Universidade Federal do Pará – PPGED-ICED/UFPA

Belém – PA  
2024

## **AGRADECIMENTOS**

Gostaria de agradecer a minha querida professora e orientadora Socorro Pereira Cardoso por ter sido tão afetiva no momento mais difícil da minha vida. Onde pensei em desistir do mestrado por não estar em condições emocionais de pensar com tranquilidade e poder produzir como gostaria.

Algo que ela nem sabe é que estava andando sem direção e de repente parei em uma farmácia e havia umas cadeiras, parecia que a farmácia estava oferecendo um café com umas frutas para seus clientes que chegavam, mas graças a Deus naquele momento a farmácia estava vazia e eu tentava conter as lágrimas até que uma funcionária da farmácia chega e me oferece um copo de água.

Naquele momento de tristeza e angústia sem saber com quem conversar veio a preocupação com meu trabalho de qualificação do mestrado que precisaria terminar e enviei uma mensagem escrita via WhatsApp para minha orientadora, a professora Socorro Cardoso, dizendo que não daria conta de concluir o curso por estar passando por um momento muito difícil da minha vida (para não dizer o mais difícil) e que precisaria trancar o mestrado.

Em alguns minutos a professora respondeu dizendo: que eu não poderia e nem deveria trancar o mestrado, isso era início de 2023, partilhei com ela um pouco do meu sofrimento e mesmo online a professora me ouviu e me enxergou, dizendo que daria tudo certo, para eu ter calma e que era para eu continuar realizando o trabalho com tranquilidade e colocando o que já havia pesquisado no papel e se fosse preciso poderíamos prorrogar o prazo da qualificação, mesmo não sendo a melhor opção.

Naquele momento uma tranquilidade tomou conta de mim, trazendo um pouco mais de paz ao meu coração com um sentimento de muita gratidão pela professora ter simplesmente me escutado. Fiquei muito agradecida a Deus por tê-la colocado em minha vida. E por que estou relatando isso no meu agradecimento? Pois, observei nessa situação que mesmo na distância física podemos ser afetivos e mudar o rumo da vida das outras pessoas. O que eu precisava naquele momento era simplesmente ser ouvida, que alguém me enxergasse.

Foi a partir dessa escuta afetiva que a professora Socorro me tocou e fui capaz de me posicionar, desviando no momento de algumas situações e hoje estou aqui defendendo minha dissertação.

Meu muito obrigada querida e amada professora, por você está disposta a investir em você e poder atingir outras pessoas com esse olhar carinhoso e afetivo. E não poderia deixar de partilhar essa situação que mesmo sendo íntima transformou a minha história.

Gostaria de agradecer também todos os professores que com sua amorosidade impactaram minha vida com suas relações afetivas me trouxeram a sensibilidade de olhar o OUTRO como acredito que Jesus olharia, acreditando que o SER HUMANO vale a pena, independentemente de sua condição, diferença e individualidade.

Gostaria de agradecer aos meus filhos amados: Daniel meu filho mais velho que hoje está com 19 anos por todo seu companheirismo, parceria que mesmo no seu jeito calado e tímido, demonstra seu amor no olhar sendo esse filho responsável e dedicado no que faz, trazendo tranquilidade ao meu coração. Ao meu filho Mateus, 17 anos, por ser esse filho tão parceiro e colaborador me ajudando sempre que precisava, principalmente com seus irmãos mais novos. Ao meu filho Davi de 13 anos, costumo dizer que é meu “Pinga fogo”, por todo seu entusiasmo e alegria de viver, que sempre que pedia ajuda para me dedicar aos estudos procurava mesmo “aprontando”, não ficar tão perto para não me prejudicar com o trabalho de pesquisa. A minha querida filha Ester de 12 anos, tão companheira e sensível, sempre procurando me apoiar com suas palavras de carinho, dizendo “vai dar tudo certo mamãe”, em alguns momentos se fazendo de “minha mãe” demonstrando cuidado comigo, trazendo algo para eu comer ou beber nos momentos de escrita.

Ao meu esposo que mesmo com todas as suas limitações e dificuldades me desafiou a ir sempre mais além, fazendo com que eu buscasse com mais força aquilo que desejava, fazendo eu acreditar que sonhar e acreditar vale a pena!

Aos meus queridos pais Maria José, 74 anos e José Elis, 68 anos que com tanto carinho, afeto e dedicação me fizeram acreditar que eu seria capaz de realizar tudo que eu sonhasse, mesmo sem condições financeiras e estruturais.

Eles que não conseguiram completar seus estudos, meu pai parou na 4ª série do ensino primário e minha mãe no 1º ano do ensino do magistério.

Renunciaram aos estudos deles para se dedicarem a família, minha mãe com a casa e os 4 filhos que tiveram e meu pai com o dever de sustentar a família.

Sempre estavam incentivando a mim e meus irmãos nos estudos para que pudéssemos chegar aonde eles não chegaram. Essas eram as palavras de meu pai

para nós filhos. E por isso tenho a obrigação de chegar o mais longe que eu puder, para no mínimo agradecê-los por tudo que fizeram por mim.

Aos meus irmãos, companheiros e amigos que sempre se disponibilizaram a ajudar em tudo que precisava. Sempre com palavras de carinho, deixando sempre claro o quanto sou amada e importante para eles em qualquer situação e que posso contar com eles quando precisar.

Ao querido professor Anchieta Bentes, que sempre que o procurei para alguma dúvida ou orientação não se opôs a me ajudar, sempre com seu olhar amoroso e mesmo com muitas obrigações e responsabilidades acadêmicas não se negou a dar seu sim ao próximo. Meu muito obrigada professor!

A toda equipe do CRIE – Centro de Referência em Inclusão Educacional Gabriel Lima Mendes que me recebeu com tanto carinho e afetividade em todo período que estive com eles em especial a minha amiga e coordenadora do NAEE – Núcleo de atendimento educacional especializado Margareth Carvalho, que não mediu esforços para me apoiar em todo processo de formação para que eu chegasse até aqui. Meu muito obrigada!

E por fim ao meu querido Deus! que na verdade não é o fim, mas o início, o meio e o fim de todas as coisas. Que usou todas essas pessoas para serem canais da graça Dele em minha vida!

Ele me fez enxergá-Lo em cada pessoa e mostrar mais uma vez que está presente em todos os momentos da minha vida, guiando e conduzindo nas minhas escolhas que é o maior presente que Ele pode me dar – A liberdade.

ALVES Guimarães, Marilídia. **A Afetividade no Processo de Inclusão das Crianças com Deficiência**. Dissertação (Mestrado em Educação) - Programa de Pós-Graduação em Educação - Universidade do Estado do Pará, 2024. 109 f.

## RESUMO

O presente trabalho teve como tema: A afetividade no processo de inclusão das crianças com deficiência. Pretendeu-se analisar os aspectos da afetividade de uma professora com as crianças com deficiência no Atendimento Educacional Especializado - AEE e investigar seus impactos no processo de inclusão dessas crianças. Os autores de base utilizados para essa pesquisa foram: Wallon (1995), Isabel Galvão (1995), Lucia Rabello de Castro (2013) e José Carlos Libâneo (2021). A dissertação teve como objetivo específico, compreender os fundamentos da afetividade na perspectiva da inclusão, averiguar como a professora interage com os alunos durante o atendimento e suas estratégias foi possível identificar possíveis avanços e desafios da professora que trabalha com educação infantil, para o processo de inclusão das crianças com deficiência. Tratou-se de uma pesquisa de abordagem qualitativa com coleta e análise de dados, foram realizadas entrevistas semiestruturadas com a professora pesquisada. O método escolhido foi o fenomenológico de Alfred Schütz (2012), A escolha pelo sujeito da pesquisa se deu pelo fato da professora ser referência na área do AEE - Atendimento Educacional Especializado e possuir uma vasta experiência e prática com as crianças com deficiência de nossa região. Com os resultados encontrados foi possível observar o conceito e fundamentos da afetividade na perspectiva da inclusão escolar, sua importância no processo de inclusão, os avanços e desafios encontrados no processo de inclusão adotados em nossa região com as crianças com deficiência e o quanto a afetividade é necessária para o processo de inclusão dessas crianças.

**Palavras-chave:** Afetividade; Inclusão; Deficiência.



## ABSTRACT

The theme of this work was: Affection in the process of inclusion of children with disabilities. The aim was to analyze the aspects of a teacher's affection towards children with disabilities in the Specialized Educational Service - AEE and investigate its impacts on the inclusion process of these children. The base authors used for this research were: Wallon (1995), Isabel Galvão (1995), Lucia Rabello de Castro (2013) and José Carlos Libâneo (2021). The dissertation had the specific objective of understanding the foundations of affectivity from the perspective of inclusion, investigating how the teacher interacts with students during care and her strategies, it was possible to identify possible advances and challenges for the teacher who works with early childhood education, for the process of inclusion of children with disabilities. This was a qualitative research with data collection and analysis, semi-structured interviews were carried out with the researched teacher. The method chosen was the phenomenological method of Alfred Schütz (2012). The choice for the research subject was due to the fact that the teacher is a reference in the area of AEE - Specialized Educational Service and has extensive experience and practice with children with disabilities in our region. . With the results found, it was possible to observe the concept and foundations of affectivity from the perspective of school inclusion, its importance in the inclusion process, the advances and challenges found in the inclusion process adopted in our region with children with disabilities and how much affectivity is necessary for the inclusion process of these children.

**Keywords:** Affection, Inclusion; Deficiency.

ABA - Applied Behavior Analysis/ Análise do Comportamento Aplicada  
AEE – Atendimento Educacional Especializado  
AGNU - Assembleia Geral das Nações Unidas  
AVDs - Atividades de Vida Diárias  
CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior  
CEP – Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos  
CENTUR - Centro Cultural e Turístico Tancredo Neves  
CNE – Conselho Nacional de Educação  
COEES - Coordenadoria de Educação Especial  
CRIE – Centro de Referência em Inclusão Educacional Gabriel Lima Mendes DI -  
Deficiente Intelectual  
ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente  
EJA - Educação de Jovens e Adultos  
EMEI- Escola Municipal de Educação Infantil  
HP - Hora Pedagógica  
IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística  
IFPA – Instituto Federal do Pará  
LBI - Lei brasileira de Inclusão  
LDB – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional  
LIBRAS - Língua Brasileira de Sinais  
MEC – Ministério da Educação e Cultura  
NAEE - Núcleo de Atendimento Educacional Especializado  
PDI - Plano de desenvolvimento Individualizado  
PNE – Plano Nacional de Educação  
PPGED – Programa de Pós-Graduação e Educação  
PAEE - Plano de Atendimento Educacional Especializado  
PEI - Plano de Ensino Individualizado.  
PPP – Projeto Político Pedagógico  
PROATEA - Programa de Atendimento ao Transtorno do Espectro Autista  
SEMEC - Secretaria Municipal de Educação  
SIGA - Sistema de Informação em Gestão Acadêmica  
TCLE - Termo de Consentimento Livre e Esclarecido  
TEA - Transtorno do Espectro Autista

TGD - Transtornos Globais do Desenvolvimento

UEI - Unidade de Educação Infantil

UEPA - Universidade Estadual do Pará

UFPA - Universidade Federal do Pará

<b>FOTOGRAFIA 1 - CRIE - Centro de Referência em Inclusão Educacional Gabriel Lima Mendes.....</b>	<b>18</b>
<b>FOTOGRAFIA 2 – EMEI - Escola Municipal de Educação Infantil Lúcia de Castro.....</b>	<b>19</b>
<b>FOTOGRAFIA 3 – Material Fornecido pela escola .....</b>	<b>62</b>
<b>FOTOGRAFIA 4 – Materiais confeccionados pela professora.....</b>	<b>63</b>
<b>FOTOGRAFIA 5 – Materiais confeccionados pela professora.....</b>	<b>63</b>
<b>FOTOGRAFIA 6 – Materiais confeccionados pela professora.....</b>	<b>63</b>
<b>FIGURA 1: Pesquisas que abordam: Afetividade na Educação Especial.....</b>	<b>20</b>
<b>FIGURA 2: Pesquisas que abordam: Afetividade na Educação Infantil.....</b>	<b>21</b>
<b>FIGURA 3 – ODS - Objetivos do Desenvolvimento Sustentável da ONU.....</b>	<b>30</b>

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b> .....	12
1.1 Percorrendo os caminhos da Educação Especial na Cidade de Belém.....	17
1.2 Contextualização do objeto de pesquisa .....	19
1.3 Objetivos .....	25
1.4 Objetivos Específicos .....	25
<b>2 REFERENCIAL TEÓRICO</b> .....	27
2.1 Percurso Histórico da Educação Infantil e Inclusiva no Brasil.....	27
2.2 Wallon na Educação .....	33
2.3 Afetividade na Educação.....	38
2.4 O Eu e o Tu .....	43
<b>3 METODOLOGIA</b> .....	50
3.1 Estudo de Caso.....	54
<b>4. ANÁLISE DOS DADOS</b> .....	56
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	92
<b>6 REFERÊNCIAS</b> .....	95
<b>ANEXO</b> .....	98

## 1 INTRODUÇÃO

### Um pouco de mim...

O mestrado foi um desafio para mim enquanto pessoa e profissional.

O sonho do mestrado começou há alguns anos, período em que ainda estava na graduação.

Desde muito nova me dedicava em ajudar as pessoas e sentir-me útil através do serviço, que era algo motivador, principalmente quando somos jovens e estamos buscando um sentido para vida. Um período de escolhas e posicionamento no mundo.

Era possível perceber que meu investimento na pessoa humana trazia resultados cada vez mais surpreendentes. Não digo isso pela mudança do outro, mas principalmente pela minha. A forma de olhar e enxergar o mundo e as pessoas se transformava à medida que nos aproximávamos deles. Uma frase que ouvi uma vez de um sacerdote tocou profundamente minha vida; onde ele dizia: “Quando não conhecemos, julgamos e quando conhecemos passamos a amar”.

Essa frase fez com que eu pudesse ir além das minhas possibilidades e das minhas capacidades, mas me trazia o desejo de ir ao encontro do outro agora com uma expectativa de conhecê-lo ainda mais e poder observá-lo na sua essência com o amor mais genuíno possível. Nesse período eu e um grupo de jovens realizávamos um “serviço” chamado: “serviço da misericórdia” que conheci no período em que fui fazer uma experiência em uma comunidade de irmãs católicas na cidade do Rio de Janeiro. Lá nós íamos ao encontro dos “irmãos de rua”, onde todas as quintas feiras íamos para as ruas no horário das 18 horas nas Avenidas: Brasil e Uruguaiana no centro do Rio de Janeiro (quem conhece essas avenidas sabe da sua complexidade) e naquele local entregamos sopa para as pessoas que ali ficavam, moravam e se abrigavam.

E qual era o objetivo? Muitos que passavam pelo local pensavam que queríamos fazer com que aquelas pessoas saíssem das ruas, das drogas ou voltassem para suas casas, para o seio de suas famílias, mas o único objetivo era olhá-los com amor, sem julgamento ou discriminação independente da condição em que se encontravam. Nosso propósito era estar com eles naquele momento,

inclusive eles já nos aguardavam todas as quintas feiras por saberem da constância das nossas visitas.

E quantas pessoas eram? Eram muitas um mar de gente embaixo das marquises das lojas, dentre elas: adultos, crianças, idosos e alguns animais que os faziam companhias. E pensem como eu voltava de lá? Retornava para a comunidade transformada todas as quintas feiras, pensando no olhar de cada pessoa, a alegria que tinham em nos esperar, alguns mal era possível falar, apenas deixávamos a marmita no lado deles e íamos embora, outros naquele dia adiavam a bebida e as drogas para nos esperar e nos receber. Uma experiência única a cada semana.

Mesmo depois não seguindo o caminho da vocação à irmandade, retornei para minha cidade no interior do Rio de Janeiro e continuei a realizar o “serviço da misericórdia” com as pessoas e jovens da comunidade que participava anteriormente. Nesse período como já havia concluído o ensino médio com o antigo magistério e já atuava como professora, escolhi o curso de Psicologia como graduação, pois era o curso que eu acreditava que poderia ajudar mais pessoas.

Sem deixar de falar do meu TCC – trabalho de conclusão de curso na graduação que vai ao encontro da minha pesquisa de mestrado, pois ambas falavam da importância da relação e do encontro com o outro, foi na abordagem da Gestalt terapia.

Na época tive uma professora que me auxiliou e muito em meu processo de transformação, como ela tinha um grande envolvimento com a psicologia social fui me encantando com seu método de trabalho o que me levou a realizar um estudo de caso sobre a relação terapêutica entre o psicólogo e o paciente. Desenvolvemos o tema: “O Contato em Gestalt: Da origem à condição fundamental na Relação Terapêutica”. Esse trabalho muito me ajudou no meu processo de vir a ser no mundo. Como nos disse Rogers (1995, p. 111): “Entrar realmente no mundo do outro, com aceitação, cria um tipo de vínculo muito especial que não se compara a nenhuma outra coisa que eu conheça”.

Apreendi que o encontro com o outro deve ser da forma mais genuína possível, como alguém entra num santuário à procura do sagrado como nos dizia Jorge Ponciano (1997).

Retornando ao sonho do mestrado.... após a graduação o sonho do mestrado foi adiado para o desejo de formar uma família, pois, em um determinado momento

da minha vida esse sonho falou mais alto e por um longo período, alguns anseios profissionais foram deixados de lado. Nesse momento estaria indo ao encontro do meu esposo e filhos.

No período ainda da graduação um professor de estatística em psicologia me chamou e pediu que o procurasse assim que concluísse o curso, pois me ofereceria uma oportunidade de bolsa no mestrado, pois acreditava que eu me enquadrava nos requisitos para a seleção do referido curso, no entanto logo ao terminar minha graduação me casei e acompanhei meu esposo até Altamira/PA onde começaria a colocar em prática minha tão sonhada profissão de psicóloga e pensem, outra experiência incrível.

Chegando em Altamira me encantei com a cidade e o povo acolhedor, realizei trabalhos voluntários com dependentes químicos, soropositivo e fui à época contratada para substituir uma psicóloga em suas férias no CAPS da cidade.

Em seguida abriu o PSS para professora substituta da UFPA e por ter ficado em segundo lugar na classificação, dediquei a minha profissão em paralelo com a formação de minha família, período em que engravidei e quando fui chamada para tão sonhada profissão de professora universitária me encontrava no período de puerpério, renunciando à carreira que desejava para me dedicar a família, não me sentindo tranquila para assumir o cargo.

Nesses quase 21 anos tive meus 4 filhos e sempre que podia realizar algum trabalho, seja ele remunerado ou não para manter viva a chama do serviço ao próximo.

Meu desejo era atuar com minha formação e o desejo de me qualificar ainda mais para melhor servir.

Anos se passaram e após morar em alguns interiores do Pará e obter muitas outras experiências, vim me encontrar na capital paraense em Belém e tive a oportunidade de realizar um processo seletivo temporário para psicóloga da SEMEC - Secretaria Municipal de Educação, para trabalhar em um Centro de referência em Inclusão Educacional.

Período este que serviu de experiência e muito aprendizado, porém algo aconteceu de especial naquele local.

No Centro de referência fui desafiada a trabalhar com PCDs - pessoas com deficiência, ali tive a oportunidade de trabalhar com diversos tipos de deficiências dentre elas: Física, DI - Deficiência Intelectual, TEA - Transtorno do espectro autista



dentre outras. Neste período tive um grande incentivo das colegas de trabalho para tentar o processo seletivo de mestrado em Educação da UEPA, por ter me identificado muito com o trabalho que estava desempenhando.

Eu realmente me encantei com o trabalho em educação especial, me sentindo motivada a encarar mais um novo desafio.

Após aprovação na prova escrita do processo seletivo no mestrado em educação da UEPA, ao apresentar meu pré-projeto em Educação Inclusiva e posteriormente na entrevista, me coloquei à disposição para alterar tudo que fosse necessário, porém meu maior desejo seria permanecer com o viés da Educação Inclusiva, pois foi exatamente ela que me motivou a encarar mais esse desafio.

Me vi encantada com o trabalho que realizava no município de Belém e me deparei com o questionamento: o que seria possível realizar para trazer uma melhor qualidade de vida àquelas crianças e suas famílias? Apesar de suas limitações físicas, intelectuais, emocionais e psíquicas, como seria possível minimizar suas dificuldades em meio a tantos desafios encontrados desde as políticas públicas de nosso país, como também uma sociedade preconceituosa e excludente em que vivemos?

Dessa forma surge minha questão problema, após vários atendimentos e acompanhamentos com famílias e alunos no NAEE – Núcleo de Avaliação Educacional Especializada (programa vinculado ao Centro de referência) que apresentavam algum tipo de transtorno ou dificuldade de aprendizagem me questione se a atuação dos profissionais que trabalhavam com essas crianças estava de fato incluindo ou excluindo esses alunos em seus meios escolares ou familiares?

E ao observar o acolhimento que as crianças e suas famílias recebiam no espaço de trabalho me questionei sobre a importância da afetividade no atendimento para o real processo de inclusão que estava por vir.

Minha experiência em um Centro de referência na cidade de Belém foi de fundamental importância para esse olhar crítico da atuação e acolhimento dos professores com as crianças com deficiência que são atendidas e acompanhadas nas SRM das escolas.

Penso que no processo de inclusão a afetividade se torna ainda mais importante para que a criança com deficiência possa se sentir ainda mais amparada.

Dessa forma surgiu a ideia de realizar um estudo de caso com uma professora que possui uma extensa caminhada na área de educação especial, e tem se tornado referência no atendimento educacional especializado na cidade de Belém.

Esse estudo tem uma grande relevância para o trabalho que vem sendo desenvolvido e uma análise do que precisamos melhorar no campo da educação inclusiva.

A reflexão sobre a importância do olhar em educação inclusiva se faz necessário para uma educação mais igualitária e sem discriminação dando oportunidade a todos e todas as crianças em suas individualidades e singularidades para que possamos ter um comportamento mais inclusivo para uma educação mais justa e heterogênea onde se respeita as diferenças em todas as suas dimensões.

O respeito parte do princípio da aceitação do outro em sua individualidade e diferença.

No processo de desenvolvimento do mestrado foi possível vivenciar esse respeito entre os colegas de turma e professores e esse respeito veio impactar minha vida de uma forma positiva e afetiva ainda mais.

Sempre digo que no encontro com o outro ganhamos muito, pois a cada encontro uma transformação.

Descobri também o quanto as relações afetivas nos impactam profundamente em tudo que fazemos de forma positiva ou não, quanto é fundamental e vital para continuidade da autonomia e autenticidade do ser.

É a partir da análise dessa afetividade entre professor e aluno que almejo descobrir o quanto essas emoções impactam positivamente ou não o desenvolvimento dessas crianças que são atendidas nas SRM - sala de recursos multifuncionais pelo professor especializado e como o olhar da professora pesquisada interfere no processo de inclusão ou não das crianças com algum tipo de deficiência.

Queremos analisar se a afetividade facilita ou não no processo de inclusão dessas crianças.

## 1.1 Percorrendo os caminhos da Educação Especial na Cidade de Belém

A presente pesquisa de campo seria realizada exclusivamente em um Centro de referência em inclusão da região metropolitana de Belém.

Fotografia 1



Figura 1: Nessa imagem podemos observar a fachada do prédio do CRIE – Centro de Referência em Inclusão Educacional Gabriel Lima Mendes, localizado na Av Gentil Bitencourt, no centro de Belém.

Com a atual implantação das SRMs - Salas de Recursos Multifuncionais nas UEs - Unidades de Educação Infantil e nas EMEIs - Escolas Municipais de Educação Infantil, fomos forçados a ampliar nosso lócus de pesquisa, o que seria apenas no Centro de referência em inclusão, agora será ampliado para mais uma EMEI Lucia Soares de Castro situada em uma avenida na região metropolitana de Belém. A justificativa pela escolha da EMEI acima citada se dá pelo fato dela ser a escola pioneira no trabalho que está sendo desenvolvido. Essa escola pública está vinculada à Prefeitura Municipal de Belém e ao CRIE e ser uma escola da educação infantil e do ensino fundamental.

Fotografia 2



Figura 2: Fachada da EMEI – Escola Municipal Lúcia Soares de Castro, localizada na Av: João Paulo II, no Bairro Castanheira, região metropolitana de Belém.

O AEE - Atendimento Educacional Especializado previsto no Decreto Nº 6.571/08 às crianças com deficiência da educação infantil do município de Belém, já estava sendo realizado pelo CRIE e no CRIE, no entanto não se tratava de uma SRM como prevê o Decreto nº 6.094/ 2007, portaria 13/2007 que orienta sobre o programa de implantação das Salas de Recursos Multifuncionais e sim um projeto que vinha sendo desenvolvido desde 2018 com as crianças do jardim II que já estavam para finalizar seu ciclo na educação infantil e não possuíam nenhum tipo de atendimento. Na ocasião foi realizada triagem com as crianças que procuravam o Centro, essas crianças eram do bairro do Guamá, periferia de Belém, no início do projeto eram no total de 12 crianças. O objetivo do trabalho era gerar um relatório para auxiliar os professores da Educação Fundamental nas SRM que já estavam em vigor.

Confesso que com essa mudança recente na estrutura do trabalho que havia conhecido anteriormente da Educação Infantil Especial, pensei em desistir do tema, mas fui desafiada a ir ao encontro desses professores que estavam sendo remanejados e selecionados em processos da prefeitura para realização da função de professor especializado.

Com certeza o trabalho seria mais árduo, o deslocamento para mais escolas, restou recorrer à equipe de coordenação do CRIE e solicitar intermédio para que pudesse explicar aos professores do que se tratava minha pesquisa para esclarecer sobre o TCLE e adquirir a autorização a princípio dos professores para iniciar as entrevistas semiestruturadas. E não posso negar que tem sido maravilhoso o

encontro e o contato com os professores da Educação Especial do Município de Belém.

A educação é transformadora, desafiadora e requer muita amorosidade e afeto para continuarmos na luta que não é pequena.

No decorrer do trabalho de pesquisa espero tocá-los com a experiência que fui levada a vivenciar no encontro afetivo com os professores no momento das entrevistas.

No entanto, após orientações na qualificação deste trabalho e revisões do texto, juntamente com a orientadora resolvemos explanar o trabalho no formato de um estudo de caso com uma professora que apresentou uma grande experiência com as crianças com deficiência.

## 1.2 Contextualização do objeto de pesquisa

O Antes de iniciarmos nosso trabalho precisamos entender o processo histórico como nos diziam nossas professoras Maria do Perpetuo Socorro Gomes de Souza Avelino de França<sup>1</sup> e Maria Betânia Barbosa Albuquerque<sup>2</sup> na disciplina “Fundamentos Históricos e Filosóficos da Educação Brasileira” que focaliza o processo pelo qual determinadas orientações teóricas foram se construindo na trajetória da educação brasileira e tinha como objetivo o estudo da trajetória da história da educação no Brasil.

Segundo as pesquisadoras, para tudo existe um processo histórico em seu tempo e em seu espaço e um dos objetivos da disciplina que ministrava é estimular o desenvolvimento de pesquisas educacionais numa perspectiva histórica e filosófica.

Tudo que se conquista hoje são reflexos de um processo histórico do passado.

E para um maior esclarecimento sobre nosso tema é preciso entender uma pouco da história da educação inclusiva até os tempos atuais, principalmente na

---

<sup>1</sup> Professora Doutora do Curso de Pedagogia e do Mestrado e Doutorado em Educação do Centro de Ciências Sociais e Educação da Universidade do Estado do Pará. <http://lattes.cnpq.br/7005058905002975>.

<sup>2</sup> Professora Doutora do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade do Estado do Pará (UEPA), na Linha de Pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. <http://lattes.cnpq.br/6849661131305117>.

educação infantil que é nosso público-alvo e como se tem trabalhado com as crianças que apresentam algum tipo de deficiência, quais as práticas que os professores têm utilizado para que a educação inclusiva aconteça em seus aspectos escolares e sociais.

Para esse entendimento foi necessário realizar uma investigação sobre o tema e observou-se que ocorreram alguns avanços nos estudos e na pesquisa referente a essa temática, no entanto muito ainda há para se fazer para que essas crianças tenham integração do desenvolvimento infantil, englobando os campos funcionais<sup>3</sup> da afetividade.

Henri Wallon, salientou sobre a importância da afetividade no desenvolvimento infantil, considerando-a um elemento essencial que interage com os aspectos cognitivos e motores, nos propondo sobre a psicogênese da pessoa completa, Lev Vygotsky nos fala da importância das interações sociais e afetivas para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças. Jean Piaget reconheceu que o desenvolvimento emocional é fundamental para a aprendizagem e para o desenvolvimento geral da criança. Paulo Freire enfatizou a importância do diálogo, do respeito e da afetividade no processo educacional, destacando que a educação deve ser um ato de amor.

Em 1994 a declaração de Salamanca, estabelece princípios para a educação inclusiva, enfatizando a necessidade de criar ambientes escolares acolhedores e afetivos para todos os alunos, incluindo aqueles com deficiência.

No primeiro ano do mestrado foi possível fazer um levantamento principalmente na região norte onde está inserida a Amazônia, sendo ela parte integrante da nossa linha de pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia que tem como objetivo investigar temas educacionais relacionados ao contexto cultural brasileiro e amazônico, refletindo sobre saberes, representações, imaginários, conhecimentos e poder inerentes às práticas socioculturais e educativas, objetiva também contribuir para a construção de práticas sociais e educacionais inovadoras sendo este o principal objetivo de nossa pesquisa.

---

<sup>3</sup> Wallon indicou a existência de três campos funcionais: a emoção (afetividade), a psicomotricidade (movimento) e a inteligência. A integração destes 3 campos funcionais, no processo contraditório do desenvolvimento, dá origem à pessoa "completa".

É possível destacar também que um dos objetivos da linha de pesquisa<sup>4</sup>, dada a sua natureza, favorece a integração das diferentes áreas de conhecimento da: educação, filosofia, sociologia, letras, educação física, psicologia, dentre outras, tendo como eixo temático os saberes, cultura e educação inclusiva na Amazônia, que realiza estudos sobre saberes em diferentes contextos culturais e educacionais da Amazônia, envolvendo comunidades da educação do campo: ribeirinhas, quilombolas, indígenas, entre outros; da educação popular, como jovens, adultos e idosos, da educação especial, pessoas com deficiência e crianças em sua dimensão lúdica e cultural, sempre buscando debater políticas e práticas de inclusão social e educacional.

E pautada nos objetivos propostos pela linha de pesquisa juntamente com o tema de pesquisa selecionado, foi realizado um estudo da arte nos bancos de teses e dissertações da CAPES.

Identificamos a relevância do tema: “Afetividade na Educação”, “Afetividade em Henri Wallon”, “Afetividade com as crianças com deficiência”, “Afetividade no processo de Inclusão”.

É um tema muito importante e foi pesquisado em alguns trabalhos anteriores, e conseguimos identificar alguns trabalhos com relevância para desenvolvimento da nossa pesquisa, mas nenhum que contemplasse todos os aspectos que estamos pesquisando ao mesmo tempo.

Esse tema nos levou aos bancos de teses e dissertações, a fim de saber o que se tem pesquisado nas Instituições de Ensino Superior no Brasil, no campo da educação, sobre a afetividade como fator facilitador de inclusão das crianças da Educação infantil com deficiência.

Para tanto, fizemos um levantamento de teses e dissertações na Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES, Universidade Estadual do Pará - UEPA e Universidade Federal do Pará - UFPA.

O período pesquisado correspondeu aos últimos 10 anos (2012 a 2022). Utilizamos como descritores de busca: “afetividade na educação infantil com crianças com deficiência”, mas como ficou um tema muito amplo, fomos direcionando melhor a nossa busca e depois utilizamos “afetividade na educação especial” e a “afetividade na educação infantil”. Retiramos o subtema prática

---

<sup>4</sup> PPGED - Objetivos da linha de pesquisa: Saberes Culturais e Educação na Amazônia. <https://ccse.uepa.br/ppged>

pedagógica após orientação da banca de qualificação para melhor delimitação e conclusão da pesquisa.

A combinação dos três descritores: “Afetividade”, “Deficiência” e “Inclusão” não encontramos nenhum trabalho, foi localizado apenas uma tese de doutorado que falava da afetividade em Wallon, as práticas pedagógicas com crianças da educação infantil, mas não contemplava crianças com deficiência e nem abordava sobre inclusão.

Já nos repositórios dos programas de pós-graduação da UEPA e UFPA, não encontramos nenhuma pesquisa que tratasse do tema da afetividade em combinação com crianças com deficiência.

O Quadro 1 apresenta os resultados desse levantamento da CAPES, cujos temas se aproximam do nosso objeto de pesquisa.

**Figura 1** : Pesquisas que abordam “afetividade na educação especial”.

<b>Autor</b>	<b>Título</b>	<b>Ano</b>	<b>Universidade</b>
SILVA, ELSON KLUSVICK DA	Afetividade E Inclusão Na Educação Especial	2017	UNIVERSIDADE CATOLICA DE PETROPOLIS - UCP DISSERTAÇÃO
ARAUJO, LUCIANA SOUZA	Cognição E Afetividade Na Escolha Docente Pela Educação Especial	2013	UNIVERSIDADE DE TAUBATÉ - DISSERTAÇÃO
BARBOSA, IRENILSON DE JESUS.	No Olimpo Da Inclusão: A Importância Da Afetividade Na Educação De Pessoas Com Deficiência Visual	2016	UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA TESE
SANTOS, TERESA CRISTINA COELHO DOS	Educação Inclusiva: Práticas De Professores Frente À Deficiência Intelectual	2012	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - DISSERTAÇÃO
MOTA, CLEBSON DOS SANTOS	A Influência Da Relação Afetiva Entre Professores E Estudantes Do Curso De Educação Física Da Les No Processo De Formação Acadêmica	2017	UNIVERSIDADE ESTADUAL DE FEIRA DE SANTANA - DISSERTAÇÃO
SAYLA, Bantu Mendonça Katchipwi	Reflexões Pedagógicas: Diálogo E Afeto Enquanto Motriz Pedagógico	2012	UNIVERSIDADE DO SUL DE SANTA CATARINA - DISSERTAÇÃO
GOELZER, JULIANA	O Diálogo E A Afetividade No Contexto Da Educação Infantil: As “Pessoas Grandes” Dizendo A Sua Palavra	2014	UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA - DISSERTAÇÃO
LOPES, CAROLINA DA SILVA	O Professor Diante Das Situações De Conflito Na Educação Infantil	2016	UNIVERSIDADE ESTADUAL



	Na Perspectiva Da Teoria De Henri Wallon		PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO - DISSERTAÇÃO
SILVA, LINDA CARTER SOUZA DA	Relação Entre Educação Em Direitos Humanos E Educação Inclusiva Nas Concepções E Práticas De Professores De Um Estudante Cego	2018	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO NORTE - DISSERTAÇÃO
AMARAL, CAROLINE BOHRER DO	Estratégias Pedagógicas Para O Ensino Fundamental: Um Enfoque Na Dimensão Socioafetiva	2017	UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL - TESE
VIVIANE APARECIDA FERREIRA FAVARETO CACHEFFO	Afetividade Na Creche: Construção Colaborativa De Saberes E Práticas Docentes A Partir Da Teoria Walloniana	2017	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA FACULDADE
CARVALHO, SANDRA PAVOEIRO TAVARES	Narrativas Sobre Inclusão De Crianças Com Necessidades Educacionais Especiais Em Uma Escola Municipal De Educação Básica De Cuiabá-Mt	2017	UNIVERSIDADE FEDERAL DE MATO GROSSO - TESE

Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2023)

**Figura 2 :** Pesquisas que abordam “AFETIVIDADE NA EDUCAÇÃO INFANTIL”

CACHEFFO, VIVIANE APARECIDA FERREIRA FAVARETO	Manifestações Afetivas Nas Concepções E Práticas Educativas No Contexto Da Creche: Reflexões A Partir Da Perspectiva Walloniana	2012	UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA JÚLIO DE MESQUITA FILHO - DISSERTAÇÃO
SANTOS, RAFAELE PAULAZINI MAJELADOS	As Relações Entre Profissionais Da Educação: A Afetividade Na Educação Infantil	2019	UNIVERSIDADE NOVE DE JULHO, São Paulo - DISSERTAÇÃO
ALVES, INGRID CHAGAS	A Representação Social Da Afetividade Em Professores Da Educação Infantil	2021	UNIVERSIDADE SALGADO DE OLIVEIRA, Niterói - DISSERTAÇÃO

É possível observar que a pesquisa tem se intensificado quanto a inclusão das crianças da educação infantil, mas ainda hoje faltam um olhar cuidadoso quanto às crianças com deficiência.

Irei falar de dois trabalhos que mais trouxeram contribuições no campo da pesquisa apesar de seus objetivos divergirem dessa.

Foi possível observar com a dissertação: “Afetividade e Inclusão na Educação Especial” do autor Elson Klusvick da Silva e a Tese: “No Olimpo da Inclusão: a

importância da afetividade na educação de pessoas com deficiência visual” do autor Irenilson de Jesus Barbosa, muito contribuiu para pesquisa por trazerem aspectos importantes que tratam da afetividade com as crianças com deficiência no campo da inclusão.

Na pesquisa de SILVA, 2017 ele reflete sobre a importância da reflexão acerca da LDBN/96, falando sobre a promoção de uma educação inclusiva, diferencia também a educação especial da educação inclusiva. Nos apresenta uma reflexão sobre a afetividade e a aprendizagem no contexto da educação inclusiva que muito nos auxiliou. Investiga sobre a afetividade e a relação professor aluno no processo ensino-aprendizagem que foge do nosso objetivo, no entanto seu foco na importância da afetividade para educação inclusiva de pessoas portadoras de deficiência vem ao encontro da nossa proposta.

O que nos interessou foi sua pretensão de contribuir para inclusão escolar das crianças com deficiência.

Já na tese de BARBOSA, 2016 aborda a importância da afetividade na educação de pessoas com deficiência visual em Salvador. O estudo destaca a discussão sobre a inclusão e aborda estudo com o referencial teórico de Henri Wallon sobre a psicogênese da pessoa completa, especialmente no que se refere à dimensão afetiva e suas repercussões no processo ensino-aprendizagem. Seu objetivo está no processo ensino aprendizagem o que diferencia do nosso propósito, no entanto, trata de pessoas com deficiência, no caso da dele se trata dos deficientes visuais. A pesquisa de Barbosa teve por objetivo compreender o modo como os sujeitos com deficiência visual refletem sobre a importância da afetividade para a sua inclusão na escola e na sociedade brasileira e no contexto baiano, tornando-a interessante para nossa pesquisa.

Foi possível observar com as pesquisas elencadas que se faz necessário encontrarmos meios e estratégias para que os professores possam incluir em sua atuação, utilizando recursos para que a inclusão escolar realmente aconteça.

Nos trabalhos apresentados observamos algumas maneiras para que as a inclusão realmente aconteça e seja eficaz, no entanto as crianças com deficiência não receberam um lugar de destaque como merecem e determina a legislação LBI 13.146 de 6 de julho de 2015.

Essa afirmativa será confirmada no decorrer da pesquisa após a entrevista proposta e a observação.

Dando sequência à nossa investigação iremos realizar após a apresentação do objetivo de pesquisa um breve percurso histórico pela Educação Infantil com as crianças com deficiência em nosso país e observar os avanços e desafios que ainda estamos enfrentando para uma educação inclusiva.

### **Objeto de pesquisa**

O objeto da pesquisa trata-se de uma professora da Educação Especial que trabalha em uma escola na região metropolitana de Belém, na Sala de Recurso Multifuncional – SRM, com as crianças da educação infantil com deficiência de 6 meses até 5 anos no Atendimento Educacional Especializado – AEE.

### 1.3 Objetivos

O objetivo da pesquisa trata-se de analisar os aspectos da afetividade da professora com as crianças com deficiência no Atendimento Educacional Especializado - AEE e investigar seus impactos no processo de inclusão dessas crianças.

### 1.4 Objetivos Específicos

Compreender os fundamentos da afetividade na perspectiva da inclusão;

Averiguar como a professora interage com os alunos durante o atendimento e suas estratégias;

Identificar possíveis avanços e desafios da professora que trabalha com educação infantil, para o processo de inclusão das crianças com deficiência.

Esta dissertação foi organizada para oferecer uma compreensão abrangente sobre o tema sobre a afetividade no processo de inclusão das crianças com deficiência. E da educação infantil e inclusiva no Brasil.

Inicia-se com um percurso histórico que contextualiza a evolução dessa área, seguido por uma análise das leis de inclusão das crianças com deficiência, destacando o arcabouço legal que sustenta a educação inclusiva.

Um olhar macro é lançado através da Agenda 2030, estabelecendo metas globais para a inclusão. A teoria de Wallon é explorada no contexto educacional,

ênfatizando a importância da afetividade. A dissertação discutiu também o papel do professor e a afetividade, a relação entre o "eu" e o "tu", e como a afetividade interage com o outro e o meio, culminando na análise de sua relevância na educação inclusiva.

A metodologia utilizada foi detalhada, fornecendo uma base sólida para o estudo e análise do caso específico abordado.

As considerações finais sintetizam os principais achados e suas implicações, incluindo as limitações do estudo e sugestões para pesquisas futuras.

E por fim, a dissertação é complementada pelas referências utilizadas ao longo da pesquisa.

## 2 REFERENCIAL TEÓRICO

### 2.1 Percurso Histórico da Educação Infantil e Inclusiva no Brasil

Para compreendermos em que “pé está”<sup>5</sup>, o processo de desenvolvimento da Educação Infantil e Inclusiva no município de Belém, iremos tomar como referência o desenvolvimento do percurso histórico brasileiro.

A Educação Básica, a partir da LDB - 9.394/96 - Lei de Diretrizes e Bases da Educação, passou a ser estruturada por etapas e modalidades de ensino, englobando a Educação Infantil, o Ensino Fundamental obrigatório de nove anos e o Ensino Médio.

A educação infantil é dividida em 3 fases: até os três anos de idade, com as creches; aos 4 e 5 anos com a pré-escola e, a partir dos 6 anos, com o ingresso no ensino fundamental.

O Art. 30 da LDB, nos diz que: A educação infantil será oferecida em: primeiro - creches, ou entidades equivalentes, para crianças de até três anos de idade; segundo - pré-escolas, para as crianças de 4 (quatro) a 5 (cinco) anos de idade.

Nos anos de 1874 pouco se falava sobre o ensino na primeira infância, a partir daí, começaram a surgir projetos desenvolvidos por pequenos grupos particulares e, somente no início do século XX, o tema passou a ganhar relevância nacional, através da fundação de instituições e da criação de leis voltadas para as crianças.

O primeiro grande marco da Educação Infantil brasileira ocorreu com a Constituição Federal de 1988, que tornou dever do estado o atendimento de todas as crianças de zero a seis anos nos espaços de creches e pré-escolas.

Esse foi o primeiro avanço importante para a Educação Infantil no Brasil.

A implementação da Educação Infantil pública ocorreu no ano de 1998, dois anos após a promulgação da Lei 9.394/96, pois, até então, apenas algumas crianças de seis anos eram atendidas em classes de alfabetização, que funcionavam junto às escolas municipais do Ensino Fundamental.

---

<sup>5</sup> O termo no dicionário informal quer dizer: Qual o andamento, qual a atual situação.

A LDB vem para definir e organizar todo o sistema educacional brasileiro, do ensino infantil até o superior, assegurando, dessa forma, o direito social à educação a todos os estudantes brasileiros.

De acordo com o MEC, com o aumento da demanda por pré-escolas, a educação infantil passou por um processo de municipalização, passando a ter caráter educativo e não mais assistencialista e compensatório e com o documento que ajusta a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, à Emenda Constitucional nº 59, de 11 de novembro de 2009, torna obrigatória a oferta gratuita de educação básica a partir dos 4 anos de idade.

A emenda 59/2009 alterou os incisos I e VII do artigo 208 da Constituição, determinando a obrigatoriedade da educação básica dos 4 aos 17 anos de idade.

Com isso, a matrícula tornou-se obrigatória a partir da pré-escola, sendo o acesso à creche um direito de todas as crianças de 0 a 3 anos, e o poder público foi ampliando sua oferta gradativamente.

Com isso, as crianças passaram a ingressar nas escolas mais cedo simultaneamente às crianças com deficiência.

A lei define que pessoa com deficiência é aquela que tem impedimentos de longo prazo (pelo menos 2 anos) de natureza física, mental, intelectual ou sensorial.

Os impedimentos podem obstruir sua participação plena e efetiva na sociedade, em igualdade de condições com as demais pessoas.

Além disso, a LBI nº 13.146/2015 destaca a importância de garantir os direitos humanos, a inclusão social e a acessibilidade para as pessoas com deficiência.

O conceito de pessoa com deficiência é abrangente e multifacetado, reconhecendo que as limitações individuais só se transformam em impedimentos reais quando combinadas com barreiras sociais e ambientais que iremos observar no decorrer da pesquisa.

Esse entendimento destaca a importância de políticas inclusivas e acessíveis que promovam a igualdade de oportunidades e a plena participação social para todos.

A convenção sobre os direitos da Pessoa com Deficiência (ONU) estabelece que a deficiência resulta da interação entre pessoas com limitações e as barreiras sociais e ambientais e a Organização Mundial da Saúde - OMS adota uma abordagem mais holística, através da Classificação Internacional de Funcionalidade, Incapacidade e Saúde (CIF), que integra aspectos do modelo médico e social. A CIF

reconhece que a deficiência é um termo genérico para deficiências, limitações de atividades e restrições de participação e a Lei Brasileira de Inclusão – LBI, adota o conceito de deficiência conforme a Convenção da ONU, promovendo a remoção de barreiras sociais e ambientais que abordaremos mais adiante.

Temos também o Conselho Nacional dos Direitos da Pessoa com Deficiência - CONADE, que promove o modelo social, enfatizando a importância da acessibilidade e da remoção de barreiras. Todas essas diretrizes e leis vem contribuir para uma compreensão mais inclusiva e dinâmica do tema, buscando promover a inclusão em todas as áreas da vida da criança com deficiência.

No Brasil de acordo com o IBGE os dados do último censo demográfico realizado em 2010 é que existem pelo menos 45 milhões de brasileiros com algum tipo de deficiência, cerca de 24% da população brasileira se reconhece como pessoa com deficiência. Dessa porcentagem, 3.905.235 são crianças de 0 a 14 anos e, com deficiência intelectual, também nessa faixa etária, são 391.266 crianças.

Em Belém o SIGA - Sistema de Informação em Gestão Acadêmica matriculou 2.400 estudantes com deficiência esse ano de 2023 pela Secretaria Municipal de Educação - SEMEC. Este número pode ser alterado, porque a SEMEC acolhe este grupo de estudantes ao longo de todo o ano. No ano de 2022 foram matriculados 2.011 alunos com deficiência. E como nós estamos nos preparando para receber essas crianças no ambiente escolar? Quais aspectos são fundamentais para garantir que as instituições educacionais sejam inclusivas e capazes de atender às necessidades de todas as crianças?

A Lei Brasileira de Inclusão – LBI conhecida como Estatuto da Pessoa com Deficiência, a Lei nº 13.146 é um conjunto de normas que busca garantir igualdade de condições para as pessoas com deficiência para exercerem seus direitos e liberdades.

Um fato interessante é que essa legislação brasileira é reconhecida como “a mais inclusiva das Américas”, tendo inclusive alterado leis já existentes para estarem de acordo com o novo Estatuto, como: o Código Eleitoral, Código de Defesa do Consumidor, Estatuto das Cidades, Código Civil e a Consolidação das Leis do Trabalho (CLT).

Dessa forma podemos observar o impacto que a lei proporcionou na vida política e social das pessoas com deficiência. Esse mesmo impacto pretendemos realizar com nossa pesquisa na vida emocional e afetiva das crianças da educação

infantil, dando ênfase na importância da afetividade do profissional da área de educação no processo de inclusão dessas crianças.

De maneira geral, a Lei Brasileira de Inclusão se divide em dois principais blocos. O primeiro se refere aos direitos fundamentais das pessoas com deficiência. Já o segundo remete ao acesso à justiça para pessoas com deficiência, e as punições que podem ser aplicadas a quem desrespeitar a LBI.

A necessidade de nos adequarmos ao atendimento às crianças com deficiência se faz necessário, a pesquisa, o estudo e a informação são fundamentais para o cumprimento da lei e a qualidade de vida dessas crianças dentro ou fora da instituição escolar.

As determinações da Lei brasileira de Inclusão, envolvem todos os níveis de ensino da escola regular, seja ela pública ou privada.

Assegura também que todas as crianças com deficiência tenham acesso a uma educação inclusiva em todos seus níveis de ensino, prevê a oferta de recursos e serviços de apoio especializado dentro e fora da escola como também a formação continuada de professores para lidar com as necessidades específicas dos alunos com deficiência, outras inovações na área da educação, como multa e reclusão a gestores que neguem ou dificultem o acesso de estudantes com deficiência a uma vaga, proibição de cobrança de valor adicional nas mensalidades e anuidades para esse público e a oferta de um profissional de apoio quando necessário.

A LBI é uma legislação abrangente que busca assegurar a inclusão plena das pessoas com deficiência na sociedade brasileira, promovendo igualdade de oportunidades e eliminando barreiras físicas, atitudinais e institucionais. Ela estabelece um marco para a proteção e promoção dos direitos das pessoas com deficiência, incentivando a construção de uma sociedade mais justa e inclusiva.

Em setembro de 2015, a Assembleia Geral das Nações Unidas - AGNU, composta por 193 Estados-membros da ONU - Organização das Nações Unidas, definiu metas mundiais para que “ninguém fosse deixado para trás”.

Partindo de quatro principais dimensões: social, ambiental, econômica e institucional, os ODS - Objetivos de Desenvolvimento Sustentável, pretendem acabar com a pobreza e proteger o planeta, promovendo a paz e prosperidade para a vida de toda a população do mundo. Trata-se de um incentivo universal para as ações transformadoras, os ODS visam ao crescimento sustentável e à promoção da cidadania por meio de iniciativas de governos, instituições, empresas e



organizações. Assim, foram definidos 17 objetivos e 169 metas globais interconectadas, a serem atingidos até 2030 – a, como ficou conhecida, “Agenda 2030”.

Sua implementação teve início em janeiro de 2016, dando continuidade à Agenda de Desenvolvimento do Milênio (2000-2015). Para atingir objetivos tão ousados, o plano de ação foi pensado em quatro frentes principais:

- Construção de uma declaração;
- Criação dos Objetivos de Desenvolvimento Sustentável;
- Acompanhamento e avaliação da Agenda 2030 e
- Meios necessários para a execução da Agenda.

Na Agenda estão previstas ações como:

**Figura 3**



A  
 figura representa os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável - ODS, estabelecidos pela Organização das Nações Unidas – ONU, como parte da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável.

Segundo a ONU um dos propósitos das Nações Unidas, tal como é declarado pela sua Carta, é o de “alcançar a cooperação internacional na solução de problemas internacionais de caráter econômico, social, cultural ou humanitário” (ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS, 1948).

Irei me ater ao objetivo 4 que apresenta forte relevância com o tema pesquisado, pois a responsabilidade de uma Educação de qualidade é um compromisso político e social. Como fala nossa querida professora emérita da UEPA professora Ivanilde Apoluceno de Oliveira<sup>6</sup> “A educação é um ato político”.

Segundo Saviani, 2012, p. 90, agir como se a educação fosse isenta de influência política é uma forma eficiente de colocá-la a serviço dos interesses dominantes.

Um dos objetivos do item 4 da ODS, busca assegurar uma educação inclusiva e equitativa e de qualidade, e promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todas e todos; o tópico 4.2 é até 2030, garantir que todos as meninas e meninos tenham acesso a um desenvolvimento de qualidade na primeira infância, cuidados e educação pré-escolar, de modo que eles estejam prontos para o ensino primário; o item 4.5 é até 2030, eliminar as disparidades de gênero na educação e garantir a igualdade de acesso a todos os níveis de educação e formação profissional para os mais vulneráveis, incluindo as pessoas com deficiência, povos indígenas e as crianças em situação de vulnerabilidade; 4.a Construir e melhorar instalações físicas para educação, apropriadas para crianças e sensíveis às deficiências e ao gênero, e que proporcionem ambientes de aprendizagem seguros e não violentos, inclusivos e eficazes para todos.

Os Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS) têm uma relação significativa com as crianças com deficiência, pois promovem princípios de inclusão, igualdade e acessibilidade que são essenciais para garantir o bem-estar e os direitos dessas crianças.

Procurei elencar os objetivos relacionados à temática desta pesquisa, mas será possível ter acesso ao documento na íntegra na página da internet <https://brasil.un.org/pt-br/sdgs>.

Outro evento importante que irá acontecer é a COP 30, será a 30ª Conferência das Partes da Convenção-Quadro das Nações Unidas sobre Mudança do Clima (UNFCCC). Trata-se de uma importante reunião anual onde líderes mundiais, negociadores, representantes de ONGs, cientistas e outros

---

<sup>6</sup> Docente do Programa de Pós-Graduação em Educação e professora titular da Universidade do Estado do Pará. <http://lattes.cnpq.br/6486192420682817>

“stakeholders”<sup>7</sup> se reúnem para discutir e negociar ações globais sobre mudanças climáticas. A COP 30 está programada para ocorrer em 2025 e terá a cidade de Belém, como sede do evento. Será mais uma forma de pensar a inclusão na capital paraense. A relação entre a COP 30 e o trabalho de inclusão está em como as políticas climáticas e ambientais podem e devem considerar as necessidades de todos os grupos sociais, especialmente os mais vulneráveis, como pessoas com deficiência, comunidades indígenas, e outros grupos marginalizados.

COP 30 pode ser uma plataforma poderosa para promover a inclusão em todas as suas formas, integrando considerações de acessibilidade e equidade nas políticas climáticas e de desenvolvimento sustentável. Isso não só fortalecerá a resposta global às mudanças climáticas, mas também garantirá que os benefícios do desenvolvimento sustentável sejam compartilhados por todos, incluindo as pessoas com deficiência e outros grupos marginalizados.

A Educação como foi explanado anteriormente na agenda 2030 é um dos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS 4), e é essencial que as iniciativas educacionais sobre mudanças climáticas sejam inclusivas.

## 2.2 Wallon na Educação

Falaremos um pouco sobre o percurso histórico de Henri Wallon, para situarmos seu contexto dentro da educação.

Henri Paul Hyacinthe Wallon (1879-1962), psicólogo francês, nos trouxe grande contribuição à educação, pois procurou integrar a atividade científica à ação social, numa atitude de engajamento e coerência.

Antes de ser psicólogo, estudou medicina e filosofia, o que o auxiliou muito em sua formação e teoria, aproximando-o cada vez mais da educação.

Wallon tinha um compromisso ético e participava ativamente da política, por ter uma inclinação muito forte com o social.

Era neto do político Henri-Alexander Wallon da oposição, deputado na Assembleia e autor da “emenda Wallon”, que introduziu a palavra “República” na Constituição de 1875.

---

<sup>7</sup> stakeholders: conceito criado na década de 1980, pelo filósofo norte-americano Robert Edward Freeman, o stakeholder é qualquer indivíduo ou organização que, de alguma forma, é impactado pelas ações de uma determinada empresa. Em uma tradução livre para o português, o termo significa parte interessada.

Foi criado num ambiente republicano e democrático. Viveu numa época marcada pela instabilidade social e conflitos políticos.

Parte da Europa e, em especial a França, também foi atingida por esses fatores, como as duas guerras mundiais que ocorreram em 1914-1918 e 1939-1945, pelo avanço do fascismo no período entre guerras, as revoluções socialistas e as guerras para a libertação na África.

Zazzo (1975) escreve sobre Wallon, dizendo que ele é um homem de contradição, num mundo de contradições. Para o autor, Wallon vivia num mundo de muitos conflitos e cada vez mais intensos.

Na Segunda Guerra, atuou na Resistência Francesa, enquanto a França se encontrava ocupada pelos alemães. Foi perseguido, tendo que viver na clandestinidade. Por este motivo precisou interromper seus estudos, mas continuou com sua atividade científica de forma clandestina.

Em 1942, filiou-se ao Partido Comunista, e ficou até o fim da sua vida e aprofundou seus estudos no materialismo histórico-dialético de Max.

Wallon entendia o marxismo não como sistema de governo, mas como uma corrente filosófica, para ele materialismo dialético, era método de análise e referencial epistemológico.

No período da guerra Wallon passa a tratar de crianças feridas e lesões cerebrais de ex-combatentes, fato este que o fez rever algumas concepções neurológicas que desenvolvia, além de já atender crianças portadoras de deficiências neurológicas e distúrbios de comportamento, e a partir daí surge maior interesse pela psicologia da criança.

Em 1925, fundou um laboratório destinado ao atendimento clínico de crianças anormais, que funcionava junto a uma escola da periferia de Paris. O local possibilitou-lhe acesso às crianças desse meio e o contato com as questões da educação.

Publicou diversos livros sobre as pesquisas que realizava, e eles vieram a servir como subsídios para psicólogos e educadores.

Segundo Wallon a psicologia e a pedagogia deveriam haver uma relação de contribuição recíproca e acreditava que a escola era um meio privilegiado para o estudo da criança. Em contrapartida a psicologia, ao construir conhecimentos sobre o processo de desenvolvimento infantil, fornecia um importante instrumento para o aprimoramento da prática pedagógica.

Wallon foi se envolvendo cada vez mais com a área da educação e em seus escritos, sempre se referia às atividades da criança (na escola), à formação do professor, à interação entre alunos e à adaptação escolar.

Participou ativamente da sociedade francesa de pedagogia, atuou como secretário de Educação Nacional, reformulando o sistema de ensino francês, o chamado Langevin-Wallon<sup>8</sup>, conheceu as diferentes doutrinas pelo movimento Escola Nova<sup>9</sup> uma pedagogia que ele apoiava era de Decroly<sup>10</sup>, que pregava a exigência de a escola encarar a criança como ser total, concreto e ativo, de maneira a manter-se em contato com o meio social.

Wallon busca integrar a ciência psicológica a uma concepção epistemológica dialética para derivar dela uma pedagogia politicamente comprometida. Possibilita uma maior adequação dos objetivos e métodos pedagógicos às possibilidades e necessidades infantis, favorecendo uma prática de melhor qualidade, tanto em seus resultados como em seu processo.

A teoria de Wallon serve como instrumento para a reflexão de uma prática pedagógica, que atenda às necessidades da criança nos planos afetivo, cognitivo e motor para que promova o seu desenvolvimento em todos os níveis.

Segundo Galvão, 1996 a teoria de Wallon é identificada como Psicologia da Pessoa Completa, pois visa justamente à produção de um saber psicológico que leve em conta a totalidade da pessoa (consciência, eu, emoções, representações, etc.), em suas condições concretas de existência.

Para Wallon, o homem é resultado de influências sociais e fisiológicas, sendo os dois aspectos — orgânico e social — fundamentais para o desenvolvimento e especialmente dependentes do contexto sociocultural.

Wallon divide o desenvolvimento da criança em cinco estágios que devem ser levados em conta, em suas especificidades, no processo de aprendizagem, sendo eles:

---

<sup>8</sup> Elaborado entre 1944 e 1947, o Plano Langevin-Wallon tinha por objetivo garantir igualdade de chances dentro do sistema educativo francês, no contexto de reconstrução democrática da França após a II Guerra Mundial, e propunha mudanças na organização escolar por meio da distribuição dos alunos em ciclos.

<sup>9</sup> Tinha como objetivo eliminar o ensino tradicional que mantinha fins puramente individualistas, pois buscava princípios da ação, solidariedade e cooperação social.

<sup>10</sup> Decroly também defendia a universalização do ensino, como John Dewey. Ideias como as dos centros de interesses e a defesa de que o aprendizado deve ser prazeroso e responder aos interesses do aluno fizeram com que a obra de Decroly exercesse forte influência na pedagogia de Célestin Freinet (1896-1966).

- 1º estágio: Impulsivo-Emocional (0 a 1 ano):

Predominantemente afetivo, onde o sujeito se expressa por meio de movimentos corporais, do contato corporal e do toque. Aqui, o aprendizado demanda uma presença e uma qualidade de troca corporal intensa, que passa pelo tato, pelo toque e pela segurança do embalo. É a partir da fusão com o outro que a criança interage com o meio ambiente, participa, se familiariza e aprende sobre o mundo que a cerca.

- 2º estágio: Sensório-Motor e Projetivo (1 a 3 anos):

Neste estágio, se estabelece uma relação intensa com os objetos através do contato e se inicia a indagação persistente sobre o que eles são, seus nomes e como funcionam. O processo de ensino-aprendizagem nesta fase solicita disposição do educador em oferecer situações e espaços diversificados para que os alunos possam entrar em contato com diversos objetos e vivências, facilitando o processo de diferenciação em relação a cada um deles.

- 3º estágio — Personalismo (3 a 6 anos):

Nesta fase, a criança começa a se descobrir diferente das outras e dos adultos. A diferenciação se dá entre a criança e o outro. Neste estágio, é importante que ela entre em contato com atividades que possibilitem o exercício da escolha e com crianças de outras idades. O importante neste estágio é reconhecer e respeitar as diferenças que começam a surgir, inclusive valorizando e dando oportunidade de expressão a estas diferenças.

- 4º estágio: Categorical (6 a 11 anos):

Ocorre a diferenciação mais intensa e nítida entre o eu e o outro, o que fornece a estabilidade necessária para a exploração das diferenças e semelhanças entre objetos, imagens, conceitos e ideias. Nesta fase, é importante tanto levar em consideração o que o aluno já sabe como diagnosticar o que ele precisa saber para dominar certas ideias. A descoberta do mundo dependerá das experiências a que terá acesso e que favoreçam ou não o desenvolvimento de sentimentos e valores que auxiliem a continuidade e ampliação destas descobertas.

- 5º estágio: Puberdade e Adolescência (11 anos em diante):

Aqui, se delimita, de maneira mais clara e precisa, o reconhecimento da singularidade e autonomia do sujeito, com valores e sentimentos próprios, mediante ações de confronto e autoafirmação. O processo ensino-aprendizagem deve primar pela criação de espaços e construção de vivências que permitam a expressão e

discussão das diferenças e das descobertas, levando em consideração a necessidade de afirmação de relações solidárias, baseadas no respeito mútuo.

Para Wallon, o processo de desenvolvimento oscila constantemente entre a afetividade e a inteligência, de maneira dialética, podendo até mesmo manifestar regressões.

As aquisições adquiridas em cada estágio são irreversíveis, no entanto, o indivíduo pode retornar a algumas atividades de estágios anteriores.

Para ele não há condicionamento e extinção de comportamentos, ou seja, um estágio não suprime as aprendizagens anteriores, o movimento da aprendizagem, não seguem um fluxo linear e pode ser composto por eles elementos regressivos, o que não implica, necessariamente, em uma defasagem incontornável, mas antes em uma característica do próprio processo.

Wallon aponta a radical dependência do ser humano, enquanto espécie, para subsistir e conseguir construir seu ser.

O desenvolvimento, para ele, só se torna possível através da integração das três dimensões psíquicas: a motora, a afetiva e a cognitiva, exigindo uma conexão entre o equipamento orgânico do indivíduo — o corpo — e o ambiente e meio social em que vive. Chegamos dessa forma à Afetividade, que está presente em todos os estágios: segundo Wallon, ela é um elemento indispensável para o desenvolvimento humano.

A afetividade é uma parte central de sua teoria, considerada como um dos pilares fundamentais do desenvolvimento humano.

Para Wallon, a afetividade não é vista como algo separado do desenvolvimento cognitivo, mas sim como uma força motriz que impulsiona o desenvolvimento da criança. Ele acreditava que as emoções desempenham um papel crucial no processo de aprendizagem e no desenvolvimento da personalidade.

Wallon destacou que as emoções e os afetos são manifestações da vida psíquica desde os primeiros momentos de vida. Ele defendia a ideia de que o bebê nasce imerso em um mundo emocional complexo, no qual as interações afetivas com os outros desempenham um papel fundamental no seu desenvolvimento.

Para Wallon, as emoções são essenciais para a adaptação da criança ao ambiente e para a construção de sua identidade. Ele argumentava que as interações sociais, especialmente com os cuidadores, desempenham um papel crucial no

desenvolvimento emocional da criança, pois fornecem segurança, apoio emocional e um contexto para a expressão e regulação das emoções.

Além disso, Wallon via a afetividade como uma força que permeia todas as esferas da vida da criança, influenciando não apenas suas relações sociais, mas também seu desenvolvimento cognitivo e motor. Ele acreditava que as emoções são uma fonte de energia que impulsiona a criança a explorar o mundo, aprender e se desenvolver.

Portanto, para Wallon, a afetividade desempenha um papel central no desenvolvimento humano, moldando não apenas as experiências emocionais da criança, mas também sua cognição, motricidade e personalidade. Ele via o desenvolvimento como um processo integrado, no qual as emoções desempenham um papel crucial na construção da identidade e na adaptação da criança ao ambiente. Mas o que é de fato essa afetividade? e como outros autores a enxergam na educação?

### 2.3 Afetividade na Educação

De acordo com a Oxford Languages, a palavra “afetividade” refere-se à capacidade de experimentar e expressar emoções, sentimentos e afetos. Ela envolve a dimensão emocional da experiência humana e abrange uma vasta gama de estados emocionais, desde sentimentos positivos como amor, alegria e empatia, até sentimentos negativos como tristeza, raiva e medo.

A afetividade é crucial para o desenvolvimento emocional e psicológico desde a infância até a vida adulta. Afetos positivos podem promover o bem-estar e a resiliência, enquanto afetos negativos, quando excessivos, podem levar a problemas emocionais

A afetividade desempenha um papel central nas relações humanas. Sentimentos de empatia, amor e compaixão facilitam a formação de vínculos saudáveis e significativos.

A afetividade está presente em todos os aspectos da vida, influenciando a forma como as pessoas interagem, se relacionam e percebem o mundo ao seu redor.



No âmbito da psicologia, afetividade é a capacidade individual de experimentar o conjunto de fenômenos afetivos (tendências, emoções, paixões, sentimentos).

A afetividade consiste na força exercida por esses fenômenos no caráter de um indivíduo. Ela está relacionada à qualidade da vida afetiva de uma pessoa e está intimamente ligada à sua saúde mental. A regulação adequada das emoções é essencial para evitar distúrbios como ansiedade e depressão podendo estimular ações construtivas ou, em alguns casos, comportamentos disfuncionais<sup>11</sup>, influenciando profundamente o comportamento, os relacionamentos e o bem-estar geral.

A afetividade na educação é um aspecto fundamental que influencia diretamente o processo de aprendizagem e o desenvolvimento integral dos alunos. Ela se refere às emoções, sentimentos e vínculos estabelecidos no ambiente escolar, envolvendo professores, alunos e todos os membros da comunidade escolar.

Freire (1987), defendia uma pedagogia que promovesse o diálogo e a conscientização. Ele acreditava que a educação deve ser um ato de amor e respeito mútuo, o que implica na criação de vínculos afetivos significativos entre educadores e educandos.

A construção de relações afetivas positivas entre professores e alunos cria um ambiente de confiança e respeito mútuo. Esses vínculos são essenciais para que os alunos se sintam seguros, acolhidos e motivados a participar ativamente das atividades escolares.

Vygotsky (1991) destacou a importância das interações sociais no desenvolvimento cognitivo das crianças. Sua teoria da zona de desenvolvimento proximal (ZDP) sugere que as crianças aprendem melhor quando interagem com outras pessoas, especialmente com aquelas que possuem mais conhecimento. Isso implica a importância dos vínculos afetivos e educacionais para facilitar a aprendizagem.

La Taille (1992) diz que a afetividade constitui um motor importante para o processo de desenvolvimento e aprendizagem humana, pois é na relação com o outro e por meio desse outro, que o indivíduo se desenvolve.

---

<sup>11</sup> comportamentos disfuncionais : são comportamentos que fogem ao entendido como padrão ou ao esperado.

Ainda em seus escritos, descreve sobre a teoria psicogenética mencionada anteriormente que segundo SOUZA 2018, Piaget acreditava que o conhecimento é gerado a partir de uma interação do sujeito com o seu meio e ainda concluiu que o desenvolvimento cognitivo é a base do conhecimento e este é dado pela assimilação e acomodação de esquemas.

Segundo a teoria psicogenética de Wallon, o surgimento da inteligência está vinculado tanto a fatores biológicos como sociais. Daí a afirmação de que a gênese da inteligência é genética e organicamente social (WALLON, 1995, p.135).

A teoria psicogenética baseava-se na premissa de que a criança deveria ser entendida de uma forma holística, completa. A pessoa deveria ser compreendida em seus aspectos biológico, afetivo, social e intelectual. Por isso que essa teoria era comumente chamada de Teoria da Psicogênese da Pessoa Completa.

A pesquisa de Piaget (1993) visava a compreensão dos processos que permitem a construção progressiva do conhecimento no sujeito epistêmico, enquanto Wallon pretendia focalizar especialmente o sujeito psicológico em sua totalidade emocional e cognitiva.

Segundo Gazzotti (2019), Vygotsky também valorizou a afetividade como um fator fundamental na formação psicológica dos sujeitos, para ele a formação da criança se dá numa relação direta entre o sujeito e a sociedade a seu redor, ou seja, o homem modifica o ambiente e o ambiente modifica o homem. Ele vem trazer a importância do meio para o desenvolvimento infantil.

Estudiosos da teoria do desenvolvimento como Jean Piaget (1896-1980) e Lev Vygotsky (1896-1934) já apontaram a relevância da afetividade no processo de desenvolvimento. No entanto, foi o educador francês Henri Wallon (1879-1962) quem fundamentou, de maneira mais aprofundada, o papel e a importância da afetividade para o desenvolvimento integral da criança.

Apesar de Wallon ser o precursor do assunto afetividade em educação no Brasil, fomos desafiados a pensar também a afetividade no nosso contexto brasileiro a partir de outros autores. Autores esses que vivenciam ou vivenciaram nossa realidade de diversidade cultural.

Após Wallon, vários autores brasileiros deram continuidade e ampliaram as discussões sobre afetividade em contextos educacionais e psicológicos, como: Isabel Galvão (1995), Lucia Rabello de Castro (2013) e José Carlos Libâneo (2021).

Galvão (1995) destaca a importância da afetividade no desenvolvimento infantil, enfatizando como as emoções e os sentimentos são fundamentais para o aprendizado e a formação da personalidade.

Em seus estudos, Galvão (1995) explora como a afetividade está intrinsecamente ligada aos processos cognitivos. Ela argumenta que o desenvolvimento intelectual e emocional são processos interdependentes, alinhando-se com a perspectiva walloniana de que as emoções desempenham um papel crucial no desenvolvimento global da criança.

Castro (2013), mostra que a afetividade assinala a importância do adulto na vida da criança e das crianças entre si, destacando o valor da experiência como troca para a compreensão do mundo.

Isabel Galvão (1996) nos fala como a afetividade influencia o ambiente escolar e o processo de ensino-aprendizagem. Ela defende que um ambiente escolar que valoriza e promove a afetividade contribui para o desenvolvimento integral dos alunos, facilitando a aprendizagem e o crescimento emocional.

Outro autor que muito contribuiu com a educação no Brasil foi José Carlos Libâneo, ele discute a importância da afetividade no processo de ensino e aprendizagem, embora sua abordagem seja mais ampla, englobando também outras teorias educacionais.

Libâneo (2021) aborda a necessidade de uma educação que valorize a formação integral dos indivíduos, promovendo não apenas o desenvolvimento cognitivo, mas também o desenvolvimento afetivo, ético e social.

É importante destacarmos diante as contribuições desses autores que a afetividade é fator fundamental na relação professor e aluno e no processo educativo sendo ela um aspecto que nos humaniza.

Quando falamos de afetividade na docência pensamos sobre a formação do professor, seu percurso histórico e experiências, isso envolve: as circunstâncias da formação, os espaços-tempos escolares, as opções da organização do trabalho do professor, as parcerias e expectativas do docente.

Dessa forma, não podemos deixar de falar sobre os saberes culturais envolvidos nessa formação docente como bem nos explanou as professoras doutora

Nazaré Cristina Carvalho<sup>12</sup> e Josebel Akel Fares<sup>13</sup> na disciplina: Cultura, Saberes e Imaginários na Educação Amazônica, que teve como ementa desenvolver estudos e pesquisas sobre memórias, construções imaginárias e identidades culturais brasileiras, focando interfaces com saberes e as práticas da educação na Amazônia.

Esta disciplina trouxe o entendimento que: o que produzimos, como nos apresentamos diante da vida, faz parte de saberes formados ao longo de anos e experiências vividas.

Nos textos estudados na disciplina, Fernandes (2008), apoiada nos estudos de Bosi (1979) e de Soares (1991), chama de memória educativa: “a maneira como os recortes que os sujeitos trazem dos fatos, que são a representação de suas realidades, engravidadas de significados, são reinterpretadas na dialética da relação escola, conhecimento e vida” (p.148).

É possível observar também que ao analisar a professora especializada de Belém e a escola que visitamos percebemos que a escola, enquanto Instituição, é formada por diversas atividades guiadas: pelo costume, tradição, cultura escolar e pela forma como a sala de aula é organizada e estruturada.

Partindo desse princípio é possível pensar sobre a construção dos nossos saberes e de nos vermos como sujeitos desse processo. E, ainda, percebemos que a trajetória pessoal e profissional são fatores definidores dos modos de atuação do professor, revelando suas concepções sobre a ação educativa.

Freire (1987), defende que o processo educativo deve ser dialógico e baseado no respeito mútuo e na empatia, promovendo uma educação libertadora.

Esta descrição de Freire vem se confirmar no estudo de caso da pesquisa de campo realizada com a professora especializada, onde traz em seus discursos as memórias registradas de suas experiências.

A afetividade na atividade prática da professora é entendida como uma prática social complexa mediada pela interação professor-aluno. Ela só é possível acontecer na relação entre o eu e o outro.

---

<sup>12</sup> Professora doutora adjunta da Universidade do Estado do Pará (UEPA)/ Departamento de Artes Corporais e Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Educação, integrando a Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia. <http://lattes.cnpq.br/3419837056969280>

<sup>13</sup> Professora doutora titular da Universidade do Estado do Pará/ Departamento de Língua e Literatura e Programa de Pós-Graduação (mestrado) em Educação. <http://lattes.cnpq.br/1177199217893227>

Em Freire (1986) é uma relação dialógica em que a construção do conhecimento é vista como um processo realizado por ambos: professor e aluno, na direção de uma leitura crítica da realidade, onde a educação não se conclui sendo um processo constante de vir a ser.

Segundo Balestra (2007, p.42) o professor é o elo fundamental, indispensável para estabelecer a interação aprendiz-objeto de conhecimento. Esta interação se estabelece mediante os laços de confiança e afetividade entre aquele que ensina e aquele que aprende, pois: “a afetividade deve ser vista como a força motriz que impele o sujeito para o conhecimento”.

#### 2.4 O Eu e o Tu

O interesse pelo estudo das relações começou no período de graduação em psicologia na cidade de Resende – RJ, apesar de ser bastante comunicativa e valorizar o encontro com o outro o período em que vislumbrei a importância e cuidado com a relação foi no período em que iniciei meus estágios em clínica na abordagem de Gestalt terapia, estágio que ao final do curso se tornou meu trabalho de conclusão com o tema: “O Contato em Gestalt” dá origem a condição fundamental na relação terapêutica; trabalho esse que traz a importância do contato, do encontro, da relação entre duas ou mais pessoas no atendimento psicoterápico.

Hoje eu pesquisando sobre a afetividade no ambiente escolar entre o professor e o aluno venho destacar novamente a importância desse encontro entre o EU e o TU.

Martin Buber (2001), apesar de ter produzido a sua obra em outro período e contexto histórico, apresenta considerações e possibilidades para o estabelecimento de relações e experiências mais profundas, extremamente atuais, enquanto seres humanos e relacionais.

Essas contribuições estão focadas nas relações que se estabelecem na educação, para uma formação que privilegie a condição humana e o desenvolvimento pelo encontro com o outro e pelo diálogo.

Outra bibliografia que me apropriei na época de formação e venho retomar, é a de Hycner e Jacobs 1997, esta presenteada pela querida orientadora Dra Priscila

Pires Alves<sup>14</sup>, o livro nos apresenta também sobre a importância de uma relação equilibrada, justa, aberta e generosa. E na atual pesquisa, busco destacar a relevância da afetividade de Henry Wallon e outros autores na relação professor e aluno, analisando os impactos para a inclusão das crianças com deficiência, destacando o quanto a relação entre o EU e o TU com afetividade é importante para o desenvolvimento integral dessas crianças.

A abordagem "eu e tu" de Hycner e Jacobs, inspirada por Martin Buber, enfatiza a importância de relações autênticas e genuínas entre as pessoas.

Quando pensamos na interação com as crianças com deficiência, essa perspectiva pode oferecer um profundo impacto positivo.

Hycner e Jacobs (1997), destacavam a importância de ver o outro como um ser humano completo, com suas próprias experiências e perspectivas, em vez de um objeto ou uma categoria. Ver a criança além de sua deficiência, reconhecendo-a como um indivíduo único com sentimentos, desejos e capacidades próprias, promove um relacionamento baseado no respeito e na empatia.

Segundo eles, o diálogo "eu-tu" envolve um encontro genuíno onde cada pessoa está plenamente presente e aberta ao outro, envolver-se em um diálogo real com a criança, ouvindo suas necessidades e perspectivas sem preconceitos, ajuda a criar um ambiente onde a criança se sente valorizada, compreendida e respeitada. Ela é percebida, enxergada.

De acordo com Hycner e Jacobs (1995), a presença autêntica e a conexão emocional são cruciais para estabelecer uma relação significativa. Estar emocionalmente presente e conectar-se genuinamente com a criança pode ser especialmente importante para crianças com deficiência, que podem enfrentar desafios adicionais na comunicação e na expressão de suas necessidades.

As interações "eu-tu" baseiam-se no respeito mútuo e na dignidade. Tratar a criança com respeito e dignidade, reconhecendo seus direitos e potencialidades, ajuda a construir uma autoestima positiva e promove um desenvolvimento saudável.

O relacionamento "eu-tu" envolve um engajamento ativo e recíproco. Participar ativamente na vida da criança, oferecendo apoio e encorajamento, e respondendo às suas iniciativas, fortalece o vínculo e favorece um ambiente de inclusão e suporte. Esses e outros conceitos baseados na teoria de Martin Bulber

---

<sup>14</sup> Professora associada da UFF - Universidade Federal Fluminense, mestrado e doutorado em psicologia social pela UFRJ, <http://lattes.cnpq.br/1937124857662760>

serão capazes de serem observados mais à frente na análise do estudo de caso com a professora pesquisada.

Portanto a abordagem "eu e tu" de Hycner e Jacobs, ao ser aplicada na interação com crianças com deficiência, enfatiza a importância de relações autênticas, baseadas no respeito, na empatia e na presença genuína. Isso contribui para um ambiente mais inclusivo e humanizador, onde a criança é valorizada e encorajada a desenvolver todo o seu potencial.

Dessa forma somos capazes de enxergar e valorizar a criança com deficiência em sua individualidade, com um diálogo autêntico com respeito e dignidade, valorizando seu aspecto emocional e cognitivo como nos propõe Wallon em sua teoria, dando destaque a afetividade nas relações.

Isso é especialmente relevante para crianças com deficiência, que podem necessitar de um apoio emocional mais sensível e atento.

La Taille 1992, nos diz que Vygotsky e Wallon entendem que os fenômenos humanos devem ser estudados considerando-se que a constituição do sujeito se dá na interação com o meio, de modo dialético<sup>15</sup>, em que uma influencia e transforma o outro.

Vygotsky (1992), parte da ideia de que o sujeito constitui e é constituído, ao mesmo tempo, no e pelo social.

Segundo ele, ao longo de seu desenvolvimento, o sujeito evolui na medida em que entra em contato com o conhecimento produzido socialmente, internalizado por meio do outro.

De acordo com Wallon (2007), o outro que interage com o indivíduo e o contexto no qual estão inseridos são de extrema importância para a constituição e a evolução psicológica do sujeito. A partir dessa perspectiva, é possível dizer que não há constituição da pessoa se não houver um outro e um meio que o proporcionem. Sabe-se, também, que a evolução psicológica do indivíduo abrange dimensões como a cognitiva e a afetiva, e elas estão sempre se alternando, completando-se e, dessa forma, participando ativamente do processo de constituição do "eu".

No entanto, como afirma Mahoney (2004), o desenvolvimento não é um processo linear: há o ajuste das funções espontâneas da criança às exigências do meio. Assim, configura-se o desenvolvimento marcado por diferentes estágios - o

---

<sup>15</sup> Consiste em um modo de busca pelo conhecimento baseado na arte do diálogo.

que não implica continuidade, mas reorganizações qualitativas das características de um para outro. Ou seja, o desenvolvimento não é um processo mecânico, ele é descontínuo e marcado por conflitos que lhe conferem um ritmo marcado por retrocessos, avanços, novas significações do que foi aprendido antes, rupturas e transformações que vêm e vão ao longo do desenvolvimento.

Partindo do princípio de que o desenvolvimento se dá a partir do meio e no encontro com o outro, precisamos destacar a importância dessa relação ser uma relação saudável de respeito e escuta e visibilidade desse outro, principalmente quando esse outro trata-se de uma criança com deficiência.

Uma criança com deficiência precisa ser enxergada e vista em sua individualidade, para que ela se sinta respeitada e valorizada através do acolhimento e cuidado.

Segundo Martins (2004) o cuidado é parte da constituição humana, situando-se na gênese da própria existência do homem. Ao cuidar do outro não se garante apenas a sua sobrevivência, mas também o seu desenvolvimento humano, visto que ao ser cuidado o sujeito pode desenvolver sentimentos de responsabilidade, implicação afetiva e respeito pelo outro, ou seja, se apropriar dos valores básicos da experiência humana.

Para ele, é essa relação entre quem cuida e quem é cuidado que permite ao sujeito desenvolver seus modos individuais de estabelecer laços afetivos entre os indivíduos na sociedade.

Parolin (2007) propõe várias ideias e práticas voltadas para a criação de um ambiente educacional acolhedor e cuidadoso que facilita o aprendizado das crianças.

Ela destaca que a educação deve ser baseada em relações humanas saudáveis e respeitadas. O cuidado com as emoções e os sentimentos dos alunos é fundamental para o desenvolvimento de um ambiente propício ao aprendizado.

Entende-se que a afetividade é uma dimensão essencial da experiência humana, profundamente influenciada pelo meio ambiente e pelas interações com o outro. Ela se molda como percebemos e reagimos ao mundo ao nosso redor e é fundamental para o desenvolvimento de relações interpessoais saudáveis e significativas.

Segundo Libaneo (2021) em seu capítulo sobre “O Direito À Educação e a Escola Socialmente Justa”, propõe a ideia de uma escola socialmente justa, que não



apenas oferece acesso à educação, mas também garante condições de permanência e sucesso escolar para todos os alunos.

Isso implica uma educação inclusiva, que considera as diferentes necessidades e contextos dos estudantes. Ele propõe também que a qualidade da educação deve ser medida não apenas pelos resultados, mas também pela capacidade da escola de promover a inclusão, a cidadania e o desenvolvimento integral dos alunos:

Neste posicionamento, escola socialmente justa é a proposição de uma escola que vai além da declaração genérica do direito à educação, oferecendo ações pedagógico-didáticas efetivas para superação de desigualdades escolares e desigualdades sociais e todas as formas de injustiça e discriminação. (Libaneo 2021, p. 105).

Mas quais as relações que podem ser estabelecidas entre estas duas dimensões que perpassam o sujeito ao longo de todo o seu desenvolvimento, mais especificamente, entre a afetividade e a inclusão? Será que o outro tem alguma relevância na instituição desse elo?

Pensando na criança com deficiência que está sendo impactada pela afetividade do professor na escola é evidente a necessidade da presença de um outro que faça a mediação desse processo.

No entanto, não parece ser apenas a presença do outro que tem importância no processo de constituição de um sujeito incluso, não é somente a presença ali, ensinando a ler e a escrever que vai garantir a inclusão e permanência da criança na escola.

Leite (2006) relata em suas pesquisas que as experiências dos sujeitos investigados eram notoriamente marcadas pela dimensão afetiva.

Disso infere-se que as duas instâncias - afetividade e inclusão – encontram-se perpassadas, uma atravessando a outra, interferindo-se reciprocamente.

Então, nota-se que o importante é a qualidade da relação que a criança com deficiência desenvolve com a escola a partir da mediação do professor e os impactos que tal mediação traz para a permanência da criança na escola.

Dessa forma é possível entender que a inclusão implica em interação - seja com um outro ou com um objeto que pode ser os recursos pedagógicos utilizados que favorecem a interação da criança com o meio de uma forma afetiva e agradável.

Em Libaneo (2021), como nos ensina Freire, aprendemos que é na convivência amorosa com os estudantes e na postura curiosa e aberta que o

educador e a educadora assumem, ao mesmo tempo, provocando aos estudantes a se assumirem enquanto sujeitos sócio-histórico-culturais<sup>16</sup> do ato de conhecer, que se pode falar do respeito à dignidade e autonomia dos estudantes.

Para muitos autores, o ato de incluir perpassa por alguns entendimentos de amor e cuidado com o outro como já foi explanado anteriormente e diante da realidade em que vivemos, agir com humanidade e afetividade é agir com resistência.

Ivanio Dickmann em Libaneo (2021, p 134), nos diz que:

“educar com amor é ser resistência”. É ser testemunho de uma nova forma de ser educador e educadora. É rejeitar a opressão e suas manifestações na escola e outros espaços educativos.

Para ele, incluir é ser amoroso, afetivo, é ter esse novo olhar para com as crianças com deficiência.

Para que possamos ser inclusivos em nossas ações dentro e fora do ambiente escolar é preciso inovar, renovar, reolhar, mirar por outras vistas. E diante de nossa sociedade excludente é também resistir. Resistir a todas as formas de desamor, opressão e desrespeito e no caso da nossa pesquisa, essa resistência trata-se principalmente das crianças com deficiência. Como nos diz o professor Sérgio Correia<sup>17</sup>, em sua disciplina no mestrado, precisamos dar voz e vez como também sermos a voz daqueles que são silenciados. Precisamos lutar por espaços e pessoas mais humanizadas, que olham e enxergam o outro em sua individualidade descobrindo a boniteza<sup>18</sup> de cada ser.

Para tudo, lutar e resistir, com a chama do legado freireano:

“Eu sou um intelectual que não tem medo de ser amoroso. Amo as gentes e amo o mundo. E é porque amo as pessoas e amo o mundo que eu brigo para que a justiça social se implante antes da caridade. Ninguém nasce humano, torna-se humano”. (Paulo Freire: o Andarilho da utopia, em série de programas radiofônicos da Rádio Nederland, da Holanda).

Acreditamos que a afetividade na educação inclusiva cumpre um papel importante no atendimento às crianças com deficiência, principalmente na reconstrução da nossa humanidade a partir da educação.

---

<sup>16</sup> O enfoque sócio-histórico-cultural coloca em seu centro o sujeito que aprende e desvela o vínculo do afetivo e do cognitivo como parte do caráter integral do psiquismo humano.

<sup>17</sup> Professor do PPGED: <http://lattes.cnpq.br/1347947243469780>

<sup>18</sup> Boniteza é a ética, a moral, a coerência, é o convívio saudável e respeitoso com o outro. Boniteza é a bondade, a coerência, a tolerância.

Ao promovermos um ambiente de afetividade e aceitação, as crianças com deficiência podem se sentir incluídas e valorizadas em suas comunidades. Isso não só beneficia o desenvolvimento individual de cada criança, mas também contribui para uma sociedade mais inclusiva e compassiva. Podemos dizer que a afetividade é um ingrediente fundamental para humanização e inclusão.

### 3 METODOLOGIA

Durante as disciplinas do mestrado: “Seminário de pesquisa” que tão bem as professoras, Maria do Perpetuo Socorro Pereira Cardoso<sup>19</sup> e Marta Genú Soares<sup>20</sup> souberam ministrar, muito contribuiu para que tivéssemos um estudo reflexivo sobre a pesquisa e pudéssemos lidar com o problema de pesquisa como mais um desafio de transformação para sociedade.

Com a disciplina foi possível perceber a importância da escolha do tema e a importância da nossa formação para que a pesquisa traga a relevância necessária para a sociedade.

Foi possível observar também que para um projeto de pesquisa seja eficaz ele precisa ser muito bem elaborado, sendo definido como será feito, o percurso a ser trilhado até a resposta do problema científico escolhido.

Todos os métodos possuem suas peculiaridades e forma de trabalhar, o que irá distinguir é justamente os objetivos que pretendemos alcançar, as perguntas que pretendemos responder e as hipóteses sugeridas ou não para resolução do problema.

Para atingir o objetivo da pesquisa realizamos um estudo de caso, para entender melhor como a professora pesquisada entende a afetividade no atendimento com as crianças com deficiência que ela acompanha e se ela realmente se apropria dessa afetividade.

Tratou-se de uma pesquisa descritiva com abordagem qualitativa fenomenológica, que foi desenvolvida com entrevistas semiestruturada, diário de campo e posteriormente a análise desses dados para as considerações finais. Iremos fazer uma explanação sobre o formato da pesquisa para melhor compreensão.

A palavra fenomenologia foi empregada por alguns pensadores ao longo da história da filosofia, e pode ser aqui definida por ABBAGNANO, 2000, p. 437 nos

---

<sup>19</sup> Professora Titular e pesquisadora da UEPA, onde atua na Graduação em Letras, na Pós-Graduação em Educação (Mestrado e Doutorado do PPGED/CCSE/UEPA na Linha de Pesquisa Saberes Culturais e Educação na Amazônia) e na Pós-Graduação em Ensino de Língua e Literatura (mestrado do PPGELL/CCSE/UEPA, na Linha de Pesquisa em Linguística).

<sup>20</sup> Professora Titular da Universidade do Estado do Pará, lotada no Programa de Pós-Graduação em Educação/UEPA, no Eixo Formação de Professores e Práticas Pedagógicas, e no Curso de Graduação em Educação Física. Pesquisadora no Grupo de Pesquisa Resignificar- Experiências inovadoras na formação de professores e prática pedagógica.

seguintes termos: “descrição daquilo que aparece ou ciência que tem como objetivo ou projeto essa descrição”. Como se pode deduzir do próprio vocábulo, a fenomenologia está relacionada diretamente ao conceito de fenômeno que pode ser definido como “aquilo que aparece ou se manifesta”, para os fenomenólogos, fenômeno é aquilo que se coloca à consciência, é para onde a intencionalidade está dirigida.

Para a fenomenologia os fenômenos são coisas que se apresentam à nossa consciência e que, no entanto, dependem de experiência, memória, imaginação, desejo e etc. na medida em que podemos experimentar tudo, pois, o objeto da fenomenologia não é o que está fora da mente, mas sim, dentro.

A escolha pela abordagem fenomenológica de Schutz (1979) foi realizada por se tratar de um estudo de fenômenos sociais e sobre a vida social, e não é possível estudar educação e suas ramificações sem falar de relacionamento, de troca, de fenômenos sociais, de experiências sociais, mostrando que a realidade social não é homogênea, mas algo que é construído a partir das experiências.

Durante a pesquisa realizamos uma entrevista semiestruturada com a professora pesquisada onde continham 18 questões. Nessas perguntas buscávamos saber como era o trabalho que a mesma realizava com as crianças com deficiência dentro da escola na SRM– sala de recurso multifuncional, sua formação, seu tempo de atuação na área, se houve outras formações após seu ingresso na área de educação especial, se já atuou em outras áreas da educação, se se sente preparada para atuar na área em que trabalha, se o município oferece formação continuada para os professores da educação especial, o que considera positivo e negativo em relação ao investimento do município na área que atua, seus principais desafios enquanto professora especializada do município de Belém, como é sua comunicação com as crianças com deficiência da educação infantil do município de Belém, se utiliza algum recurso para facilitar na sua interação com os alunos, sua rotina no AEE – atendimento educacional especializado, o tempo de atendimento realizado com as crianças na SRM – sala de recurso multifuncional e como organiza esse tempo de atividade, a importância da afetividade para ela no relacionamento com os alunos, perguntamos também se ela acredita que a afetividade pode facilitar no processo de inclusão das crianças que ela atua, suas maiores dificuldades na atuação como professora especializada, e por fim pedimos para a professora nos contar um fato que chamou sua atenção no período de atuação com as crianças

com deficiência. As perguntas na íntegra da entrevista estão como anexo no final dessa dissertação.

Através da entrevista com a professora pesquisada e análise foi possível enxergar a essência e manifestação de tudo aquilo que se pode perceber do objeto de pesquisa ou do fenômeno através dos sentidos.

Esse método foi proposto como uma crítica ao método indutivo e dedutivo, para que a partir da experiência fosse possível observar o fenômeno através da vivência na relação com o meio.

O método fenomenológico é um método de abordagem, que estuda o fenômeno tal qual ele se manifesta, tendo como objetivo compreender a relação que se manifesta entre o professor e o aluno e a afetividade que permeia essa relação sem perder o olhar da atuação afetiva da professora que é nosso objeto de pesquisa.

A observação realizada no momento das entrevistas com a professora foi de total importância para entendimento e compreensão de diversos aspectos.

É uma abordagem que interpreta o mundo através da consciência do sujeito a partir de suas próprias experiências. O objeto dessa abordagem é o próprio fenômeno tal qual apresenta à consciência, ou seja, o que aparece, e não o que se pensa ou se afirma a seu respeito.

Trata-se de uma pesquisa qualitativa onde se procura compreender a atuação da professora com as crianças com deficiência, e as representações que formam a partir da experiência e os conceitos que elaboram na perspectiva de CHIZZOTTI (1998).

O estudo de caso Yin, R. K. (2015), oferece uma abordagem abrangente e detalhada sobre como planejar, conduzir e analisar estudos de caso nas pesquisas qualitativas.

O Método do Estudo de Caso " ... não é uma técnica específica. É um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado" (GOODE & HATT, 1969, p.422)

De acordo com YIN (2005), a preferência pelo uso do Estudo de Caso deve ser dada quando do estudo de eventos contemporâneos, em situações nas quais os comportamentos relevantes não podem ser manipulados, que é o caso da nossa pesquisa, mas onde é possível se fazer observações diretas e entrevistas sistemáticas.

Segundo ele, apesar de pontos em comum com o método histórico, o Estudo de Caso se caracteriza pela "... capacidade de lidar com uma completa variedade de evidências - documentos, artefatos, entrevistas e observações." (YIN, 1989, p. 19).

O Método do Estudo de Caso " ... não é uma técnica específica. É um meio de organizar dados sociais preservando o caráter unitário do objeto social estudado" (GOODE & HATT, 1969, p.422)

O estudo de caso na nossa pesquisa tem como objetivo focalizar um fenômeno particular, levando em conta seu contexto e suas múltiplas dimensões.

Foi sugerido pela banca na época da qualificação o estudo de caso para se valorizar o aspecto unitário, mas ressalta-se a necessidade da análise situada e em profundidade da professora diante dos alunos com deficiência que ela acompanha ou acompanhou em algum momento sua atividade na educação especial.

O estudo de caso com a professora pesquisada se deu em uma observação minuciosa de sua atuação enquanto professora especializada em uma escola da educação infantil da região metropolitana de Belém e seu entendimento em relação ao trabalho que realiza.

O procedimento utilizado foi a entrevista, observações e análise das respostas sobre sua atuação como professora da educação especial com as crianças da Educação Infantil com deficiência na EMEI no período de fevereiro de 2023 a setembro de 2023.

O instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista semiestruturada realizada com a professora (mencionada anteriormente) que está em anexo dessa pesquisa, depoimento de sua atuação diante das crianças e seus familiares que participam do AEE na EMEI em que ela atua.

A Análise descritiva será validada por meio de - Entrevista, observação, diário de campo - Schutz (1979), Marconi e Lakatos (2003).

O estudo de caso foi de uma professora especializada da Educação Infantil que possui uma vasta experiência na área (pelo seu tempo de trabalho) e atualmente estava atuando em uma escola da região metropolitana de Belém.

Os critérios de inclusão/exclusão selecionados:

- Professora entrevistada no período de fevereiro de 2023 a agosto de 2023 do AEE da SRM
- Os cuidados éticos que serão estabelecidos:
- Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE);

Esses instrumentos foram utilizados para dar mais legalidade e fidedignidade para nossa pesquisa observando os passos, maneiras, instrumentos e recursos utilizados pela professora nesse olhar e enxergar o outro em sua individualidade e diferença.

### 3.1 Estudo de Caso

O estudo de caso é uma metodologia de pesquisa qualitativa amplamente utilizada nas ciências sociais e humanas, particularmente eficaz na educação para explorar fenômenos complexos em profundidade.

De acordo com Yin (2015), um estudo de caso é ideal para investigar situações contemporâneas dentro de seus contextos reais, especialmente quando as fronteiras entre o fenômeno e o contexto não são claramente definidas.

Ele permite uma compreensão detalhada e rica do fenômeno, capturando as nuances e singularidades que outras metodologias podem não abordar.

Pode incorporar diversas técnicas de coleta de dados, como entrevistas, observações e análise documental, oferecendo uma visão multifacetada do objeto de estudo.

Oferece também uma compreensão profunda do contexto em que o fenômeno ocorre, essencial para a pesquisa educacional que frequentemente lida com variáveis contextuais complexas.

Este estudo de caso foi realizado como mencionado anteriormente com uma professora que atua em uma escola de educação infantil na região metropolitana de Belém, escolhida por ser pioneira na implementação de uma sala de recursos multifuncionais.

Essa escolha estratégica foi motivada pelo interesse em investigar a afetividade como uma prática educativa inclusiva e inovadora.

A professora selecionada possui vasta experiência em educação especial, oferecendo uma perspectiva rica sobre o Atendimento Educacional Especializado (AEE).

A pesquisa envolveu entrevistas detalhadas com a professora, observações de suas práticas e análise de documentos relacionados às políticas de educação inclusiva.



Durante as entrevistas, foi evidente a afetividade da professora no processo de inclusão das crianças com deficiência. Seu olhar sensível e cuidadoso destaca a importância do afeto como um componente essencial na educação inclusiva, promovendo um ambiente acolhedor e respeitoso que valoriza as necessidades individuais dos alunos.

Inicialmente, a pesquisa pretendia incluir várias unidades de educação infantil que estavam implementando salas de recursos multifuncionais. No entanto, devido à falta de retorno da Secretaria Municipal de Educação, optou-se por focar em um estudo de caso único com a professora selecionada.

Essa decisão permitiu uma investigação mais profunda e concentrada, alinhada com os objetivos do estudo de caso descritivo.

O estudo de caso descritivo está focado em descrever o fenômeno em detalhes, proporcionando uma visão abrangente de como ele ocorre no contexto estudado.

Para embasar teoricamente o estudo de caso, autores como Robert Yin, Sharan Merriam e Robert Stake são citados. Yin (2015) fornece uma estrutura clara para a condução de estudos de caso, enquanto Merriam (1998) e Stake (1995) oferecem insights sobre a flexibilidade e profundidade dessa abordagem.

Yin (2015) traz contribuições significativas à metodologia de estudo de caso, pois fornece diretrizes claras sobre como planejar, conduzir e relatar.

Merriam (1998), destaca a flexibilidade e a capacidade do estudo de caso de capturar a complexidade das experiências humanas.

Stake (1995) enfatiza a importância do contexto e da interpretação subjetiva dos dados oferecendo uma perspectiva mais qualitativa ao estudo de caso.

O estudo de caso realizado não apenas contribui para a compreensão das práticas de AEE em Belém, mas também enriquece a literatura sobre educação inclusiva. Ele demonstra como uma abordagem cuidadosa e contextualizada pode revelar insights valiosos sobre as práticas pedagógicas da professora e políticas educacionais do nosso município.

A afetividade observada no processo de inclusão destaca a importância de um olhar que valorize o cuidado e a atenção individualizada, oferecendo um modelo para futuras pesquisas na área.

#### 4. ANÁLISE DOS DADOS

No dia 04 de maio (quinta-feira) pela manhã, entrei em contato com a professora Maria Flor<sup>21</sup>, para falar um pouco sobre meu projeto de pesquisa e a convidei para participar de uma entrevista, a fim de explanar como acontece suas relações com seus alunos de uma Escola no município de Belém. E após uma breve conversa pelo *whatsapp* agendamos para o mesmo dia no meio da manhã.

Vale ressaltar que no dia 27 de abril (quinta feira), estive no Centro de Referência da Prefeitura de Belém, a qual a professora está vinculada, e que fornece suporte de formação para a prática educativa. Nesse dia conversei com a coordenadora responsável pela educação Infantil do atendimento especializado, quando fiz um breve comentário sobre meu projeto de pesquisa, informando que eu entraria em contato com os professores para a pesquisa.

Essa introdução com a coordenadora se deu pelo fato de não ter tido retorno do protocolo enviado à SEMEC solicitando autorização para a execução do projeto de pesquisa, até o presente momento.

Retomando para a conversa com a professora Flor, esta me informou que apesar de ter feito o Processo Seletivo Simplificado (PSS) no ano anterior para o Centro de Inclusão da Cidade de Belém, foi remanejada para uma escola da região metropolitana de Belém, localizada na Avenida Maria e José, número 1111, do bairro Dos Anjos, local que fui encontrá-la para entrevista, após explicação da pesquisa e consentimento e assinatura do Termo de consentimento Livre Esclarecido (TCLE). A professora concordou com sua participação na pesquisa.

Ao chegar na escola no meio da manhã, horário agendado pela professora, deparei-me com uma criança de aproximadamente três anos de idade saindo muito alegre com balões e embrulhos como se fosse final de festa com mais três mulheres da escola em uma cadeira de rodas com os dois pés enfaixados. Eu as cumprimentei e as mesmas entraram em um carro que estava estacionado na frente da Escola. Entrei e me apresentei na recepção da escola e permitiram minha entrada por estar previamente informada pela professora Maria Flor.

Cumprimentei a secretária na recepção e ao lado uma senhora jovem que se apresentou como diretora da escola. Novamente, me apresentei e a mesma falou

---

<sup>21</sup> A participante não autorizou o uso do seu nome, por isso utilizei um nome fictício.

que já estava ciente da minha presença. Apresentei o protocolo que tramita na SEMEC há meses, para que eu possa, após autorizada, entrevistar os responsáveis das crianças acompanhadas pelo Atendimento Educacional Especializado (AEE) e observar o atendimento da professora Maria Flor. Como não obtive retorno desse protocolo pela SEMEC dei continuidade à pesquisa como um estudo de caso analisando apenas a professora que se dispôs e autorizou sua participação na minha pesquisa.

Ao aguardar a professora Maria Flor que no momento estava no lavabo, permaneci na secretaria junto com a diretora e a mesma relatou que essa pesquisa e a minha presença muito auxiliaria no desenvolvimento dos profissionais daquela escola, acreditando que naquele momento viria mais uma profissional para auxiliar “no árduo trabalho com as crianças com deficiência ou que apresentam algum tipo de transtorno” – disse a diretora.

Naquele momento foi possível perceber a angústia e ao mesmo tempo, o anseio que os profissionais da escola sentem ao tratar com crianças com deficiência, o desejo de saber como lidar, o que fazer, como tratar fica aparente em seus olhares sedentos por auxílio e ajuda no “árduo trabalho” – nesse caracterizar já aparece algo de inferiorizar o trabalho e as crianças –, no entanto, foi necessário pontuar a minha presença no espaço e que no momento estaria apenas observando como pesquisadora e conversando com a professora de referência. A diretora compreendeu e destacou a importância da professora especializada na escola e que a mesma era diferenciada no trato com as crianças e expertise no atendimento com as crianças.

Em alguns instantes a professora se aproximou muito sorridente e alegre em me cumprimentar. Apresentei-me e nos encaminhamos para a Sala de Recursos Multifuncionais (SEM) que era praticamente ao lado da secretaria, próximo à entrada da Escola.

Ao entrarmos a professora logo apresentou o espaço da SRM que foi criado há alguns meses e que em 02 de maio completou um ano de serviço na Prefeitura Municipal de Belém pelo Processo Seletivo Simplificado (PSS) e que aquela Sala era a primeira SRM da educação infantil implantada pela SEMEC, juntamente com o Centro de Referência da cidade de Belém para terem esse atendimento especializado na própria escola. Até então todos os atendimentos eram realizados no Centro em que a professora está vinculada – que está localizado no centro da

região metropolitana de Belém. A família era responsável em levar a criança para o acompanhamento semanal nesse centro e que atualmente está sendo realizado na própria escola.

A professora foi me apresentando os materiais confeccionados por ela e por seu esposo por meios próprios e os poucos materiais que foram fornecidos pela escola.

A professora demonstra o quanto o recurso pedagógico é fundamental para trabalhar com as crianças com deficiência e mesmo a prefeitura não oferecendo o material adequado confeccionado com seu esposo, para não deixar de realizar o trabalho que acredita ser fundamental tanto para o desenvolvimento da criança como para seu processo de inclusão. Para a professora pesquisada a formação pessoal na área de educação especial é uma forma de afetividade e isso é possível observar com os benefícios que a criança recebe e sua interação no espaço pedagógico relatado por ela. A seguir, parte desse material nas figuras 6, 7, 8 e 9.

Fotografia 3: materiais da SRM 1



Fonte: acervo da pesquisadora

Na figura 6 é possível observar os poucos materiais que a escola ofereceu para que a professora atuasse com as crianças do atendimento educacional especializado. É possível observar também que suas características não atendem à demanda, tanto no quesito quantidade quanto diversidade, é considerado insuficiente para trabalhar com as crianças com deficiência.

Fotografia4: materiais da SRM 2



Fotografia 5: materiais da SRM 3



Fonte: acervo da pesquisadora

Fotografia 6 : matérias da SRM 4



Fonte: acervo da pesquisadora

Nas figuras 7, 8 e 9 são registrados os materiais confeccionados pela própria professora com recursos próprios. Ela nos relata que vai confeccionando o material de acordo com a demanda e o que pretende trabalhar ou desenvolver com cada criança que acompanha na SRM.

Questionei a professora o que era possível observar na criança com esses recursos que estavam sendo preparados e utilizados por ela. Ela relatou que ocorria o interesse da criança e desenvoltura nas habilidades que pretende observar com cada criança em específico.

Questionei também qual a diferença que isso fazia e a mesma me respondeu que toda diferença. Relatou que com material adequado é possível observar que a criança apresenta resultados mais significativos, após as intervenções especializadas disse que isso também faz parte do atendimento educacional especializado. Relatou também que sem o material adequado é impossível trabalhar com as crianças com deficiência.

Observei que até o próprio recurso pedagógico utilizado é uma forma de “tocar” a criança com deficiência com afetividade, pois através dele a criança se sente mais importante no processo. É por meio desse recurso que a criança se sente parte, pois dessa forma consegue interagir com o meio, pois lhe foram oferecidos recursos que favorecem esse envolvimento, esse interesse, essa permanência no espaço em que ela está inserida.

Podemos afirmar a partir dessa observação e relato da professora que o recurso pedagógico também é uma forma de inclusão e afetividade. Faz com que a criança se sinta mais acolhida pois olharam para ela de forma especial, dizendo de uma maneira informal que ela é importante naquele espaço e naquele processo.

E como podemos afirmar isso? Seria o tempo da própria permanência no espaço. A criança deseja ficar no local por mais tempo, quer ir para a intervenção, se sente acolhida e isso é fundamental para o processo não somente de inclusão como também de aprendizagem.

Com isso a professora atrai a atenção da criança, quanto mais tempo a criança for ou ficar no atendimento, mais é possível interferir no seu processo de ensino e aprendizagem.

Assim que a professora me apresentou o espaço da SRM, explanei um pouco sobre a pesquisa e reforcei sobre o TCLE, após a apresentação a professora aceitou participar da pesquisa e iniciamos a entrevista com autorização de registro de imagens e gravação.

Iniciei a pesquisa com as tradicionais perguntas:

**PE:** Qual seu nome? Idade? E profissão?

**Maria Flor:** Maria Flor, tenho 59 anos e irei fazer 60 anos na próxima quarta-feira, sou professora.

**PE:** Qual sua área de formação? Há quanto tempo?

**Maria Flor:** Eu já sou aposentada pela Educação. Trabalhei 17 anos na sala do AEE em Abaetetuba, interior do Pará, os outros anos com educação regular, no dia 02 de maio de 2023 completei 38 anos de trabalho. Enquanto eu tiver forças e esse amor para dar para as minhas crianças, eu vou continuar trabalhando (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

Nesse momento foi possível observar que a professora entrevistada não era nenhuma “menina” e sim uma senhora de quase 60 anos com experiência de vida. E que de alguma forma se especializou para estar naquele espaço de formação com exigência do AEE, como veremos mais à frente:

**PE:** Logo no início a questioneei quem era a criança que estava saindo do colégio no momento da minha chegada? Qual a deficiência dela?

**Maria Flor:** Ela é deficiente física, já realizou várias cirurgias e usa prótese, usa fralda e a urina é retirada com cateter.

**PE:** E qual o diagnóstico dela? Os pais já relataram?

**Maria Flor:** Não. Ela se apresenta na cadeira de rodas, ela dança, tem cinco anos, ainda usa fralda, hoje foi comemorado o aniversário dela na sala com os colegas. Ela estava afastada da escola por conta da cirurgia nos pés para colocar uma prótese, e hoje ela retornou para comemoração de seu aniversário com os colegas de sala (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

Foi possível observar o quanto a sala de aula é importante para essa criança e o quanto ela se sente bem nesse ambiente, pois escolheu aquele espaço, juntamente com os pais para comemorar seu aniversário. Foi possível observar a alegria da criança na saída da escola. O espaço escolar precisa ser um espaço acolhedor e de relação em que exista o respeito a cada diferença, seja ela qual for. Não tem como existir aprendizagem se não existe relação.

A professora Maria Flor em seguida me relatou que comprou um livro de atividades para a aluna responder na casa dela e depois trazer as atividades realizadas.

Durante a entrevista foi possível observar o quanto a professora se dedica para trazer alegria aos alunos e satisfação em estar na sua presença, buscando motivá-los com gestos de carinho e afetividade. Sempre incentivado a voltar para o espaço de acompanhamento e estímulo.

Relatei para a professora que quando pensei na proposta de pesquisa do mestrado os atendimentos eram todos realizados no Centro de referência e a mesma me informou que a Escola em que trabalha é uma das primeiras que está realizando esse trabalho na região metropolitana de Belém na educação infantil.

Nesse momento a professora começa a identificar os objetos que a escola já tinha para a construção da SRM como: uma mesinha, duas cadeiras e um tatame. Uma estante foi cedida por uma professora que também trabalha na escola.

Ela relatando sobre a apresentação da sala assim que chegou na escola, demonstra espanto ao perguntar para a pessoa que estava apresentando:

**Maria Flor:** Esta é minha sala? E a pessoa responde: “É essa aí”. “E esse baú?” E a pessoa responde: “É do Projeto Histórias da escola, pois a sala reservada para o AEE não estava sendo usada” (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

Em seguida a professora relatou que foi direcionada ao depósito da escola e que a informaram que poderia pegar o que precisasse para a SRM e para o AEE, que foram os brinquedos apresentados na figura 1.

O restante do material a professora preparou com meios próprios juntamente com seu esposo.

Em seguida destaca que se for trabalhar em outro local irá levar o material que foi confeccionado por ela e que ao sair da escola não irá ficar quase nada de material novamente.

Foi possível observar o descaso que ainda existe no trabalho com as crianças com deficiência. A falta de fiscalização das políticas públicas e o não cumprimento dos direitos e interesse das instituições e órgãos que são criados para esse fim.

A impressão que se tem é de algo que ainda não está definitivo e sim uma situação “provisória”, pelos recursos pedagógicos não serem da própria escola e sim da professora que é uma profissional temporária.

A professora relata que não irá deixar os materiais confeccionados, pois irá trabalhar a partir de casa assim que terminar seu tempo no município. Apesar da professora precisar do material confeccionado por ela caso ela saia da escola, não parece uma atitude de egoísmo por parte da professora? Eu fiz, é meu. A outra que vier que faça o seu, eu saio e levo tudo. Eu iniciei a SEM sem nenhum material. Quem vier que comece sem material também.

Outra observação é que vale ressaltar que a professora vem de Abaetetuba – uma cidade com 125 km de distância da capital paraense –, todo domingo e retorna na sexta feira após o trabalho.

Aqui em Belém mora na casa de uma irmã junto com seus pais e que no final de semana retorna para sua cidade.

**PE:** O que a motivou vir para Belém para trabalhar?

**Maria Flor:** vim para ter mais acesso às informações. Eu acreditava que na capital teria mais recurso no trabalho em educação especial (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

Esse gesto de se deslocar de uma cidade para outra deixando sua casa e seu esposo, é uma forma de afetividade. Ela deixa sua estrutura original para ir em busca do desconhecido, pois de alguma forma aquilo a tocou, à envolveu para tomar novas decisões e escolhas, se dá também pela necessidade de trabalho da professora. No caso aqui a escolha de continuar trabalhando com educação infantil,



agora na capital paraense, onde a professora relata buscar novos conhecimentos e formação.

**Maria Flor:** no dia anterior completei um ano de PSS. Tenho apenas mais um ano para ficar na escola (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

Penso que esse tipo de função já era para estar mais estabilizada na SEMEC, por questões legais e funcionais e não possuírem profissionais temporários caracterizando uma falta de continuidade no trabalho.

Disse que foi aprovada pelo PSS para educação especial para SRM e como é aposentada tinha a ideia de trabalhar em casa e estava com sua sala de estar pronta e materiais preparados para esse serviço, no entanto estava para Belém para acompanhar o pai em um tratamento de saúde e que já ficava em Belém toda semana.

Resolveu realizar o processo e ficou em quinto lugar porque tinha especialização na área, mas no decorrer do processo como na entrevista foi colocada para fora do número de vagas acabou não sendo chamada.

Com isso se passaram oito meses e os responsáveis dos alunos de uma escola da região metropolitana de Belém foram ao Ministério Público do Pará questionaram por que não tinha professor de AEE na escola, sendo que existia a sala de recurso para esse fim? O MPP procurou a secretaria responsável de Belém e exigiu o AEE para todas as UEs e EMs do município de Belém e chamaram todos os professores aprovados que estavam à espera do PSS.

Essa situação demonstra que precisamos ser resistentes para lutar por condições melhores, exigindo que a legislação seja cumprida, e o não atendimento para as crianças que necessitam do AEE não deixa de ser uma forma de exclusão e falta de empatia e afetividade por parte do setor responsável, que segundo a professora pesquisada a organização e o preparo para o AEE é uma forma de afetividade. Podemos dizer que é um enxergar o outro em sua necessidade.

Nessa situação, a professora entrevistada ocupou o cargo em que está atuando atualmente.

A professora relata que gosta muito de trabalhar com crianças pequenas, pois elas aprendem tudo que ensinam, pois acredita que o aprendizado se dá de 0 a 6 anos.

É possível observar o que motiva a professora é o resultado do trabalho que realiza com as crianças que dão o retorno a partir de suas motivações em

permanecerem na escola, se sentirem importantes, parte do processo de ensino e aprendizagem:

**PE:** Qual a faixa etária que você acompanha na SRM?

**Maria Flor:** Eu tenho alunos aqui de 1 ano e 8 meses, 2 anos, 3, 4 e 5 anos.

**PE:** Quantos alunos a senhora acompanha atualmente?

**Maria Flor:** Eu estou com 20 alunos, mas tem mais quatro que já foram para a avaliação que a princípio ficarão comigo também.

**PE:** Desses 20 alunos, quantos são laudados?

**Maria Flor:** Desses 20 alunos, 14 são laudados TEA<sup>22</sup>, 1 deficiente auditivo<sup>23</sup>, 1 deficiente físico<sup>24</sup> com paralisia cerebral<sup>25</sup>, 2 deficientes físico, 1 deficiente intelectual<sup>26</sup>, 1 que está em avaliação, mas para também é TEA e tem mais 4 aguardando resultado de avaliação e depois vem para fazer acompanhamento comigo também.

**PE:** As crianças são atendidas no AEE só depois da avaliação? (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

**Maria Flor:** Sim. Somente esse aluno que estou atendendo que é evidente que é TEA e ele está precisando muito do atendimento. Estamos dando prioridade para os que têm laudo (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

Foi possível observar a afetividade novamente na professora pesquisada, onde se apropriou de sua autonomia para inserir uma criança ao atendimento educacional especializado mesmo sem ter concluído o laudo sabendo da real importância de sua permanência na sala para o processo de inclusão da escola. A empatia é uma característica muito latente nessa professora, fazendo diferença na sua prática educativa e afetividade com as crianças.

**PE:** Como você consegue dar conta de todos os seus atendimentos? Qual a frequência do atendimento? E quanto tempo?

**Maria Flor:** O atendimento acontece uma hora de tempo com cada um, uma vez por semana. Eu faço um cronograma de atendimento. Cada aluno no seu horário, eu divido numa planilha o horário e dia da semana de cada criança (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

---

<sup>22</sup> Transtorno do espectro autista (TEA) é um distúrbio do neurodesenvolvimento caracterizado por desenvolvimento atípico, manifestações comportamentais, déficits na comunicação e na interação social, padrões de comportamentos repetitivos e estereotipados, podendo apresentar um repertório restrito de interesses e atividades - OMS.

<sup>23</sup> O uso correto dos termos são: Deficiente Auditivo ou Pessoa com Deficiência Auditiva: pode ser relacionado a quem teve perda auditiva, seja moderada ou total.

<sup>24</sup> Deficiências físicas são alterações completas ou parciais de um ou mais segmentos do corpo humano, que acarretam o comprometimento da mobilidade e da coordenação geral, podendo também afetar a fala, em diferentes graus.

<sup>25</sup> Paralisia Cerebral (PC), a deficiência mais comum na infância, é caracterizada por alterações neurológicas permanentes que afetam o desenvolvimento motor e cognitivo, envolvendo o movimento e a postura do corpo.

<sup>26</sup> Refere-se a padrões intelectuais reduzidos, significativamente inferiores à média, geralmente com manifestação antes dos 18 anos, e limitações associadas a duas ou mais áreas de habilidades adaptativas, tais como comunicação, cuidados pessoais, habilidades sociais, habilidades acadêmicas, segurança e autonomia.

Os atendimentos iniciam às 7:30, interrompe para o almoço, depois retorna e vai até às 17:30 horas.

Tem o caso de uma aluna que é acompanhada pela professora desde o ano passado e que esse ano, foi para o período parcial devido a turma ser de jardim I e não mais maternal que era integral.

Com isso a professora se dispôs a atender essa criança no horário de 11:30, horário de almoço dela, simplesmente para facilitar na logística da família<sup>27</sup>. Dessa forma, assim que a criança termina o período de aula, ela almoça e já fica para o atendimento especializado, para que a mãe não precise retornar no contraturno<sup>28</sup> com a criança. Relata a professora que tentaram no contraturno, porém não tiveram sucesso<sup>29</sup>.

Percebe-se a preocupação da professora para que as crianças realizem o atendimento de uma forma um pouco mais confortável por conta das dificuldades que a família já enfrenta. Ela procura saber dos responsáveis o melhor horário para levá-los. A empatia é um fator muito importante para prática pedagógica. A empatia atrelada à afetividade que a professora demonstra através da sua fala, gestos e olhar, com certeza é um fator de inclusão, pois favorece que o aluno permaneça e continue o acompanhamento na escola.

Nesse momento da entrevista fomos interrompidas por uma monitora da escola pedindo suporte para professora especializada, relatando sobre uma criança com TEA que estava em surto. Era possível ouvir os gritos em toda escola.

A professora entrevistada entregou uns dedoches, relatando que a criança costuma se acalmar com eles enquanto está no atendimento, relatou que os utiliza quando necessário na sala regular. Disse também que caso não resolva ela iria até a criança.

Segundo a observação é possível perceber que a professora não mede esforços para ajudar e atuar com as crianças, incentivando a criança e a família para o atendimento.

---

<sup>27</sup> Essa criança trata-se de uma criança deficiente física. A professora, vendo a dificuldade em colocar e retirar a criança cadeirante no carro percebeu que acabaram não dando continuidade no atendimento pelo transtorno.

<sup>28</sup> As crianças que são alunas do maternal, são alunos do período integral, já as crianças que estudam no jardim I e jardim II, são alunos do período parcial.

<sup>29</sup> Foi acordado com a família que quando a criança não se alimentar direito no horário do almoço ela não ficaria. Algo que não acontece com frequência, por se tratar de uma criança que se alimenta bem.

Foi possível observar também que a professora incentiva outros profissionais como: a professora regular, a monitora e direção da escola a intervir com a criança sem precisar depender constantemente dela. Até porque a professora tem realizado formação com os profissionais da escola.

A professora também informou que a criança está passando por mudanças de medicamentos informadas pela família, o que pode estar alterando ainda mais seu comportamento.

Em seguida a professora relatou sobre uma criança que resiste ao atendimento e é necessário paciência e orientação para que a criança entenda a importância do acompanhamento e permaneça na sala. Da mesma forma foi necessário realizar um agendamento no horário do almoço desse aluno que questionava, porque tinha que retornar para escola, sendo que já tinha ido para aula. Por se tratar de uma criança muito resistente, essa alteração no horário também foi necessária para viabilizar o atendimento.

A professora procura intermediar constantemente com afetividade para que a criança e a família compreendam a importância do atendimento, proporcionando condições para que realizem. Essa importância no atendimento pela família será reforçada com a participação efetiva da criança na escola e na SRM. Pois o objetivo segundo a professora é que a criança além de permanecer na escola se sinta bem e a vontade nesse espaço.

Relatou a professora que atualmente faz as atividades com essa criança sem dificuldades, sem resistências e sem tantos questionamentos como antes.

Nesses dias de atendimento no horário do almoço, a professora compensa o horário dela no horário da saída.

A professora enfatiza que os outros alunos vêm no contraturno e que constantemente avalia o resultado dos atendimentos e se estão sendo eficazes ou não.

A autoavaliação constante é um dos preceitos de Wallon, para um melhor desempenho das atividades.

A professora envia para os pais (que autorizaram no momento da matrícula a divulgação de imagens) fotos e vídeos da criança no momento do atendimento educacional especializado na SRM e o comportamento diante das atividades:

(Enquanto isso, os gritos continuam ao fundo da entrevista representando o grau de agitação da criança em crise).

**PE:** Como realizava o planejamento das atividades?

Quando comecei a trabalhar na escola não existia nenhum material preparado para a orientação do protocolo de atendimento (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

Conseguiu alguma coisa já pronta no centro de referência em Belém e os outros confeccionou. Segue em anexo o material preparado pelos professores para atuarem com as crianças da educação infantil com deficiência que são atendidas pelos professores especializados nas SRMs de Belém.

A professora falou também como deveriam ser as estruturas das SRMs, disse que deveriam ser adaptadas para as crianças com: mesa redonda, cadeiras estofadas de acordo com o tamanho das crianças, um rack baixo, inclusive para os cadeirantes.

É possível perceber a importância do conhecimento e formação da professora na área da educação especial. O conhecimento, faz toda diferença no acompanhamento da criança, pois a profissional dá atenção a todos os detalhes que com certeza farão diferença no desenvolvimento da criança e no acompanhamento que é realizado. Observa-se um olhar de atenção à criança com deficiência. Ter um espaço adaptado e materiais adequados para o trabalho se faz necessário para o cuidado e amor com essas crianças. É muito fácil realizar o trabalho da forma que já estamos habituados a fazer, difícil é fazer o diferente para o “diferente”. Neste momento coloco a palavra diferente entre aspas para destacar o diferente como a criança com deficiência que necessita de ações inovadoras para que possamos de fato incluí-la no ambiente regular. Como o próprio nome diz, sala regular significa algo que está instituído conforme as leis, as regras, as praxes, a natureza (dicionário online).

A professora informou que segue o seguinte processo de atendimento:

1º Entrevista Familiar onde realiza o cadastro do aluno no SIGAA.

2º Autorização do atendimento e agendamento da data e hora que os pais se comprometem a trazer a criança, autorização do uso da imagem pela direção da escola e secretaria municipal.

4º Avaliação da criança na SRM

5º PAEE - Plano de atendimento Educacional especializado.

Após explicar como é feita a entrevista com a família em detalhes, a diretora bateu à porta para saber como deveria fazer com a criança que ainda estava aos

gritos na escola aguardando a chegada do responsável para levá-la para casa, já que estava muito agitada e precisou contatar a família.

A professora orienta a diretora e esclarece sobre a mudança de medicação que a criança está passando e saiu para realizar a intervenção com a criança.

A professora renuncia a sua atividade, no caso a entrevista naquele momento, para acompanhar a criança que estava em crise na escola. Observa-se que não se tem um padrão de atendimento e sim uma afetividade e amor que move a professora em relação a criança que necessita de sua ajuda, de olhar, de sua intervenção. Foi nítido para mim naquele momento que a afetividade vai além de palavras doces ou de carinho e sim uma ação que transforma o meio e o outro.

Tive a oportunidade de presenciar a intervenção da professora entrevistada no pátio mesmo da escola diante das serventes que estavam com olhar atento à ação da professora, da direção da escola sedenta por aprender como atuar com as crianças atípicas que constantemente exigem a sua atuação, da facilitadora que provavelmente é financiada pela família da criança com TEA que estava a acompanhar até a ida da criança para casa e outras pessoas mais que ali se encontravam. Todos mantiveram o olhar atento para a atuação da admirada professora da educação especial por sua “fama” na escola de saber lidar tão bem com as crianças com deficiência.

E a professora fala firme com a criança batendo em seu próprio peito, chamando a atenção da criança: “Carla olha para professora Pedrina”, “Carla olha aqui para professora Pedrinha” e repetiu isso umas 3 a 4 vezes até que a criança lhe olhasse.

Quando a criança voltou o olhar para ela e a reconheceu a professora disse que sua mãe estava chegando e se ela queria ir para sala com a professora e a criança balançou a cabeça dizendo que não é a professora disse então tudo bem e que era para ela esperar a mãe com os dedoches que entregou naquele momento e disse umas duas vezes que sua mãe estava vindo até que a criança confirmasse que ela havia entendido a informação. A criança pegou os dedoches e confirmou com a cabeça que sim e voltamos para sala para continuarmos a entrevista daquele dia.

Após retornar da intervenção com a criança a professora esclarece sobre a observação e avaliação que é realizada com a criança em todo espaço escolar, para posteriormente produzir um relatório de suas observações.

Realiza também uma conversa com a professora regular da turma para saber quais são as dificuldades que ela tem com a criança. Qual a dificuldade que ela está tendo para que a criança possa realizar as atividades junto com os coleguinhas?

Quando ela está na entrevista com os pais realiza um termo de compromisso do dia e horário que poderão se comprometer com o atendimento educacional especializado.

Após alguns meses de atendimento e observação dos aspectos importantes do desenvolvimento infantil, como: Atenção, percepção, linguagem, raciocínio, memória dentre outros, a professora realiza seu parecer pedagógico da criança para realizar um cronograma de atendimento especializado.

Após o término da avaliação é feito o PAEE - plano de atendimento educacional especializado da criança e o período que será necessário para o atendimento. Nesse plano estão incluídas algumas questões como: quais os objetivos pretendem alcançar, atividades a serem realizadas, materiais a serem utilizados e jogos a serem produzidos para aquele/a aluno/a.

A professora relatou que depois desses relatórios, ela foi ao Centro de referência, responsável em oferecer materiais para desenvolvimento das atividades e a orientaram a formalizar, no entanto nada foi disponibilizado até o momento. Isso já se passou um ano desde a solicitação.

Infelizmente observa-se o descaso ao trabalho que vem sendo realizado com as crianças com deficiência da educação infantil e que muitas vezes é motivo de desincentivo para muitos profissionais, por não terem condições de darem continuidade ao trabalho ou mesmo terem um bom serviço prestado com recursos necessários.

A professora relatou que o computador recebido foi que no momento que o equipamento chegou da Receita Federal<sup>30</sup>, ela estava no Centro de referência e acabou ganhando para a SRM da EMEI em que trabalha, apesar do equipamento vir sem os programas ela mesma providenciou.

A professora relata que o trabalho só é possível se tiver parceria, como se fosse um tripé: família, educação especial AEE e ensino regular.

---

<sup>30</sup>Órgãos da administração pública direta, autarquias, fundações públicas e Organizações da Sociedade Civil (OSC) previstas no [art. 2º, I, da Lei nº 13.019, de 2014](#), podem receber materiais apreendidos pela Receita Federal.

Relatou também sobre a importância das terapias para um melhor desenvolvimento das crianças e que algumas famílias fazem pelo plano de saúde, porém a maioria é pelo governo através da UFPA dentre outras instituições.

A professora falou que quando chegou na escola era tudo novo e verificou o quanto se faz necessário os aperfeiçoamentos para todos os professores, para saberem como lidar com as crianças com deficiência, inclusive as nomenclaturas a serem pronunciadas.

Nesse momento observou-se a importância do conhecimento para lidar com as crianças com deficiência como também uma ampla visão sobre a educação especial.

E a professora continuou falando que observou que as professoras do ensino regular não estão acostumadas na área ainda e que não sabiam nem o que era PAEE- Plano de Atendimento Educacional Especializado, não sabiam o que era uma criança com um transtorno e tudo o que estava relacionado.

Precisei ir para dentro da sala fazer um trabalho de observação de cada aluno, cada professor, como lidavam com os alunos, como era o desenvolvimento daquela criança, como era o trabalho desenvolvido e vi a necessidade de que precisavam de uma formação.

Como ela entrou pelo PSS em maio de 2022, quando foi em julho a uma professora da coordenação do PSS a chamou para dar uma formação aos professores sobre os materiais que poderiam ser utilizados no trabalho com as crianças do AEE nas SRMs.

Era preciso entender o que significa o material, como é que se produz, o que é que esse material vai fazer para essa criança para ajudar a criança no seu desenvolvimento.

A professora relatou que em um feriado confeccionou 12 materiais para filmar e levar para os outros professores para a formação.

Todo material foi confeccionado por ela e seu esposo com recursos próprios.

Falou também com a diretora da EMEI que atua para se possível dar uma formação para os professores da escola nos dias de HP.

A diretora topou a proposta e reduziram o horário de almoço para encaixar a formação sobre os materiais pedagógicos com os professores da escola.

Esse olhar ao trabalho de formação com os outros profissionais da escola a meu ver também é uma forma de afetividade com a criança da educação especial,



pois através desse trabalho a professora pesquisada irá atingir muito mais crianças com deficiência do que ela atingiria sozinha realizando um trabalho somente na sala do AEE. E como é possível observar todo trabalho realizado fora de seu horário de acompanhamento da criança é um trabalho voluntário sem fins lucrativos. Essa preocupação, esse cuidado para que os outros profissionais e professores possam enxergar a criança com deficiência é uma atitude de afetividade que irá impactar com certeza a criança no seu ambiente escolar. Isso ocorre também com o que as afetam de forma negativa quando não as enxergam na sua diferença.

A professora destaca que na SRM ela trabalha individualmente com as crianças portadoras de deficiência, já as professoras do ensino regular precisam trabalhar de uma forma coletiva com todos os alunos juntos, no mesmo espaço. A professora estava ensinando exatamente como iriam trabalhar com as crianças com deficiência junto com as crianças típicas em sala de aula.

Esses materiais foram doados pela professora e atualmente ficam à disposição de todos os professores na SRM e eles podem pegar sempre que necessário, lembrando que ao final da utilização devem devolver para que outros professores também possam utilizá-los.

Após a ambientação com a professora pesquisada e uma breve explanação sobre as atividades desenvolvidas, iremos apresentar o roteiro desenvolvido para a entrevista e estudo de caso.

É admirável encontrar na professora Maria Flor, após tantos anos de serviço, um amor que a faz continuar atuando, pois, a mesma demonstra amar muito o que faz.

**PE:** Após a graduação, houve outros investimentos na sua formação?

**Maria Flor:** Eu sou pedagoga e sou especialista em Atendimento Educacional Especializado. Após a formação, realizei mais de 30 cursos de Educação Especial, o último foi pela Universidade de São Carlos - SP, sobre alfabetização para crianças com deficiência (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

É possível observar que a busca e interesse pelo conhecimento é fundamental para uma prática mais assertiva e pontual. A emoção que a professora possui, desperta em quem a ouve o interesse pelo assunto. O entusiasmo que ela transmite sobre a área de atuação, desperta em nós o interesse pelo conhecimento também. Como nos afirma Wallon a emoção é contagiante.

**PE:** Desde quando atua como docente?

**Maria Flor:** Há 38 anos atuo na Educação. Eu só pedi para aposentar por conta da Pandemia. No período de *lockdown*<sup>31</sup> na secretaria de educação de Abaetetuba falou que eu teria que fazer o Atendimento Educacional Especializado online, e eu não concordei com isso. Fui à secretaria de educação especial, fui falar com a secretaria de educação e falei que se fosse para eu “empurrar o trabalho com a barriga” eu não queria mais. Pois como iria realizar um atendimento especializado online? Foi quando pedi para sair. Para mim, realizar um Atendimento Educacional Especializado online é empurrar com a barriga (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

A professora se mostrou indignada em ter que realizar um AEE online. Disse que uma educação regular já é complexa para realizar online, quanto mais um atendimento educacional especializado.

E a professora reforçou: Quando eu for para uma sala de aula para empurrar com a barriga, eu paro de trabalhar. Eu vou para escola com as crianças de máscara, vou na casa das crianças, mas online não aceito.

Diante da realidade que a sociedade se encontrava no período de *lock down*, é possível observar que a professora entrevistada não está preparada afetivamente, pois para ela o processo de encontro e contato com as crianças faz-se necessário no processo de educação. Destaca também a complexidade de lidar com o processo de ensino aprendizagem à distância com os alunos típicos, quanto mais os atípicos. Observamos neste momento da entrevista a falta de preparo, formação ou estrutura que se tem para trabalhar no modo online com as crianças e que se faz necessário nos atentar para essas situações também. Outro aspecto que nos chama a atenção é essa modalidade de trabalho com crianças deficientes. Se é possível ou não realizar.

**Maria Flor:** E foi o que eu fiz, parei de trabalhar. Isso aconteceu em 18 de março de 2019, período em que começou a pandemia no Brasil e o *lockdown*. (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

Por conta dessa situação de pandemia e *lockdown* fez com que a professora experiente e dedicada no trabalho que realizava com as crianças deficientes, pedisse para se afastar pela angústia que estava vivendo em ter que trabalhar a distância e não perceber resultado de sua dedicação e empenho. Para mim esse ato da professora também foi um ato de afetividade, por pensar na criança e suas

---

<sup>31</sup> O **Lockdown** da pandemia do Coronavírus é um protocolo de emergência que evita que as pessoas saiam de suas casas para atividades consideradas não essenciais. Seu objetivo é reduzir o número de pessoas circulando e consequentemente controlar a disseminação do vírus.

limitações em ter um atendimento especializado naquele momento na modalidade online.

**PE:** Há quanto tempo você trabalha com educação especializada?

**Maria Flor:** Há 17 anos eu trabalho com AEE.

**PE:** Já atuou em outras modalidades de ensino que não seja a Educação Infantil?

**Maria Flor:** Sim. Já trabalhei com: jardim I, jardim II, alfabetização até o 5º ano e educação especial, já atuei em várias áreas dentro de uma escola, de secretária, professora e vice-diretora. Tenho cursos de orientação educacional, coordenação e supervisão escolar.

A afetividade na prática educativa de um professor tem que perpassar por todo o espaço escolar. Ao mesmo tempo que o profissional está em sala de aula ele pode passear por qualquer espaço da instituição escolar como é possível observar com a professora pesquisada. Ela participou de vários ramos da educação e esse mesmo olhar e enxergar do outro se faz necessário para poder atingir a criança, o professor, os pais e responsáveis, os funcionários da escola em suas necessidades. A afetividade precisa dar condições ao profissional de “ver” e “enxergar” o outro em sua individualidade e necessidade.

**PE:** Você se sente preparada para atuar na área em que está atuando?

**Maria Flor:** Sim. Inclusive uma das minhas funções aqui na escola é auxiliar na formação das professoras do regular. Eu sempre indico cursos para elas e todos esses cursos são pelo MEC. E sempre falo para elas, que tudo que eu sei foi através dos cursos que fiz, oriento também as estagiárias. Ressalto que toda minha formação foi pelo governo, desde graduação, especialização e todos os cursos. E procuro me dedicar neles, tirando notas boas, estudo para aprender.

Essa observação complementa a análise anterior de estarmos sempre preparados para atuarmos onde quer que estejamos. Nessa fala observa-se que a professora também estava na função de formar as professoras das salas regulares para auxiliá-las no trato com as crianças deficientes em sala de aula junto com as outras crianças. A professora demonstra sempre procurar conhecimento através de cursos gratuitos oferecidos pelo MEC, e reforça que nunca para de estudar e de se especializar. Vale ressaltar que o interesse em aprender da professora e em saber lidar melhor com seus alunos é latente em sua fala e isso ela procura passar para os outros profissionais da escola. Ela deixa claro que se não buscarmos enxergar com o olhar de uma criança deficiente e entender o processo de aprendizagem delas não seremos capazes de tocarmos nela. A afetividade de investir e querer ir ao encontro do outro e enxergar esse outro em sua totalidade foi a forma que a professora

encontrou de se aproximar das crianças deficientes e ver o resultado desse trabalho que como foi falado mais à frente é a permanência das crianças na escola e sua frequência no espaço de atendimento educacional especializado em que a professora atua.

A assiduidade e permanência da criança deficiente no espaço escolar é um dos resultados do trabalho que vem sendo realizado pela professora.

**PE:** Existe projeto para a formação continuada dos professores no centro de referência ao qual você está vinculada? Como é? Quem são os responsáveis por tal formação?

**Maria Flor:** Uma das vantagens que tem aqui em Belém em relação a Abaetetuba é que aqui a gente tem formação o tempo todo. É uma semana sim e outra não, na HP de sexta tem e na outra sexta-feira não. E eu gosto muito, não perco nenhuma. Quando me questionam sobre o assunto se já sei ou não, eu digo que cada formador tem uma forma de explicar e ensinar de acordo com sua experiência, então tudo é aprendido. Tivemos uma formação recente com uma professora da APAE que veio falar sobre os materiais pedagógicos, para trabalhar com as crianças com deficiente intelectual e com TDH na sala regular.

Foi muito boa a formação. Alguns materiais eu já conhecia, porém tinham formas diferentes de trabalhar.

O interesse pelas formações e a característica de ser ensinável da professora abre possibilidades de novas aprendizagens e novas práticas que serão revertidas para sua atuação com as crianças com deficiência. E afetividade é tudo que afeta o outro de uma forma positiva ou negativa e aprender sobre algo desconhecido ou uma forma diferente de fazer alguma atividade com certeza irá afetar a criança deficiente, pois as formações continuadas<sup>32</sup> tem o objetivo de formar os professores com mais qualificação.

**Maria Flor:** O centro de referência em que estou vinculada queria que eu desse formação para toda rede, eu disse que não posso fazer isso, o concurso que fiz foi para trabalhar aqui, a minha função e obrigação é dar formação para os professores aqui da escola. Eu disse que não era certo. Como vão ficar as crianças do AEE? No entanto, aceitei dar no **centro** para os professores do AEE, sobre materiais pedagógicos na HP, mas as despesas foram todas minhas e eu acabei pagando para dar formação, pois só de aplicativo do Uber para trazer e levar os materiais eu gastei muito.

**PE:** Como são escolhidos os temas para formação continuada dos professores?

**Maria Flor:** A gente percebe que essas formações são o próprio CRIE que seleciona o tema, a partir da necessidade dos próprios professores.

Nesse momento da entrevista é possível perceber a "sede" que os professores têm por conhecimento, justamente para auxiliar nas suas práticas

---

<sup>32</sup> A formação continuada é um processo profissionalizante do professor, voltado ao aperfeiçoamento dos seus saberes necessários para a sala de aula, tornando-o capaz de oferecer a qualidade de ensino esperada.

pedagógicas. Observa-se também um descaso e despreparo da SEMEC na forma de solicitar a formação da professora entrevistada para os demais professores.

**PE:** Em relação ao Centro de referência o que considera positivo? E o negativo?

**Maria Flor:** Eu acho que as formações são muito positivas, eles dão para gente todo o apoio na parte de orientação. Isso é inegável. Eles dão apoio, eles dão uma formação, isso é positivo. Agora como ponto negativo, são os materiais. A gente não tem recurso pedagógico, eu fui pedir para coordenadora do centro, logo que entrei, ela mandou eu escrever, mas não me deu nada ainda. Ela disse que eu tinha que pedir. Eu disse: Será que chega antes do dia 2 de Maio de 2004, porque dia 3 eu tô fora, e até agora não veio nada.

A falta de recurso pedagógico para o professor trabalhar é perceptível. Percebe-se um peso nesse momento como se a professora ficasse sobrecarregada, pois além dela ter que realizar o trabalho, precisa dar conta dos recursos que necessita para ter resultado e realizar um trabalho de qualidade.

Onde está a afetividade? Esse olhar para o outro? Esse enxergar o outro em suas necessidades dos órgãos competentes? A empatia<sup>33</sup> faz parte da afetividade.

**PE:** Quais os principais desafios você encontrou ou encontra trabalhando com as crianças com deficiência?

**Maria Flor:** Esse aspecto anterior que falei seria um dos desafios. A falta do recurso. É porque sem o material pedagógico é difícil você fazer um bom trabalho, porque as crianças que não tem deficiência nenhuma e não tem nenhum transtorno elas precisam do concreto para aprenderem, imagina uma criança que tem um transtorno? Ela tem uma desordem cerebral ou uma criança deficiente intelectual que tem um déficit cognitivo ela precisa usar o quê? Os cinco órgãos do sentido. Para poder aprender. Ela precisa ver, ela precisa ouvir, ela precisa pegar, ela precisa falar e em outros casos cheirar também. Uma criança que não tem essas limitações, já apresenta dificuldades, imagine uma criança com deficiência?

**PE:** Além dessa dificuldade de material e estrutural que você já citou. Quais outras você indicaria como desafios para trabalhar com crianças com deficiência?

**Maria Flor:** Outro desafio é a falta de terapias principalmente para as crianças que têm autismo.

Porque se todas as crianças tivessem as terapias necessárias seria melhor ainda, porque a criança já iria desde pequena ajustando o seu cérebro. Como por exemplo: A TO - Terapia Ocupacional, já iria ajudar muito essa criança no social dela, nas atividades de vida diária. A psicóloga já iria ajudar a própria família de como agir com essa criança. Como os pais devem lidar com essa criança.

---

<sup>33</sup> Empatia é a capacidade que uma pessoa tem de sentir e se colocar no lugar de outra pessoa, como se estivesse vivendo a mesma situação. A partir da empatia é possível entender os sentimentos e as emoções do outro.

Trabalharia a cabeça da mãe e do pai. A fisioterapeuta também e principalmente a fono. As crianças precisam de fono, porque nós damos a parte pedagógica, a escola dá a parte pedagógica, mas a parte da saúde quem dá são os outros profissionais. A professora coloca aqui uma visão médica em relação a criança, ela fala sobre suas limitações, déficit cognitivo, dificuldades e falta de terapias em geral.

A criança com deficiência principalmente as com transtorno do autismo precisam das terapias. Para elas terem uma condição maior de aprendizado na vida social.

**Maria Flor:** Por eu ter muito tempo de experiência na área, consigo identificar algumas questões, como por exemplo uma mãe que estava na fase de luto do filho, e o filho já estava com 3 anos de idade. Orientei essa mãe a procurar um psicólogo. Ela precisava com urgência de uma terapia. Eu conversei com ela, expliquei algumas questões, coloquei para ela o jeito do filho dela e quantos alunos eu já trabalhei com a mesma deficiência. Como eles estavam e como estão agora, para dar uma esperança para essa mãe e pedi para ela que procurasse um psicólogo para ajudá-la. E essa mãe chorou bastante e saiu leve da entrevista. Posteriormente essa mãe conseguiu um psicólogo pra criança, pra ela com o pai e foi muito bom. Hoje em dia, se você ver a família, tá a coisa mais linda. Teve uma mudança muito boa e eu fico muito feliz, por isso (Entrevista realizada em 04 de maio de 2023).

Não tem como não se emocionar com essa fala da professora. O carinho e cuidado dela com a criança e sua família não tem preço e podemos chamar isso de afetividade. Ela foi além de sua função enxergando a dor e o sofrimento daquela mãe e foi capaz de ouvi-la, ir ao encontro dela e voltar-se para si para poder orientá-la e instruí-la como proceder. E essa ação da professora foi capaz de mudar o rumo daquela família e daquela criança. A prática afetiva, com esse olhar cuidadoso do professor vai além da sala de aula e isso ocorreu dentro de um protocolo de atendimento educacional especializado, na entrevista com os responsáveis.

Diante do relato da professora podemos afirmar que a afetividade favorece a educação e faz com que a criança com deficiência faça parte do processo de inclusão dessa instituição escolar.

Como foi relatado mais acima, a inclusão não é só trazer a criança com deficiência para dentro da escola e sim torná-la parte do processo.

Dessa forma é possível observar que a criança está sendo “vista”, “enxergada” em sua individualidade e limitações, no entanto isso não é impedimento para que ela esteja e permaneça no espaço que também é dela por direito.

Em continuidade à entrevista realizada com a professora pesquisada foi possível observar que as terapias que as crianças com deficiência realizam como: TO (terapia ocupacional), psicoterapia (na intervenção com a criança e a família) como por exemplo no período de "luto"<sup>34</sup> fisioterapia, fonoaudiologia auxiliam muito no trabalho que é realizado pela professora no AEE.

**PE:** Você acredita que essas terapias realizadas pela criança auxiliam no processo de inclusão?

**Maria Flor:** Sim, com certeza, é preciso essa equipe multiprofissional para trabalhar com a criança, o psicólogo, o neurologista, o TO. Nós atuamos na parte da educação e eles entram na parte social, neurológica, psicológica e se cada profissional fizer seu trabalho com essas crianças, com certeza ajudaria muito (Entrevista realizada em 06 de junho de 2023).

Esse olhar amplo em conhecer a criança com deficiência e entender sobre suas demandas se faz necessário para orientação da família e como também auxiliá-los no processo de desenvolvimento e inclusão dessa criança no ambiente escolar.

**PE:** Você comentou anteriormente sobre as dificuldades que encontra no trabalho que realiza e que um dos desafios encontrados por você é a questão estrutural, poderia falar um pouco mais sobre isso por favor?

**Maria Flor:** Sim, sim. Por exemplo: o que eu tenho hoje para realizar meu trabalho? um computador que eu consegui na "marra" e esse material pedagógico que eu apresentei anteriormente oferecido pela escola. Eu não consigo trabalhar só com isso. Se eu fosse esperar pela escola ficaria de braços cruzados, não teria como trabalhar, não seria possível fazer um trabalho de excelência, um trabalho que as crianças precisam, que as crianças necessitam. Tem que ter todo esse material, tem que preparar material. Apenas com os recursos oferecidos pela escola não dá. Se eu quiser que meu trabalho aconteça, preciso ir atrás do material que as crianças precisam e foi isso que eu fiz. Tem professor que fica esperando, pois de fato o governo Municipal, Estadual e Federal que tem obrigação de dar o suporte para escola, eu sei disso e é lei, mas eu não consigo esperar eu tenho que fazer a minha parte e eu faço, mas eu não discrimino nenhum professor que não faz. Tem professores que vão ficar esperando, porque realmente é o certo, mas eu não consigo fazer isso, por que como é que eu vou trabalhar? Como é que meu trabalho vai acontecer? Como é que eu vou desenvolver uma criança sem ter o material adequado para fazer isso? Eu não consigo visualizar o trabalho dos outros profissionais sem terem o material adequado. (Entrevista realizada em 06 de junho de 2023).

A inquietação da professora em realizar o trabalho que precisa ser feito é latente em suas palavras. Por ela ser conhecedora das características das crianças com deficiência que ela trabalha, é possível observar que ela não quer deixar de realizar o que precisa ser feito. O envolvimento dela com as crianças com deficiência

---

<sup>34</sup> Momento em que algumas famílias vivenciam ao receber o diagnóstico clínico da criança com deficiência.

é tão grande que a mesma não vê outra forma de realizar seu trabalho a não ser da maneira que considera correta. Isso a meu ver é uma forma de demonstrar afetividade. Seu envolvimento com as crianças e a forma que realiza seu trabalho é algo que a move e a transforma para poder modificar a vida e a realidade das crianças.

Me lembrei daquela passagem bíblica em que diz: “Onde está o seu tesouro aí está o seu coração” (Mat 6,21), é possível observar que o tesouro dela está nesse olhar para com as crianças com deficiência, para ela seu prazer é ver o desenvolvimento das crianças a partir do seu trabalho é o que importa para ela. Como ela relatou algumas vezes que busca ver a necessidade de cada criança, para ela cada criança é única, não tem comportamento ou atitudes padronizadas.

Ela não consegue deixar de realizar o que precisa ser feito, mesmo quando não tem estrutura ou material adequado. Essa é a forma afetiva, autêntica que a professora encontrou de tocar, atingir e afetar as crianças com deficiência das quais ela trabalha, vendo cada uma em sua individualidade e diferença.

Acredito que essa forma de olhar o outro é uma maneira de diminuirmos o preconceito, pois passamos a respeitar cada pessoa da forma que ela é sendo uma pessoa com deficiência ou não.

**PE:** Como é a sua comunicação com as crianças com deficiência na educação infantil?

**Maria Flor:** Eu trato as crianças como se fossem meus filhos, meus netos com muito carinho e com muita paciência. (Entrevista realizada em 06 de junho de 2023).

Nesse momento a professora demonstra todo carinho que sente pelas crianças agindo com afetividade, paciência e cuidado. E reforça em sua fala:

**Maria Flor:** Você tem que ter paciência. Eu não vejo ou enxergo a criança pela sua deficiência, eu não coloco a deficiência que ela tem na frente da criança. Eu olho para ela e vejo que é uma criança que está necessitando da minha atenção, precisando do meu carinho. Ela está precisando que eu a trate como ela é - uma criança; então eu a trato desse jeito, pois, com a criança temos que ter paciência. (Entrevista realizada em 06 de junho de 2023).

Nesse momento a professora materializa a afetividade através da paciência que ela tem com as crianças. Seria um olhar à criança além de ver a sua deficiência, enxerga a criança simplesmente como uma criança.



**Maria Flor:** Às vezes a criança apresenta estereotípias e eu entendo tudo isso, o porquê ela tá fazendo isso ou aquilo, eu estudei muito e sei o porquê que uma criança chega bate e morde. Eu tenho essa compreensão. (Entrevista realizada em 06 de junho de 2023).

Podemos dizer que a compreensão e entendimento das características sobre determinada deficiência também é uma forma de afetividade pois ela enxerga a criança além de sua deficiência e sim como ela é. Não impõe condições para entendê-la e sim o esforço próprio de enxergar como o outro é e está se expressando naquele momento talvez com atitudes ou comportamento de autorregulação<sup>35</sup>. Nesse momento, essa é a forma que a criança está encontrando para se expressar ou dizer algo. Observamos também o esforço e interesse em observar e compreender aquela criança.

**Maria Flor:** Estava outro dia com uma criança com transtorno e ela bateu em outra criança, e pensei: eu não vou gritar com ela, dizendo faça isso ou faça aquilo. Eu pego na mãozinha dela e vou na mesma criança que ela bateu passo a mãozinha dela na outra criança dizendo: carinho, carinho. Seguro nas duas mãozinhas dela e peço para ela passar as mãos no rosto e dizer: carinho. Você tem que dar carinho, eu preciso ser exemplo para ela e ensiná-la como fazer.

Depois eu passo no próprio rosto dela dizendo: é carinho, você tem que dar carinho. Olha só o carinho, eu a faço a criança sentir isso, até que essa criança não vai mais bater. Então eu tenho a noção e a consciência de cada gesto que a criança faz, se eu tenho essa compreensão e sei por que a criança está fazendo isso eu vou saber como agir.

Então eu vou saber como agir e vou ensiná-la como agir e sanar esses comportamentos inadequados que a criança faz.

Ela não sabe o que ela faz, esse comportamento é involuntário, é uma coisa que vem do cérebro, principalmente as crianças que têm transtorno, elas têm uma lesão cerebral, ela não sabe se comunicar, ela não sabe dizer o que está sentindo. Ela sabe dizer gritando, batendo na parede, se jogando no chão, batendo, mordendo é assim que ela sabe se expressar e a gente tem que ensinar pra criança, mostrar para ela como ela pode agir.

Temos que mostrar para ela que ela pode dizer o que ela quer de uma outra forma, que ela pode falar e agir diferente do que está agindo e precisamos fazer que ela compreenda e para isso precisamos de alguns tipos de recursos.

Esse recurso pode ser eu, meu gesto, a gente tem que dar exemplo, mostrar para a criança, pois ela não nasce sabendo, você tem que ensinar. (Entrevista realizada em 06 de junho de 2023).

A meu ver a fala da professora nos apresenta de uma forma muito clara de como devemos lidar com as crianças com deficiência em seus diversos comportamentos muitas das vezes atípicos. Percebo um discurso de ensinamento, descrevendo e se fazendo entender a maneira que por muitos anos aprendeu a lidar

---

<sup>35</sup> A autorregulação, por sua vez, consiste nos mecanismos usados pelo indivíduo para controlar suas reações emocionais e comportamentais frente a fontes de estimulação positiva ou negativa

com as crianças. Essa preocupação em ensinar a forma como trabalha e como devemos lidar com certeza favorece no aprendizado e encanta, despertando em nós o desejo de aprendermos mais e mais e de uma certa forma olharmos com mais afetividade para essas crianças.

Podemos dizer que isso é afetivo e uma forma inclusiva de ser. Pois percebo a cada dia que inclusão não é apenas uma atitude e sim uma forma de ser o mundo, que precisa ser aprendida e ensinada para que a inclusão aconteça.

É importante observar também que o comportamento da professora parece está induzindo novos comportamentos como se o comportamento da criança fossem todos involuntários. Passa a mensagem que o trabalho da professora é induzir novos comportamentos não é ensinar conteúdos escolares.

Outro pressuposto é que a criança não sabe o que faz, é tudo involuntário, dando a entender que ação involuntária não é digna do humano.

**Maria Flor:** É preciso ensinar a criança como fazer e a outra coisa são os recursos pedagógicos que a gente tem que fazer para facilitar essa aprendizagem.

O computador que adquiri na secretaria auxilia muito. O computador é uma ferramenta que precisamos utilizar também. Com ele usamos os musicais que fazem a criança relaxar, utilizamos com desenhos, tudo na sua faixa etária de acordo com seu desenvolvimento.

Colocamos vídeo, música, brincadeira, precisamos utilizar o recurso de acordo com seu desenvolvimento e sua faixa etária. (Entrevista realizada em 06 de junho de 2023).

Aqui ela destaca mais uma vez a importância dos recursos pedagógicos confeccionados por ela que favorecem a aprendizagem como também na inclusão dessas crianças.

**PE:** Conte-nos sobre a rotina dos alunos desde o momento da chegada deles, o horário do atendimento, até o momento da saída por favor.

**Maria Flor:** A rotina depende de cada criança, pois ela é um ser único, né? Por exemplo: irá chegar a “Rosinha”<sup>36</sup> daqui a pouco, geralmente eu recebo ela lá na porta dando um bom dia! Um abraço, pergunto como foi o dia? pego da mãozinha dela, em alguns momentos a mãe dela vem dar o mingau aqui dentro da sala, peço para entrar, sentar, dá o mingau, depois limpa tudo e ela já fica na sala e eu já começo com uma música de bom dia, uma música de mexer o corpinho, pois às vezes a criança chega dormindo quando o atendimento é pela manhã por exemplo, a tarde isso não acontece. Quando a criança estuda à tarde, é porque ela estuda de manhã e quando vem de manhã a criança estuda à tarde, já a criança do integral eu vou buscar na sala de aula regular no horário do atendimento dela, vejo se já terminou a parte pedagógica a rodinha com a turma regular e vou buscar a criança para fazer o atendimento. (Entrevista realizada em 06 de junho de 2023).

---

<sup>36</sup> Nome fictício da criança que será atendida pela professora.

A afetividade é observada antes mesmo da chegada da criança na escola, é possível observar pelo combinado que foi realizado da professora com a família servir o mingau na sala do AEE quando necessário. Esse olhar para necessidade e conforto da criança mesmo que não seja uma atividade pedagógica tem seu impacto afetivo e cuidadoso da professora. Observa-se a preocupação da professora em agendar o horário que traz mais conforto e tranquilidade para a criança e a família.

**PE:** Então sua atuação e prática enquanto professora do atendimento educacional especializado começa desde a preparação da atividade com cada criança, a recepção e o que você deseja desenvolver com ela?

**Maria Flor:** Quando você chegou eu estava preparando alguns materiais, eu já estava separando o que iria utilizar com a próxima criança. Vou trabalhar com a “Rosinha”, daqui a pouco aí eu já vou colocando tudo aqui, já coloco no computador a música do Bom dia, que eu vou trabalhar com ela, já deixo tudo pronto, todo o material fica aqui: o que eu vou trabalhar no tatame, o que vou trabalhar na bacana (seria na mesa), tudo depende do atendimento que irei realizar com ela, porque já está tudo pronto o planejamento para o atendimento dela. Dessa forma eu a recebo, eu começo o atendimento dela de acordo com a demanda que eu identifiquei no momento da triagem, de acordo com o que ela precisa desenvolver. Vou trabalhando com os recursos selecionados até o final do atendimento daquele dia dela, depois eu levo a criança para mãe e eles vão embora, dessa forma encerro o atendimento daquela semana.

**PE:** O atendimento acontece uma vez na semana, durante uma hora?

**Maria flor:** Isso, mas durante a semana eu fico de olho na criança na sala regular, pergunto para professora regular como é que aquela criança está na hora do lanche, da refeição, eu fico de olho como ela está se comportando, por exemplo no parquinho eu vou entregar uma criança e a do próximo atendimento ainda não chegou eu já vou e observo o comportamento dela com os outros coleguinhas, eu fico a semana inteira observando essa criança e perguntando para a professora como foi hoje a “Rosinha”, o “Miguel”<sup>37</sup>, o “Joãozinho”<sup>38</sup>? teve dificuldade? Já observei quando tem a estagiária e observo como a estagiária está lidando com a criança e já dou orientação para estagiária. Oriento que se precisar de algum material para trabalhar com aquela criança ela pode ir na sala que eu posso emprestar para ela trabalhar com aquela criança. Explico para ela como a criança reage e oriento a trabalhar com esse ou aquele material e como ela deve lidar com cada criança. Mostro como é que ela tem que fazer para criar um vínculo com a criança, ela precisa criar esse vínculo, ela tem que fazer com que a criança tenha confiança nela. E aí ela não vai ter muita dificuldade em trabalhar com ela. Eu atendo um dia, uma hora durante a semana, mas eu estou observando tudo o que está acontecendo dentro da sala de aula, na escola como um todo. (Entrevista realizada em 13 de junho de 2023).

Essa atenção a cada criança durante a semana mesmo que não esteja no momento do atendimento considero um cuidado para a professora observar o que irá trabalhar no próximo encontro.

---

<sup>37</sup> Nome fictício de aluno acompanhado pela professora.

<sup>38</sup> Nome fictício de aluno acompanhado pela professora.

Outro detalhe importante é a preocupação da professora com as pessoas que irão lidar com aquela criança na escola, se irão enxergá-la com entendimento para que seja acolhida e cuidada por todos. Isso é uma forma de trabalhar a inclusão.

**PE:** Qual a importância da afetividade para você no relacionamento entre professor e aluno?

**Maria Flor:** Olha a afetividade, eu digo que é primordial. Se você não tiver afetividade, não tiver amor na criança, no trabalho que você está desenvolvendo isso não vai fluir nunca, porque se eu não tiver afetividade, você acha que eu vou pensar em recurso para essa criança? Não vou pensar em recurso.

Às vezes eu estou dormindo e acordo de madrugada pensando como eu vou fazer com aquela criança? E penso no recurso que vou precisar desenvolver para resolver e dar um jeito naquela situação. Para a criança não ter aquele comportamento e ter outro, isso para mim é afetividade.

Se você me perguntar de cada aluno que acompanho eu sei lhe dizer: a característica de cada um, o jeito de cada um, o que cada um gosta, como é que ele está, eu sei o desenvolvimento de cada um deles, esse olhar para mim é afetividade.

Estou com quatro novos alunos, esses eu ainda não conheço. Aí eu já começo desde a entrevista com a família para eu conhecer essa criança, depois eu vou fazer observação na sala, no refeitório, no parquinho, para eu o conhecer e trazer essa criança para perto de mim para eu começar a ter essa afetividade com ela.

Eu preciso fazer isso para que a criança tenha confiança em mim e poder responder a todo trabalho que eu vou fazer com ela. Porque se ela não tiver confiança em mim, ela não vai responder, ela não vai me atender, ela não vai fazer o que eu preciso que ela faça e o trabalho vai ser muito difícil.

No primeiro atendimento com as crianças eu as deixo fazer o que elas querem, eu deixo o material para elas terem contato, pode brincar, é o primeiro dia que ela está conhecendo a sala, elas vêm com medo, pois não me conhecem, não conhecem o espaço. Aí eu coloco o que elas gostam, os personagens, desenhos, pois na entrevista com os pais eu já perguntei, eu já sei o desenho que ela gosta, a música que ela gosta, quando ela chega já vai estar no computador tudo que ela tem interesse e já chama atenção dela, entendeu? Com isso a gente vai criando um vínculo, uma amizade e eu a faço ter confiança em mim e como eu digo para as mães: “Já está na minha mão!”<sup>39</sup> (Entrevista realizada em 13 de junho de 2023).

Podemos dizer que a confiança é o princípio da afetividade. Pois a partir do investimento na confiança com aquela criança tudo começa a acontecer nessa relação.

O interessante é observarmos que para a afetividade acontecer tem que ter investimento. O investimento do eu do professor para com o “outro” que é a criança, esse investimento seria: o tempo, a atenção, o planejamento, o interesse, o

---

<sup>39</sup> Essa expressão da professora: “já está na minha mão”, foi possível observar que é onde a “magia” do trabalho acontece, é o momento que a criança é observada, enxergada, vista, ouvida em sua individualidade. E a partir daí a professora consegue iniciar o trabalho que estava proposta a fazer. Ela ganhou o coração daquela criança e através desse momento ela consegue começar a trabalhar com ela.

financeiro, o amor, o carinho e o cuidado para com a criança, principalmente a criança com deficiência que precisa de uma atenção mais especial, pois se para as crianças típicas já é importante esse investimento, quanto mais para as crianças com deficiência. E tudo isso por quê? Para fazer a criança se sentir parte do processo, especial e importante naquele espaço. E com certeza dessa forma o desenvolvimento da criança vai acontecer.

**PE:** Você acredita que a afetividade facilita no processo de inclusão?

**Maria Flor:** Claro que facilita! Facilita muito, porque para essa inclusão acontecer, precisamos fazer uma coisa que é bem difícil e que essa coisa machuca muito e o que mais dói no coração da criança e da família e me dói muito também, que é quebrar a barreira atitudinal<sup>40</sup>. A barreira atitudinal está dentro da pessoa, vai depender daquela pessoa ter uma mudança no seu coração, na sua maneira de agir, na sua maneira de ver, porque um olhar com essa barreira para aquela criança com deficiência, você pode acabar com aquela criança. (Entrevista realizada em 13 de junho de 2023).

Em palavras bem simples, as barreiras são impedimentos à participação das pessoas com deficiência nos diversos contextos. Não se restringem a obstáculos concretos, mas também são atitudes causadas pelo preconceito.

No Art. 3º, inciso I da LBI - Lei Brasileira de Inclusão (Lei nº 13146/2015), define as barreiras como: “Qualquer entrave, obstáculo, atitude ou comportamento que limite ou impeça a participação social da pessoa, bem como o gozo, a fruição e o exercício de seus direitos à acessibilidade, à liberdade de movimento e de expressão, à comunicação, ao acesso à informação, à compreensão, à circulação com segurança, entre outros.

De acordo ainda com o art 3, “barreiras atitudinais são atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas.”

Essas barreiras estão ligadas ao preconceito e são a raiz de todas as outras. A sua remoção é a mais desafiadora e demanda abandonar as atitudes que discriminam e separam a pessoa com deficiência da vida em sociedade, buscar conhecer e ofertar as condições necessárias para promover a sua participação em

---

<sup>40</sup>Atitudes ou comportamentos que impeçam ou prejudiquem a participação social da pessoa com deficiência em igualdade de condições e oportunidades com as demais pessoas. Essas barreiras estão ligadas ao preconceito e são a raiz de todas as outras.

igualdade de oportunidades com as demais pessoas e, acima de tudo: abandonar as crenças capacitistas<sup>41</sup>.

E qual o papel da professora do AEE? É não discriminar? (é uma forma de ser e estar no mundo) É aceitar o ato involuntário: jogar-se no chão, bater, morder; gritar? É reprimir? É induzir uma atitude? Fica esses questionamentos para refletirmos.

**Maria Flor:** Então essa barreira que é muito difícil de ser tirada, eu vi isso em quase todas as escolas que já trabalhei. E nessa escola que eu estou trabalhando agora, já estou tentando atuar nessa área fazendo formação com todos as pessoas que trabalham na escola: professor, estagiário, servente, vigia, direção, coordenação, as pessoa da secretaria, como eu comecei a trabalhar nessa área desde que eu entrei aqui, eu fiz uma formação com todos os profissionais da escola, eu acredito que precisamos ir até a criança, a criança não está só dentro da escola e está em todos os ambientes e todo mundo tem que saber como lidar com aquela criança, pois tem momentos que ela está em crise ou fazendo alguma coisa, as pessoas precisam saber porque aquela criança está fazendo aquilo, ou tendo aquela atitude. As pessoas precisam entender que aquela atitude vem de um transtorno, que aquele comportamento não é tolice, não é voluntário, e involuntário e as pessoas precisam saber como agir com essas diferenças. Precisamos quebrar essa barreira atitudinal, porque a barreira arquitetônica é simples: você quebra ali e faz uma rampa, coloca uma sinalização aqui, coloca um cartaz em braile, em libras, é fácil você falar, você resolver esse tipo de barreira arquitetônica, agora a barreira atitudinal não, ela está dentro da pessoa, para você mudar, você precisa mudar a maneira que a pessoa entende. É preciso fazer a pessoa conhecer a deficiência, conhecer o transtorno, para fazer aquela pessoa entender por que que a criança age desse jeito e pra ela poder ter uma mudança de comportamento de olhar uma mudança de trabalho uma mudança de como lidar com a criança dentro da sala de aula.

**PE:** E como a senhora acredita que pode ser feito isso? Através do que pode ocorrer essa mudança atitudinal?

**Maria Flor:** É formação, mas eu lhe digo que o que muda logo e rapidinho, é quando nasce na família uma criança com deficiência. Aí ela passa a enxergar, aí ela vai entender. Quando alguém próximo da família, como: filho, neto, prima, algum parente próximo tem a deficiência.

**PE:** Aconteceu dessa forma com a senhora?

**Maria Flor:** Sim, nós já nascemos com a deficiência da minha irmã. Ela é deficiente física, desde criança. Já nasceu com isso e sofreu muito, muito preconceito e discriminação: primeiro preconceito por ela ser deficiente, depois a discriminação por sermos pobres. Aconteceu uma situação que a mamãe achou que estava nos fazendo bem. Minha madrinha trabalhava numa escola particular de freiras, uma das escolas mais renomadas de Abaetetuba, e ela conseguiu bolsa na escola para mim e meus irmãos. Nesse período sofremos muito, só tínhamos o uniforme porque doaram pra gente, o sapato era doado por uma menina que tinha um problema nos pés e usava sapatos ortopédicos e com dois números maiores que o meu e eu tinha que andar arrastando para não sair o sapato do pé. Então, sofríamos discriminação por sermos pobres, discriminação por sermos feios e discriminação pela minha irmã ter a deficiência. Eu nem sabia que ela era deficiente, porque para mim ela era criança aleijada como a chamavam. Minha irmã nasceu com isso, mas quando a gente cresceu fomos ter a

---

<sup>41</sup> Capacitista é como são chamadas as pessoas que possuem crenças limitantes a respeito das pessoas com deficiência.

noção das coisas tipo saber o que era deficiente, entendeu? Mas eu sempre lutei, para que ela não se sinta rejeitada, e não sentir o preconceito das pessoas. (Entrevista realizada em 13 de junho de 2023).

Nesse momento a professora relata o quanto a experiência pessoal fez diferença para esse olhar com as pessoas com deficiência. Inclusive o interesse e a força para lutar pela causa.

Isso vem confirmar sobre termos pessoas com deficiência na família conforme ela relatou mais acima.

E pude perceber que esse olhar inclusivo tem sim a ver com essa experiência pessoal. Hoje refletindo posso observar que também passei por essa experiência por ter dois tios, irmãos de minha mãe com deficiência, que conviviam conosco. O irmão mais velho por ter tido asfixia perinatal trazendo sequelas neurológicas graves como: paralisia cerebral e deficiência cognitiva e a irmã mais nova com sequelas da meningite a partir de 1 ano de idade também paralisia cerebral. Quem os acompanhava nas atividades e consultas para ajudar meus avós éramos eu e meus irmãos e de fato a deficiência fez parte das nossas vidas desde pequenos como tem feito na vida de nossos filhos.

Quando se tem alguém na família passamos a viver a realidade deles sem grandes surpresas e espantos, aquelas situações passam a fazer parte de nossas vidas.

**Maria Flor:** Depois de anos eu e minha irmã fomos trabalhar com pessoas com deficiência, ela trabalhou na APAE muitos anos - 20 anos, ela trabalhou na associação dos deficientes de Abaetetuba, hoje ela tem mestrado, já é aposentada pelo Estado, trabalha pelo município na Educação Especial e trabalha também na universidade. Atualmente está andando com andador e há 15 anos atrás teve uma neta que nasceu com surdez, foi uma luta no início, tentaram implante, mas não deu certo. Tivemos um sobrinho que nasceu com os pezinhos tortos, choraram muito, conversamos que era possível corrigir com cirurgia e tratamento. Então tivemos muitas crianças deficientes na família. No início da minha carreira em educação eu era da educação regular e depois que eu fui trabalhar na educação especial. A escola que eu trabalhava como professora regular fechou e eu fui chamada na Secretaria responsável, por conta de um concurso que havia feito. Na secretaria tinha uma conhecida que estava se aposentando e ela trabalhava na educação especial e me pediu para levar o currículo para o secretário de educação, pois precisam de um profissional para substituí-la e eu já tinha um curso em educação especial. Essa vaga seria para trabalhar na sala do AEE. Nessa época eu já produzia material pedagógico para as crianças da educação infantil do regular e fui referência pelos projetos que desenvolvia, depois passei para o ensino fundamental com vários projetos também e por último que fui para educação especial e quando comecei a trabalhar com as crianças passei a ser referência na educação especial pelo trabalho que desenvolvia. Na época tinha muitas crianças com Deficiência Intelectual e síndrome de Down. Entrei em 1998 pelo concurso e comecei a trabalhar com Educação Especial em 2004. Foi

nessa época que comecei a confeccionar mais materiais específicos para a necessidade de cada criança. Em Abaetetuba todo ano acontece um encontro grande de Educação Especial que se juntam as quatro entidades: Estado, Município, APAE e Amilton Melo, formando um encontrão e as vagas desse encontro são distribuídas entre os municípios vizinhos como: Belém, Barcarena e todo baixo Tocantins esse encontro é para uns 600/700 professores mais ou menos. Reservamos uma escola bem grande para que o evento aconteça e separamos por oficinas. Existem mesas redondas e sempre uma oficina era de responsabilidade minha. Começou com os professores das salas de recurso, depois a gente viu a necessidade dos professores das salas regular, pois os professores que participavam daqui de Belém já falavam que aqui estava muito atrasado e que não estavam preparados e falávamos: “Então vamos preparar!” Esse encontro era feito com os professores do regular e cada oficina é sobre uma deficiência: deficiência intelectual, autismo, cegueira, baixa visão, surdo, altas habilidades e eu sempre fiquei com a oficina de recursos pedagógicos (acessibilidade). Preparamos muitos professores e hoje em dia nenhum professor diz: “eu não estou preparado para receber uma criança com deficiência” ele não pode dizer isso.

**PE:** Quer dizer que o evento era para professores que trabalhavam com Educação Especial e vocês ampliaram para todos os professores da sala regular?

**Maria Flor:** Isso! Eles estão todos preparados para atender qualquer tipo de criança. Já realizamos esses encontros há mais de 15 anos lá em Abaetetuba. Trabalhamos faz tempo com essas formações. Agora os professores dos meus alunos, eu dava formação no começo e no final do primeiro e segundo semestre. Formação para todos os professores, porque lá não existe professor estagiário. Eu fiquei surpresa quando vim aqui para Belém e ver estagiário, lá temos: professor cuidador<sup>42</sup>. Lá em Abaetetuba juntamos os pais, as crianças, professores e preparamos um documento e fomos juntos para a Câmara Municipal de Vereadores e foi feito uma emenda parlamentar para formar o cargo de professor cuidador. Então lá nós temos um professor cuidador. Esse professor ele tem que ser pedagogo, ele tem que ter no mínimo cursos de aperfeiçoamento de 180 horas para ele poder atuar dentro da sala de aula com o aluno. Por isso que eu digo que lá em Abaetetuba eles estão mais à frente na Educação Especial. Aqui em Belém os pais têm que ir para o MP - Ministério Público para ter estagiário, gente que não tem experiência na área, o próprio nome está falando “estagiário”. Mas tudo bem! É o que temos, então vamos abraçar. E como faço aqui na escola com esse estagiário? Eu chamo, dou orientação e todas as formações que eu fizer aqui, ele tem que estar junto.

**PE:** Faz parte da sua função como professora especializada do AEE dar essa formação aos professores?

**Maria Flor:** A minha função aqui na escola em Belém é formar os professores dos meus alunos. Lá em Abaetetuba eu tinha as crianças da escola que eu atuava e as crianças do interior que vinham do interior para terem atendimento comigo e quando precisava eu ia lá para o sítio também no interior e dava orientação para os professores e quando eu marcava uma formação na cidade eu os chamava através de memorando e ofício, dizendo que eles tinham que vir para formação aqui na escola e eles vinham lá do sítio.

**PE:** Quando aconteciam essas formações?

**Maria Flor:** Quando eu via que tinha necessidade.

**PE:** Então não tinha um período fixo? O encontro acontecia uma vez por ano?

---

<sup>42</sup> Professor Cuidador tem a responsabilidade de proporcionar acompanhamento individualizado ao aluno com deficiência, viabilizando sua mobilidade no ambiente escolar, atendimento de necessidades e cuidados pessoais e a realização de tarefas pedagógicas adaptadas que não são realizadas pelo professor do ensino regular.



**Maria Flor:** O encontro acontece anualmente, geralmente em setembro ou outubro. Já na escola eu via a necessidade. Eu ficava sempre observando se estava faltando alguma informação para o professor e os orientava que quando tivessem com qualquer problema com os alunos, de conteúdo, de disciplina que poderiam me procurar. E eles me falaram e organizamos a formação. Tinha um professor que tinha aquela dificuldade, mas tem outro professor que não queria nem falar. O que eu fiz? Não vou dar a formação só para aquele que apresentava aquela dificuldade, eu juntava todos da escola e a diretora parava uma sexta feira e naquele dia não tinha aula na escola inteira. As mães já sabiam, tanto as mães das crianças que não tem deficiência quanto as mães das crianças que têm deficiência e elas queriam isso, sabe por quê? Porque mudava a metodologia, mudava a forma de trabalhar. A criança que tem deficiência, que tem o transtorno consegue aprender com essa metodologia diferenciada, imagina uma criança que não tem deficiência nenhuma que não tem nenhum transtorno, era mais fácil para ela ser alfabetizada, mais fácil dela aprender. Eu observava que com os estímulos apresentados, mais habilidades as crianças desenvolviam, e o resultado aparecia. Eu não tenho problemas com os alunos, eu vejo o problema com alguns professores que não querem aprender, porque cada ser humano é um ser humano. Tem aquele professor que não quer sair da sua zona de conforto. É aquele professor que fica ali com aquele seu caderno “amarelado” (aquele caderno antigo, com as folhas amarelas), porque ele já tem tudo pronto de um ano para o outro, então chega uma criança com um transtorno, uma deficiência, ele vai ter que mudar se ele não mudar ele não vai conseguir nada. Então ele mesmo vai sentir aquela necessidade, eu tento fazer que ele sinta, porque quando eu pergunto: como está João? E o professor responde: “ele não conseguiu fazer nada”, aí eu pergunto: “o que você fez?”, “o que você fez para ele tentar conseguir? Aí o professor responde: “eu passei no quadro”. Eu respondo: “você não vai conseguir assim, então você não fez nada de diferente”. Então vou lhe dar um papel aqui e você vai me dizer: o que foi como você trabalhou? O que foi que você fez? Qual foi o material que você usou? Qual foi a estratégia que você usou para dar sua aula? Qual foi o recurso que você utilizou? Porque se você usou todos os recursos, todas as estratégias que você tem conhecimento e ele não conseguiu é uma situação, mas se você não mudou? não teve estratégia nenhuma? não utilizou nenhum recurso? então não foi ele que não conseguiu, foi você que não conseguiu.

**PE:** Qual sua maior dificuldade no campo de atuação com os professores?

**Maria Flor:** eu acho que a maior dificuldade é como eu disse: tem alguns professores que não querem sair dessa zona de conforto, então eu não posso chegar e dizer: “você tem que mudar”, “você tem que mudar essa metodologia”, “você tem que mudar essa maneira de falar com a criança”, “você tem que mudar sua maneira de olhar para criança”.

Como eu falei a barreira atitudinal é a mais difícil, porque a pessoa já nasce com aquilo, ela tem um pensamento que não quer mudar, não quer ter um pensamento novo, não quer sair da sua zona de conforto. Quer encontrar tudo pronto. Eu por exemplo passo muitas vezes meu final de semana fazendo material. E as pessoas pensam assim: “eu não vou passar meu final de semana fazendo material”, então é essa é a maior dificuldade. Entendeu? Agora tem a dificuldade também, né? Que o município o Estado e Governo Federal tem obrigação também de dar o suporte para o professor, de dar material didático, todo esse aparato do professor para poder fazer seu trabalho, tem também tem essa parte, entendeu? A parte do Governo e a parte do Professor.

Se cada um fizesse a sua parte nós estaríamos com a nossa educação muito melhor, muito melhor, com certeza.

**PE:** Conte um fato que aconteceu que te chamou a atenção com você e com seu aluno.

**Maria Flor:** Ah, nós temos muitos, temos muitas coisas que me chamaram atenção. Uma das coisas que me chamou a atenção foi que um aluno deficiente físico e com paralisia cerebral, ele não fala, ele tem uma dificuldade muito grande que ele não consegue esse movimento de pinça, de garra nos dedos e que lá no sítio, antes de chegar na minha sala as 3:00 horas da manhã a mãe tem que acordar, carregar ele, dar o café, está na ponte esperando o barco, lá vem o pô,pô,pô,<sup>43</sup> carrega, essa criança coloca no barco e vem, chega lá na feira de Abaetetuba, carrega essa criança, tira do barco, sobe uma escada de 18 degraus com a criança no colo, chega lá em cima pega um táxi, coloca a criança no táxi e vai embora e chega 6:30 da manhã na escola. Quem está esperando na porta da escola? Eu, primeiro que o vigia. Porque eu chego cedo? Essa criança e essa mãe passaram todo esse sacrifício, e vão ficar esperando até 7:00 horas para eu chegar na escola? Às 6:15 eu já estava na escola, às 6:30 a criança chegava era carregada para minha sala. Eu consegui uma cadeira de rodas para essa criança, lá na escola a cadeira dela era de tábua corrida com uma madeira horrível, dura, a sala era escura e nós conseguimos através da prefeitura, a ponte que ela atravessava, queria que você visse a ponte como era. E Graças a Deus nós conseguimos através da Prefeitura uma reforma da ponte para ser de alvenaria, conseguimos para escola ter mais iluminação e ele conseguiu ler, ele conseguiu escrever o nome dele, e foi muito gratificante as lágrimas saindo dele quando ele conseguiu, com aquele teclado de colmeia, ele apoiava a mão aqui para tirar os dedos. Com todos esses materiais trabalhando aqui a pinça dos dedos e ele conseguiu digitar o nome dele, ele conseguiu digitar Natalino, e ele se agitou fazendo sons para eu bater foto de tudo, a coisa mais linda e quando a mãe chegou, ele mostrou e a mãe chorou. Foi uma coisa muito emocionante!

**PE:** Ele tinha quantos anos professora?

**Maria Flor:** Olha ele tinha uns 10 anos, 10 anos de idade. Ele chegou para mim já tarde, ele chegou para mim com uns 8 anos, porque quando as crianças chegavam para mim vinham algumas da APAE, pois uma mãe falava para outra, e elas falavam: “- olha meu filho com deficiência e a professora conseguiu fazê-lo ler!” Lá na escola Daí eles tiravam a APAE e traziam para escola. Só que eu disse assim, olha presta atenção! aqui o seu filho vai ser assistido pedagogicamente e lá na APAE, ele tem dentista, ele tem neurologista, ele tem hidroginástica porque lá tem a piscina, ele tem uma brinquedoteca, ele tem a sala de leitura aqui só vai ter o AEE, e as mães respondiam: não importa eu quero aqui. E quando a criança chegava era com 10, 12 anos de idade. E é isso, quando a criança chegava para mim, essa criança já tinha 10, 12 anos aí meu Deus! tem que começar a fazer tudo do zero, entendeu? Porque a criança não sabia nem pegar no lápis. A APAE é muito boa em estimulação, a APAE é excelente na parte de estimulação precoce, fazer a criança andar se desenvolver, eles têm um trabalho magnífico de dança, porque eles veem a habilidade da criança e incentiva e trabalha em cima disso, mas aí quando chega na parte pedagógica eles vinham para mim. A maioria das crianças vinham do sítio para mim, porque eu trabalhava nessa parte. Então era muito emocionante quando a criança conseguia escrever o nome dela, era muito gratificante pra gente, eu fico muito feliz mesmo eu e meu marido com o material que fazíamos: a adaptação na cadeira de rodas, adaptação em pegar um lápis, adaptação para pegar na tesoura e eles conseguirem segurar o papel e o aluno conseguir cortar com a tesoura adaptada um pedaço de papel e a mãe chorar de ver o filho desenvolver essas habilidades, eu estava chorando, a criança chorando, isso é muito gratificante, são pequenas coisas que a criança vai evoluindo que tem pessoas que não percebem, que não são sensíveis e não vêem a evolução porque não convive com aquela

---

<sup>43</sup> **Pô-Pô-Pô:** Embarcação típica ribeirinha, composta por um a canoa coberta, movida a motor de 2 tempos. Possui esse nome devido ao barulho produzido pelo motor quando está navegando pelo rio

criança, mas a família que convive, a gente que convive com aquela criança qualquer mudança, qualquer evolução é vitória.

**PE:** Muito linda essa história, porque você vê todo percurso que a criança faz para chegar até a escola e vocês se mobilizarem enquanto comunidade para poder oferecer o melhor para ela até em uma recepção, uma preparação no ambiente escolar faz toda a diferença. (Entrevista realizada em 13 de junho de 2023).

Observa-se o movimento que foi feito em toda uma barreira arquitetônica que existia para facilitar o trajeto da criança e de sua mãe até a escola. O cuidado e a empatia da professora em chegar mais cedo na escola para receber essa criança é uma forma de afetividade é uma forma de mostrar que aquela criança, aquela mãe é importante para a escola.

**PE:** E das práticas pedagógicas que você já realizou qual delas considera mais significativa em seu trabalho?

**Maria Flor:** Mana, olha eu vou te dizer, vou ser bem sincera, todas as práticas pedagógicas que executo com as crianças é de acordo com a necessidade dela. Todas elas são necessárias, são importantes para aquela criança, porque depende de cada criança. Cada criança tem uma necessidade, entendeu? Então, em cada prática pedagógica desenvolvida com a criança, ela é única e ela é necessária.

Então todas são importantes. Por exemplo, a parte da música, a parte da história, a parte do desenho, a parte do recurso pedagógico.

Vamos dizer assim, tudo que você trabalha com a criança que tem uma deficiência, que tem um transtorno, você tem que avançar você tem que usar os cinco sentidos da criança, para que ela tenha aquele conhecimento para que ela consiga reter aquilo, para ela conseguir se desenvolver. Eu trabalho muito audiovisual, trabalho muito em concreto. Então tem que ser trabalhado o concreto para criança para ela poder se desenvolver, trabalho sensorial isso é muito importante então todas as práticas que a gente trabalha elas são essenciais, elas são necessárias para aquela criança, porque se elas não forem necessárias, então para que você vem trabalhar? Não tem lógica você fazer uma prática pedagógica que não vai fluir nada, não vai adiantar, então todas são importantes. O audiovisual, os recursos pedagógicos, o computador. Trabalhamos com a música para trabalhar o psicomotor dela, para trabalhar o espacial, o temporal, para trabalhar tudo com a criança. Mexeu com o corpo e tudo isso é necessário trabalhar com a criança, entendeu? Se algo não faz sentido, não tem por que existir.

**PE:** O que é a prática pedagógica para você?

**Maria Flor:** a prática pedagógica é tudo o que você faz para a criança para que a criança entenda, isso é a prática pedagógica. Por exemplo: Essa montanha russa aqui pode ser um brinquedo? Pode ser um recurso pedagógico? depende do objetivo que eu tenho com ela. Se eu pego essa montanha russa aqui dou para ela e vou me embora tomar água? É um brinquedo, mas se eu tenho um planejamento ali para ela que ela eu vou trabalhar com ela a atenção, concentração, as linhas retas, espiral, as curvas, as cores, as formas geométricas se você observar aqui está tudo em forma geométrica (círculo, quadrado e retângulo), então esse é o meu recurso pedagógico. Qualquer coisa na mão de um professor que ele utilizar para que a criança tenha algum desenvolvimento ele se torna um recurso pedagógico. Tudo irá depender do objetivo que o professor tem com aquela criança. Eu posso trabalhar com esse mesmo ábaco aqui com três crianças, mas com cada uma vai ser de uma forma diferente. Posso trabalhar com esse aqui também, mas com cada criança de uma forma diferente,

entendeu? Porque cada criança é única. Aí o objetivo para cada uma é diferenciado.

**PE:** O que você considera Maria Flor, que é fundamental para que a prática pedagógica seja eficiente?

**Maria Flor:** como eu já lhe falei é a pessoa trabalhar com amor e ter consciência do que tá fazendo, porque não adianta você ter uma sala cheia de material e você não saber trabalhar, então você tem que saber ter um conhecimento, você ter amor, você ter prazer no que você tá fazendo, você ter o conhecimento, você tem que ter o conhecimento, você tem que conhecer a criança e você tem que saber o que você tá fazendo. Se você não souber o que você está fazendo não vai valer de nada. Eu fui numa escola fazer uma visita quando estava na faculdade ainda e quando chegou nessa escola e eles abriram a sala do AEE da escola e tinha três armários e eles abriram os três armários, meus olhos brilharam, você não tem ideia do material que tinha lá. Todo material foi dado pelo governo e a escola comprou, materiais tudo de madeira, materiais para você trabalhar, tudo que você pode trabalhar dentro de uma sala de aula tanto do regular quanto do AEE. Eu olhei e falei: “Meu Deus, que coisa linda! Meu pai do céu! Isso é um sonho!” aí quando eu fui bem de perto, eu fui olhar adivinha? Eu olhando de longe não enxergava, pois eu tenho miopia, e falei: “Meu Deus! Quanto tempo tem isso aqui? Eles responderam: “Desde sempre, tem muitos anos! e eu indaguei: Que legal! então vocês fazem um ótimo trabalho aqui? Quando eu cheguei perto e fui olhar todos os materiais estavam ainda com lacre. Todos no plástico ainda. Significa o quê? que não foram usados, não sabem usar, não sabe para que servem, nem como usar. Naquele momento parece que me deram uma facada no peito. Aí o pessoal que estava comigo todo empolgado falando da escola, que era muito legal. Aí eu perguntei para eles: “Vocês repararam bem nesse material? Olhem direito! prestem atenção! Eles responderam: “muito legal! material todo novo, de matemática, português, isso e aquilo” Daí pedi para professora da universidade observar (da UEPA) Aí a professora falou: Nossa Maria Flor, essa escola está de parabéns! É muito legal! é muito bacana! É muito material! Daí eu falei para ela: “Olhe direito! Está tudo lacrado! O que significa? que nunca trabalharam com esse material”. E continuei: Meu Deus, será que a gente não pode solicitar para ir para nossa escola? Chamei a coordenadora da escola e perguntei: Por que que tá tudo lacrado? A professora ficou toda sem graça, nunca trabalharam? E como ela havia dito que já estava muito tempo lá. A nossa professora para não constranger muito mudou de assunto. Como falei anteriormente, não adianta termos o material e não sabermos como utilizar ou ter o objetivo para com cada recurso. (Entrevista realizada em 13 de junho de 2023).

Foi possível observar também durante as entrevistas algumas posições capacitistas e anticapacitistas da professora, ela afirma que aprende, com metodologia diferenciadas. Não pode ser a mesma metodologia, homogênea, também afirma que é difícil alfabetizá-la, comparando com as crianças sem transtornos.

Ela destaca também sobre a mudança de comportamento e visão que devemos ter em relação à criança com deficiência e que se algo não está dando certo no trabalho com a criança o problema é nosso e não delas, propondo mudanças de estratégias para as outras professoras nos momentos de formação.

A professora parece ter reconhecimento pelo que faz sendo reconhecida no trabalho que desenvolve e que já desenvolveu no processo de ensino e aprendizagem na área de educação especial.

O importante é termos consciência que recurso pedagógico sozinho não realiza o trabalho e sim com o objetivo e dedicação para ganharmos o coração e o interesse da criança e para que todo esse processo aconteça é necessário a afetividade que nos move para além de um olhar externo e sim que enxergue a criança em todo seu ser com respeito e dignidade.

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta pesquisa buscou-se refletir sobre o quanto o entendimento do que seja Afetividade e sua vivência na escola pode influenciar no desenvolvimento e no processo de inclusão das crianças com deficiência.

A presente dissertação abordou a afetividade como um elemento essencial no processo de inclusão das crianças com deficiência na Educação Infantil, partindo de uma análise histórica da educação inclusiva no Brasil, passando pela legislação pertinente e integrando perspectivas teóricas de autores como Wallon, que destacam a importância da afetividade na educação.

Primeiramente, o percurso histórico da Educação Infantil e Inclusiva no Brasil nos permitiu entender os avanços e desafios enfrentados ao longo dos anos. Em seguida, a análise das leis de inclusão revelou o suporte legal disponível para garantir os direitos das crianças com deficiência.

A Agenda 2030 foi destacada como um marco global que reforça o compromisso com a inclusão e a educação de qualidade para todos.

A discussão sobre a afetividade na educação, fundamentada em teorias de Wallon e outros autores, mostrou que a relação afetiva entre professor e aluno é crucial para o desenvolvimento cognitivo e emocional das crianças.

A afetividade na educação inclusiva, especificamente, foi identificada como um fator determinante para a criação de um ambiente escolar acolhedor e estimulante, onde as crianças com deficiência podem se sentir valorizadas e incluídas.

E por fim, os resultados da investigação a partir do estudo de caso e das entrevistas com a professora pesquisada do AEE da SRM implantada em uma escola pública da região metropolitana de Belém, permitiram inferir que a atuação da professora na perspectiva dos autores atende às necessidades da criança no plano afetivo, para que promova o seu desenvolvimento em todos os níveis.

O estudo de caso demonstrou de forma prática como a afetividade pode transformar a experiência educacional das crianças com deficiência. A postura afetiva da professora, movida por um olhar atento e sensível, resultou em atitudes e recursos pedagógicos que promovam a participação ativa das crianças no processo educacional, em vez de meras espectadoras.

Dessa forma, concluímos que a afetividade não é apenas um complemento, mas um componente essencial da prática educativa inclusiva.

Ela possibilita a criação de vínculos positivos, favorecendo o desenvolvimento integral das crianças e a verdadeira inclusão escolar.

Foi possível observar e compreender o que é significativo nas interações que acontecem no ambiente escolar: a linguagem utilizada com as crianças, as ações da professora somadas à sua postura, a maneira de executar os gestos, as expressões faciais, o acolhimento como também os recursos pedagógicos utilizados e o planejamento individualizado de cada aluno foram fundamentais para esse processo de inclusão.

Foi possível observar também que para efetiva inclusão das crianças com deficiência, seriam necessárias algumas mudanças nas condições objetivas sobre as quais se desenvolve essa etapa da educação básica, em termos de melhoria das condições físicas, de infraestrutura do ambiente escolar, ampliação de espaços, formação específica dos professores, adequação do currículo, e principalmente a forma de se enxergar essa criança.

O olhar do professor para com o aluno com deficiência se torna o mais importante para sua ação educativa e afetiva. Observar a afetividade nesse processo de inclusão das crianças com deficiência dentro do ambiente escolar é dar destaque na atuação educativa de cada professor sabendo que seu papel é fundamental para que todo esse processo aconteça.

Entendemos a afetividade nesta pesquisa no ato de enxergar o outro como ele é. Esse olhar nos faz atuar de forma individualizada para com cada criança. Agindo de uma forma que toque o outro em seu mais profundo ser. Se humanizando e humanizando o próximo. Tal entendimento, por parte da escola, é vital para que problemas como indisciplina, desatenção, deficiência ou ausência de aprendizagem, tão comuns hoje em dia, possam ser evitados, minimizados ou mais adequadamente tratados.

Educar com afetividade é enxergar o outro independente da sua condição, é educar com resistência. É sermos testemunhas de uma nova forma de educar e ser educador. É rejeitar a opressão, a exclusão, o desrespeito, o desamor, é ser humano e ser capaz de humanizar com nossas ações o mundo.

Quando nos permitimos conhecer e ir ao encontro do outro somos capazes de amar e olhar esse outro com afetividade que nos torna mais humanos.

A “verdadeira” educação inclusiva é a educação integral que contempla o outro em sua totalidade. Como posso dizer que sou inclusivo se não dou testemunho de minha própria ação de respeito à criança com deficiência, sem viabilizar o ensino, a convivência, as relações, a interação e relacionamento com o outro ou com o ambiente escolar?

Acreditamos que muito ainda há para se fazer no processo de inclusão das crianças com deficiência, mas o primeiro passo já foi dado, resta despertar esse olhar atento para que as barreiras atitudinais não mais nos impeçam de enxergar o outro com afetividade.



## 6 REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, N. **Dicionário de Filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 2000.
- BALESTRA, Maria Marta Mazaro. **A Psicopedagogia em Piaget: uma ponte para a educação da liberdade**. Curitiba: Ibpex, 2007.
- BRASIL. **Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional**, LDB. 9394/1996. BRASIL.
- BRASIL, Ministério da Educação, (1997). **Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Fundamental**. Brasília, MEC/SEF
- BUBER, Martin. **Eu-Tu**. São Paulo: Centauro, 2001
- CALDEIRA, A.M.S.; ZAIDAN, S. **Prática Pedagógica**. In: OLIVEIRA, D.A.; DUARTE, A.M.C.; VIEIRA, L.M.F. DICIONÁRIO: trabalho, profissão e condição docente. Belo Horizonte: UFMG/Faculdade de Educação, 2010. CDROM
- CASTRO, Lucia Rabello de. **O Futuro da Infância e Outros Escritos**. Rio de Janeiro, 7 letras, 2013.
- CHIZZOTTI, A. **Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais**. São Paulo: Cortez, 1998.
- FERNANDES, Cleoni. **À procura da Senha da Vida-de-senha a Aula Dialógica?** In: VEIGA, Ilma Passos Alencastro (Org.). Aula: gênese, dimensões, princípios e práticas. Campinas: Papyrus, 2008. p.145-165.
- FREIRE, P. **Pedagogia do Oprimido**. 22. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra , 1987.
- FREIRE, Paulo & SHOR, Ira. **Medo e Ousadia. O Cotidiano do Professor**. 10ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 1986.
- GALVÃO, I. **Henri Wallon: Uma concepção Dialética do Desenvolvimento infantil**. Petrópolis: Vozes, 1995.
- GALVAO, Izabel. **A Questão do Movimento no Cotidiano de Uma Pré-Escola**. Cad. Pesqui, São Paulo, n. 98, p. 37-49, ago. 1996. Disponível em <[http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0100-15741996000300004&lng=pt&nrm=iso](http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15741996000300004&lng=pt&nrm=iso)>. acessos em 15 abril. 2023.
- GOODE, W. J. & HATT, P. K. - **Métodos em Pesquisa Social**. 3ªed., São Paulo: Cia Editora Nacional, 1969.
- GRANDINO, P. J. **Wallon e a Psicogênese da Pessoa na educação brasileira**. In: GRATIOTALFANDÉRY, H. Henri Wallon. Recife: Massangana, 2010. p. 31- 42.

HYCNER, Richard; JACOBS, Lynne. **Relação E Cura em Gestalt-Terapia**. Summus Editorial, 1997.

LA TAILLE, Yves et alii. **Piaget, Vygotsky, Wallon: Teorias Psicogenéticas em Discussão**. SP, Summus, 1992.

LAKOMY, Ana Maria. **Teorias Cognitivas da Aprendizagem**. Curitiba: FACINTER, 2003.

PAROLIN, Isabel Cristina Hierro. **As Dificuldades de Aprendizagem e as Relações Familiares**. Livro da 5ª Jornada de Educação do Norte e Nordeste. Fortaleza, 2003. In: BRILHANTE, Érica Souto de Abreu. Relações família-escola: sucessos e fracassos. Revista Psicopedagogia On Line. Acesso em 14/11/2023. Disponível em: <http://www.psicopedagogia.com.br/artigos/artigo.asp?entrid=568>.

PIAGET, J. **A Linguagem e o pensamento na criança**. (1923/1993). Martins Fontes, São Paulo, S.P., 1993.

MARCONI, M. A; LAKATOS, E. M. **Fundamentos da Metodologia Científica**. São Paulo: Editora Atlas, 2003.

MARTINS. E, SZYMANSKI. H. **A Abordagem Ecológica de Urie Bronfenbrenner em Estudos com Famílias**. Estudos e Pesquisas em Psicologia. 2004.

MERRIAM, S. B. **Qualitative Research and Case Study Applications in Education**. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.

MYNAIO, Maria Cecília de Souza. **O Desafio do Conhecimento: Pesquisa Qualitativa em Saúde**. 12.ed. São Paulo: Hucitec, 2010.

RIBEIRO, Jorge Ponciano. **O Ciclo do contato**. São Paulo: Summus, 1997.

SAVIANI, D. **Escola e Democracia**, 42ª ed. Campinas: Autores Associados, 2012.

SCHÜTZ A. **Fenomenologia e Relações Sociais**. Rio de Janeiro (RJ): Zahar; 1979.

SCHUTZ, Alfred. **Sobre Fenomenologia e Relações Sociais**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SOUSA, B.; LOPES, L. M.; AMARAL, M. A. F. do. **A Teoria Psicogenética de Piaget e o Papel do Professor**. Ciclo Revista: Vivências em Ensino e Formação (ISSN 2526-8082), [S. l.], v. 3, n. 1, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ifgoiano.edu.br/ciclo/article/view/669>. Acesso em: 3 fev. 2024.

STAKE, R. E. **The Art Of Case Study Research**. Thousand Oaks: Sage Publications, 1995

WALLON H. **Uma Concepção Dialética do Desenvolvimento Infantil**. Isabel Galvão. Ed. Vozes, 1995.

\_\_\_\_. **A Evolução Psicológica da Criança**. São Paulo: Martins Fontes, 2007.

\_\_\_\_. **Do Ato ao Pensamento: Ensaio de Psicologia Comparada**. Petrópolis: Vozes, 2008.

\_\_\_\_. **As Origens do Caráter na Criança. Os Prelúdios do Sentimento de Personalidade**. Tradução de Pedro da Silva Dantas. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, 1971.

Vygotsky, Liev Semiónovitch. **A Formação Social da Mente: o Desenvolvimento dos Processos Psicológicos Superiores**, 4 edição, São Paulo: Martins Fontes, 1991.

YIN, Robert K. - **Case Study Research - Design and Methods**. Sage Publications Inc., USA, 1989.

YIN, Robert K. **Estudo de Caso: Planejamento e Métodos**. 5. ed. Porto Alegre: Bookman, 2015.

ZAZZO, R. (1975). **El Niño de Seis Años**. Em: J., Leif; & P., Juif (Orgs.), *Textos de psicología del niño y del adolescente* (pp. 369-371). Madrid: Narcea. (Trabalho original publicado em 1956).

**E-book “Por uma Educação Democrática e Humanizadora”**  
<https://movinovacaonaeducacao.org.br/wp-content/uploads/2021/09/por-uma-educacao-democratica-e-humanizadora.pdf>

<https://repositorio.ufba.br/handle/ri/20650>

[https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id\\_trabalho=5826068](https://sucupira.capes.gov.br/sucupira/public/consultas/coleta/trabalhoConclusao/viewTrabalhoConclusao.jsf?popup=true&id_trabalho=5826068)

<https://languages.oup.com/google-dictionary-pt/>  
<https://www.significados.com.br>

## ANEXO

### ENTREVISTA COM A PROFESSORA

#### Identificação

Nome do Professor: \_\_\_\_\_ Idade: \_\_\_\_\_

Data de nascimento: \_\_\_/\_\_\_/\_\_\_\_\_ Sexo: fem. ( ) mas. ( )

Turma: \_\_\_\_\_ Disciplina: \_\_\_\_\_

#### Perguntas

1. Qual sua área de formação? Há quanto tempo?
2. Após a graduação, houve outros investimentos na sua formação?
3. Desde quando atua como docente?
4. Já atuou em outras modalidades de ensino que não seja a Educação Infantil?
5. Você se sente preparado para atuar na área em que está atuando?
6. Existe projeto para a formação continuada dos professores no CRIE? Como é? Quem são os responsáveis por tal formação?
7. Como são escolhidos os temas para formação continuada dos professores?
8. Em relação ao CRIE o que considera positivo? E negativo?
9. Quais os principais desafios você encontrou ou encontra trabalhando com as crianças com deficiência?
10. Como é a sua comunicação com as crianças com deficiência na educação infantil?
11. Usa algum tipo de recurso na interação professor e aluno?
12. Conte sobre a rotina dos alunos desde o momento de chegada ao atendimento até a saída?
13. Quantos dias da semana e quanto tempo você acompanha a criança? Como se dá o direcionamento? Como o professor organiza esse tempo?
14. Qual a importância da afetividade para você no relacionamento entre professor e aluno?
15. Você acredita que a afetividade pode facilitar no processo de inclusão das crianças que você trabalha?
16. Qual sua maior dificuldade no campo de atuação?
17. Conte um fato que aconteceu e que te chamou a atenção com você e com seu/a aluno/a?
18. Das práticas pedagógicas que realizou, qual delas considera mais significativa no seu trabalho?



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Você está sendo convidado (a) a participar desta pesquisa. As informações contidas neste termo serão fornecidas por **MARILÍDIA GUIMARÃES ALVES** (pesquisadora responsável), com a finalidade de autorizar sua participação com pleno conhecimento dos objetivos da pesquisa e tirar todas as dúvidas que possa ter sobre os procedimentos e os possíveis riscos.

#### 1. Título da Pesquisa:

**"A afetividade e as práticas pedagógicas no processo de inclusão das crianças com deficiência".**

#### 2. Objetivo Principal:

Analisar os impactos da afetividade nas práticas pedagógicas dos professores que trabalham com as crianças com deficiência.

#### 3. Justificativa:

O desenvolvimento desta pesquisa trará grandes contribuições ao cenário acadêmico para fomentar novas pesquisas sobre a temática e ampliação do debate, não só na educação superior, mas também na educação básica e infantil, pois pretende aprofundar as teorias acerca de novas possibilidades para inclusão e desenvolvimento integral das crianças com deficiência e possibilitar a reflexão sobre os impactos das práticas pedagógicas nas relações entre professor e aluno. Além disso, pretendo compreender os impactos da afetividade nessa relação com os alunos com deficiência e assim minimizar a exclusão dentro do âmbito escolar, impedindo certas discriminações e preconceitos que prejudicam a interação, aprendizagem e desenvolvimento integral dessas crianças.

**4. Procedimentos:** A participação nesta pesquisa ocorrerá por meio da observação da pesquisadora sobre as práticas pedagógicas dos professores especializados vinculados ao CRIE (Centro de Referência em Inclusão Educacional de Belém), na relação professor e aluno no ambiente escolar em que a criança está matriculada, acontecerá de 1 vez por semana no horário dos atendimentos na SRM (Sala de recurso multifuncional) em que as crianças são acompanhadas. Além disso, serão realizadas entrevistas com os professores para maior entendimento do processo de atendimento dessas crianças.

Rubrica Pesquisadora

*Marilidia Alves*

Rubrica Responsável

*Deividson*



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

**5. Riscos:** A participação nesta pesquisa não traz complicações legais. No entanto, durante a pesquisa poderá ocorrer alguma situação desconfortável com você. Caso este tipo de situação ocorra, a pesquisadora se compromete em respeitar os limites impostos pelos pesquisados proporcionando as condições mais favoráveis possíveis para a coleta dos dados da pesquisa. Se for o caso não insistiremos na continuidade da observação ou da entrevista.

**6. Benefícios:** Ao participar desta pesquisa a senhora (o senhor) não terá nenhum benefício financeiro. Entretanto, esperamos que este estudo traga informações importantes sobre a importância e as possibilidades das práticas pedagógicas dos professores com as crianças com deficiência no ambiente escolar e não escolar, de forma que o conhecimento que será construído a partir desta pesquisa possa ampliar as discussões sobre a temática, quando a pesquisadora se compromete em divulgar os resultados obtidos em um evento com você e/ou com outros profissionais da área.

**7. Retirada do Consentimento:** Você tem a liberdade de retirar seu consentimento a qualquer momento e deixar de participar da pesquisa, sem nenhum prejuízo.

**8. Garantia do Sigilo:** eu garanto a privacidade e a confidencialidade – seu nome e da pessoa que você é responsável não serão divulgados e nem farei propaganda nas mídias sociais sobre as entrevistas e observações realizadas.

**9. Formas de Ressarcimento das Despesas e/ou Indenização Decorrentes da Participação na Pesquisa:** Você não receberá nenhum pagamento ou recompensa por participar desta pesquisa, mas se ocorrer uma situação em que haja necessidade de cobrir despesas decorrentes da pesquisa ou danos causados pela pesquisa, os gastos serão de responsabilidade minha.

**10.** A qualquer momento da pesquisa você poderá entrar em contato pelos meios disponibilizados neste termo, como telefone ou e-mail, tanto da pesquisadora como do Comitê de Ética em Pesquisa (CEP).

**11.** o Comitê de Ética na Pesquisa (CEP) é um órgão institucional constituído por profissionais de várias áreas, que deve existir nas instituições que realizam pesquisas envolvendo seres humanos no Brasil. Ele foi criado para defender os interesses dos participantes das pesquisas de acordo com sua integridade e dignidade. Este órgão tem como objetivo contribuir no desenvolvimento das pesquisas dentro dos

Rubrica Pesquisadora

Rubrica Responsável



UNIVERSIDADE DO ESTADO DO PARÁ  
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E EDUCAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO  
MESTRADO EM EDUCAÇÃO

padrões éticos, das Normas e Diretrizes Regulamentadoras da Pesquisa envolvendo Seres Humanos, conforme a Resolução do Conselho Nacional de Saúde nº 466/1912. O Comitê de Ética é responsável pela avaliação e acompanhamento dos protocolos de pesquisa sobre normas éticas. O **Endereço do Comitê de Ética da UEPA** é: Tv. Percebeú, 2623, Biblioteca, 1º andar, bairro do Marco. Contato: (91) 3131-1781. E-mail: cep\_uepa@hotmail.com.

**12. Informações da pesquisadora:** Marilidia Guimarães Alves. End: Av. Tavares Bastos 1495. Bl D apt 103 – Contato: (43) 998351366 E-mail: marilidiauepa@gmail.com.

**13.** Este termo está impresso em 2 vias, sendo que uma fica com você e outra com a pesquisadora, ambas devem ser rubricadas em todas as suas páginas e assinadas, ao seu término, por você e pela pesquisadora, devendo as assinaturas estarem na mesma folha.

**Declaro que obtive de forma ética a assinatura do participante da pesquisa e que segue rigorosamente tudo o que a resolução do CNS nº 466/12 apresenta.**

*Marilidia Guimarães Alves*

Assinatura da pesquisadora

**14. Consentimento Pós-Informação:**

Eu, *Pedrina Brígida Araújo Soares*, após leitura e compreensão deste termo de informação e consentimento, entendo que minha participação, no Projeto de pesquisa: “**A afetividade e as práticas pedagógicas no processo de inclusão das crianças com deficiência**” é voluntária e que eu posso sair a qualquer momento do estudo, sem prejuízo algum. Confirmando que recebi uma via deste termo de consentimento, e autorizo a realização do trabalho de pesquisa e a divulgação dos dados obtidos somente em meio científico.

Belém, 04 de maio de 2023

*Pedrina Brígida Araújo Soares*

Assinatura do participante da pesquisa

Rubrica Pesquisadora

*Marilidia G. Alves*

Rubrica Responsável

*Pedrina Soares*



**Universidade do Estado do Pará**  
**Centro de Ciências Sociais e Educação**  
**Programa de Pós-Graduação em Educação**  
**Tv. Djalma Dutra s/n – Telegrafo**  
**[WWW.uepa.com.br](http://WWW.uepa.com.br)**

